

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DISSERTAÇÃO
HORÁCIO DUTRA MELLO

**Representação e uso da Internet por adolescentes de
Florianópolis**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFSC, no nível de mestrado, na linha “Educação e Comunicação”, sob orientação da professora Dra. Ingrid Dittrich Wiggers como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Florianópolis, 2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DISSERTAÇÃO
HORÁCIO DUTRA MELLO

Representação e uso da Internet por adolescentes de
Florianópolis

Florianópolis, 2007

Membros da comissão examinadora:

1. _____

Prof. Dr. Pier Cesare Rivoltella (Università Cattolica del Sacro Cuore di Milano)

2. _____

Profª. Dra. Gilka Girardello (UFSC)

3. _____

Profª. Dra. Mônica Fantin (UFSC)

4. _____

Profª. Dra. Ingrid Dittrich Wiggers (UFSC – Orientadora)

Vitória, Arthur e Angelita

Presenças fundamentais em minha caminhada

Agradecimentos

À Ingrid pelo apoio prestado em todos os momentos desta jornada do mestrado.

À Gilka pelos momentos de interlocução que tornaram possível o entendimento de muitos referenciais teóricos.

À Mônica pela disponibilidade em discutir detalhes metodológicos dos questionários e por proporcionar os encontros com o professor Rivoltella.

Ao Pier Cesare Rivoltella por sua infinita paciência com os meus inúmeros e-mails e conversas que propiciaram a chegada a esta dissertação.

À Iria pela tradução dos questionários do italiano para o português.

Aos colegas de mestrado pelas trocas que realizamos em sala e fora dela, vitais para manter o ânimo. Em particular ao Grupo dos nove, colegas da linha Educação e Comunicação do ano de 2005 – 2006.

Aos professores do PPGE, em particular aos da linha Educação e Comunicação.

À coordenação e aos servidores do PPGE, pela maneira que nos auxiliaram em todos os momentos.

Aos meus professores de graduação da FAED/UDESC, em particular as professoras Maria Cecília Coelho, a Sonia Melo e Vera Gaspar, por terem me ajudado a entender o caminho da pesquisa acadêmica.

À direção, professores e funcionários da EBM Almirante Carvalhal, em particular ao professor Paulo Heingen, que viabilizou a realização de nossa pesquisa neste campo.

À direção, professores e funcionários da EBM Mâncio Costa, em particular a professora Fernanda Lino, que viabilizou a realização de nossa pesquisa neste campo.

Aos alunos das 7ª e 8ª séries do ano de 2006 das escolas Almirante Carvalhal e Mâncio Costa pela acolhida e participação nesta pesquisa, peças chaves desta investigação acadêmica.

À direção, professores e funcionários do Colégio de Aplicação da UFSC pelo tempo disponibilizado para a realização de nosso estudo de mestrado.

Ao amigo Telmo Curcio (*in memoriam*) que sempre serviu de interlocutor para as questões da cultura no cotidiano de Florianópolis.

À minha família que mesmo de longe me apóia diariamente. Em particular a minha tia Maria Ana, pelo esforço e apoio em nossos estudos desde a mais tenra infância, proporcionando as condições materiais para que fossemos bem na escola.

Ao meu pai Benjamin, pela ajuda na correção de nossa dissertação.

À Vitória e ao Arthur que souberam entender a nossa necessidade de apoio e concentração, sem pedir quase nada em troca.

À Angelita, razão de ser desta dissertação, a qual em dias e noites juntos, possibilitou a escrita deste relatório de pesquisa. Com sua cobrança amiga de disciplina e rigor, e que muitas vezes funcionou como uma “orientadora”, só que em casa.

Lista de siglas

ANPED – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação

ARPA - Advanced Research Projects Agency

ARPANET – Rede de dados da ARPA

BASIC - Beginners All-Purpose Symbolic Instruction Code

BBS - Bulletin Board System

CCCS - Centre for Contemporary Cultural Studies

CDI – Comitê para Democratização da Informática

CDISC - Comitê para Democratização da Informática em Santa Catarina

CGIBr – Comitê Gestor da Internet Brasil

CIC – Centro Integrado de Cultura

COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação

CRA - Conselho Regional de Administração

DCT - Divisão de Cultura Tecnológica

EBM – Escola Básica Municipal

ED – Escola Desdobrada

EIC - Escolas de Informática e Cidadania

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EUA – Estados Unidos da América

FAED – Faculdade de Educação

GT – Grupo de Trabalho

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MORPG – Multi-user Massive Online Role Playing Game

NSF - National Science Foundation

NTE/PMF - Núcleo de Tecnologia Educacional da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Florianópolis

NTIC – Novas Tecnologias de Informação e Comunicação

ONG – Organização não Governamental

PPGE – Programa de Pós-graduação em Educação

PPP – Projeto Político Pedagógico

RA – Reunião Anual

RME – Rede Municipal de Ensino

RNP – Rede Nacional de Ensino e Pesquisa

RS – Rio Grande do Sul

SAR - Secretaria da Agricultura e Desenvolvimento Rural

SI - Sala Informatizada

TCD – Tecnologia de Comunicação Digital

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UIT – União Internacional de Telecomunicações

UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina

URCAMP - Universidade da Região da Campanha

RESUMO

MELLO, Horácio Dutra. **Representação e uso da Internet por adolescentes de Florianópolis.** Florianópolis, 2007. 169 p. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina.

O trabalho objetiva analisar representações e usos dos adolescentes frente ao computador conectado à Internet, entendendo-os como receptores no contexto da comunicação mediada pelas tecnologias de informação e comunicação (TICs). Partindo do princípio que a Internet se constitui como uma das possibilidades de consumo dos adolescentes, o trabalho apresenta uma investigação realizada através de questionários aplicados a adolescentes em duas escolas da rede pública municipal da cidade de Florianópolis/SC. Entre os resultados obtidos ressaltamos o fascínio que a Internet exerce sobre os adolescentes investigados e ainda a facilidade deles em dominarem seus recursos. Observamos ainda que o acesso físico é solitário, mas virtualmente acompanhado. Para os adolescentes a Internet é essencialmente meio de comunicação e espaço de lazer, sendo muito pouco aproveitada para a produção e divulgação de conteúdos de sua comunidade, enfim de sua cultura. Considerando a realidade desses sujeitos como eminentemente comunicativa, buscou-se a aproximação com os referenciais dos Estudos Latino-Americanos de Recepção, salientando-os enquanto Estudos Culturais. Para realizar a investigação com os adolescentes, utilizou-se um modelo metodológico semelhante ao adotado pelo projeto “Mediappro” da Comunidade Européia, especificamente no trabalho intitulado “*I Ragazzi del web*” de Pier Cesare Rivoltella, da Università Cattolica del Sacro Cuore (Milão - Itália).

Palavras-chave:

Internet; Estudos Culturais; adolescência; Estudos Latino-Americanos de Recepção.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: NOVAS TECNOLOGIAS E NOVAS INTERAÇÕES SOCIAIS	10
1.1 Navegando por rumos, derivas e portos seguros: contextualizando o problema de pesquisa.....	18
2. CONCEPÇÃO TEÓRICA: INTERNET, ESTUDOS CULTURAIS E SUA RELAÇÃO COM AS INVESTIGAÇÕES SOBRE ADOLESCENTES	24
2.1 Os Estudos Culturais	27
2.2 Os Estudos Latino-americanos de recepção	29
2.3 Adolescência.....	34
2.4 Representação e uso da Internet	37
2.5. Mídia-educação, adolescentes e outras pesquisas relacionadas	42
3. ESCOLHA METODOLÓGICA: OS RUMOS PERCORRIDOS PELA PESQUISA	50
3.1. A escolha dos campos de pesquisa	50
Escolas Básicas atendidas.....	51
3.2 Os instrumentos, a forma de coleta e análise de dados.	54
3.3 A entrada no campo de pesquisa	59
4. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS: O UNIVERSO PESQUISADO	63
4.4.1 Primeira etapa: aplicação do questionário inicial (anexo I)	63
4.4.2 Segunda etapa: aplicação dos demais instrumentos (anexos II, III, IV e V)..	74
4.4.2.1. Usuários leves.....	74
a) Perfil e consumo de mídias	74
b) A representação da Internet.....	76
c) O uso da Internet	79
4.4.2.2 Usuário moderados.....	79
a) Perfil, as práticas culturais e o consumo de mídias.....	79
b) A representação da Internet.....	81
c) O uso da Internet	83
4.4.2.3 Os superusuários.....	85
a) Perfil, as práticas culturais e o consumo de mídias.....	85
b) A representação da Internet.....	86
c) O uso da Internet	87
4. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS: O UNIVERSO PESQUISADO	91
4.4.1 Primeira etapa: aplicação do questionário inicial (anexo I)	91
4.4.2 Segunda etapa: aplicação dos demais instrumentos (anexos II, III, IV e V)	102
4.4.2.1. Usuários leves.....	102
a) Perfil e consumo de mídias	102
b) A representação da Internet.....	104
c) O uso da Internet	107
4.4.2.2 Usuário moderados.....	107
a) Perfil, as práticas culturais e o consumo de mídias.....	107
b) A representação da Internet.....	109
c) O uso da Internet	111
4.4.2.3 Os superusuários.....	113
a) Perfil, as práticas culturais e o consumo de mídias.....	113
b) A representação da Internet.....	114

c) O uso da Internet	115
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
6. REFERÊNCIAS	122
6.1 Outras Referências Consultadas	131
7. ANEXOS	136

1. Introdução: novas tecnologias e novas interações sociais

”[...] os meios de comunicação são rodas de fiar no mundo moderno e, ao usar estes meios, os seres humanos fabricam teias de significação para si mesmos.”
(THOMPSON, 1998, p. 20).

Nas últimas décadas as rotinas diárias sofreram inúmeras alterações, fazendo com que atividades que outrora eram simples, se revestissem de funções cujos sentidos só podem ser identificados em seu contexto. Estas mudanças geram um ciclo de complexidades cada vez maior que parece envolver os sujeitos gradativamente e criam um dos sintomas da modernidade tardia, que é a eterna sensação do “déjà vu”, do “já vivi”, do “não tem graça”. (THOMPSON, 1998, p. 38 – 39)

Ao mesmo tempo em que agimos e compreendemos a complexidade que nos envolve, também mergulhamos em profunda crise de identidade. Assim, não sabemos qual das identidades nos faz: homem, branco, ocidental, heterossexual, estudante, professor, gaúcho, brasileiro e inúmeras outras classificações que nos exigem comportamentos distintos em diferentes momentos, às vezes em um só dia. E pensamos que ao ser composto de tantas visões não somos nenhuma e somos todas ao mesmo tempo.

Neste contexto, um dos elementos que interliga as diferenças observadas e que participa das rotinas comuns do dia-a-dia até as atividades mais complexas é o evento das “novas tecnologias”.

As novas tecnologias podem ser caracterizadas pelos inventos que surgiram a partir do século XVIII, “como a máquina a vapor, a fiadeira, o processo Cort em metalurgia e, de

forma mais geral, a substituição das ferramentas manuais pelas máquinas” (CASTELLS, 1999, p. 71) auxiliando o homem em seu cotidiano.

Cem anos depois surge uma segunda revolução tecnológica com o desenvolvimento da eletricidade, do motor de combustão interna, de produtos químicos com base científica, da fundição eficiente de aço e pelo início das tecnologias de comunicação, com a difusão do telégrafo e a invenção do telefone. (idem, p.71).

Já no século XX, por volta de 1940, com o surgimento do computador teve início à chamada terceira revolução. Mas este novo período foi concretizado e difundido somente 30 anos depois,

Na década de 1970 um novo paradigma tecnológico, organizado com base na tecnologia da informação, veio a ser constituído principalmente nos Estados Unidos, foi um segmento específico da sociedade norte-americana, em interação com a economia global e a geopolítica mundial, que concretizou um novo estilo de produção, comunicação, gerenciamento e vida. (ibidem, p.43).

Assim surgiram as “Novas Tecnologias de Informação e Comunicação”, ou simplesmente NTICs. As NTICs provocaram mudanças que atingem praticamente todos os campos de atuação do ser humano, e foram modificadas por estes campos, num movimento dialético, tais como a educação, a política, as comunicações, o trabalho, entre outros. (THOMPSON, 1998, p. 47-48).

Para autores como Castells (1999, p. 69), sendo a informação, uma das matérias primas da sociedade atual e o seu produto o conhecimento, este período é caracterizado pela aplicação destes conhecimentos para a geração de outros conhecimentos e de dispositivos de processamento da comunicação da informação, formando um ciclo de retro alimentação cumulativa.

Neste contexto, o acesso, entendimento, filtragem e aplicação adequada das informações provenientes das NTICs é um diferencial para o desenvolvimento das populações. Para Werthein (2000, p. 1), dentre os fatores que justificam as expectativas positivas sobre a necessidade de conviver neste cenário, denominado “sociedade da informação¹”, encontra-se:

¹ A expressão "sociedade da informação" passou a ser utilizada, nos últimos anos desse século, como substituto para o conceito complexo de "sociedade pós-industrial" e como forma de transmitir o conteúdo específico do "novo paradigma técnico-econômico". [...] Procura expressar as transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como "fator-chave" não mais os insumos baratos de energia – como na sociedade industrial – mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços

a) a possibilidade de implementar materialmente a lógica de redes e com isso obter resultados imprevisíveis da criatividade que emana da interação complexa, desafio quase intransponível no padrão tecnológico anterior. Pode-se desenvolver por exemplo, a integração ensino/aprendizagem de forma colaborativa, continuada, individualizada e amplamente difundida.

b) A flexibilidade é, talvez, o elemento que mais fortemente fundamenta as especulações positivas da sociedade da informação. É ela que incorpora, a idéia de "aprendizagem". A capacidade de reconfiguração do sistema refere-se a maior disponibilidade para a incorporação da mudança. A noção de "aprendizagem" passa a ser empregada em vários níveis. Obviamente, a flexibilidade também dá fundamento às expectativas de contínua adaptação de trabalhadores e consumidores, produtores e usuários, o que coloca o contínuo aperfeiçoamento intelectual e técnico como requisito da sociedade da informação.

Nas características apresentadas pelo autor, a convergência tecnológica reforça os efeitos da sinergia decorrente da penetrabilidade da tecnologia da informação.

Com isso,

[...] é possível compreender a fascinação (e o temor) com uma utópica sociedade informatizada em que não apenas o desenvolvimento tecnológico parece não ter limites nem desacelerar e, dessa forma, alterar continuamente todos os processos que afetam a vida individual e coletiva. Se a corrida espacial frustrou a imaginação popular de viagens interplanetárias ao alcance de todos no século XXI, os avanços da telemática e da microeletrônica prometem colocar ao alcance da mão facilidades nunca antes imaginadas em termos de bem-estar individual, lazer e acesso rápido, ilimitado e eficiente, ao rico acervo do conhecimento humano. [...]. (WERTHEIN, 2000, p. 5).

Por outro lado vemos hoje imensas parcelas de seres humanos, vivendo abaixo do limite considerado mínimo para sobrevivência², como se ainda estivessem na idade média, distantes dos recursos tecnológicos, sem o uso de uma lâmpada elétrica, muito menos acesso a água potável ou ao saneamento básico.

tecnológicos na microeletrônica e telecomunicações. Esta sociedade pós-industrial ou "informacional", como prefere Castells, está ligada à expansão e reestruturação do capitalismo desde a década de 80 do século que termina. As novas tecnologias e a ênfase na flexibilidade – idéia central das transformações organizacionais – têm permitido realizar com rapidez e eficiência os processos de desregulamentação, privatização e ruptura do modelo de contrato social entre capital e trabalho característicos do capitalismo industrial. (WERTHEIN, 2000, p. 2)

² Renda pessoal diária de US\$ 1,00.

Nos sistemas onde não há investimentos suficientes na formação de sujeitos capazes de participarem desta transformação, é quase impossível acompanhar a revolução das novas tecnologias da informação e comunicação e buscar o equilíbrio social desejado.

As populações que, por encontrar-se em situação de risco social ou distante dos centros urbanos, estão excluídas tanto socialmente, quanto digitalmente, sem acesso aos bens e serviços do mundo digital e, portanto, sem acesso às informações nele veiculadas.

Na verdade há grandes áreas do mundo e consideráveis segmentos da população que estão desconectados do novo sistema tecnológico [...] Além disso, a velocidade da difusão tecnológica é seletiva tanto social quanto funcionalmente. O fato de países e regiões apresentarem diferenças quanto ao momento oportuno de dotarem o povo do acesso ao poder da tecnologia representa fonte crucial de desigualdade em nossa sociedade. (CASTELLS, 1999, p. 70).

Assim, em paralelo as reflexões sobre as potencialidades do acesso e utilização das NTICs, observa-se a necessidade de apresentar-se também os seus riscos, especialmente o da Exclusão Digital, já que o acesso a estes recursos ainda é desigual.

Para Silveira (2001, p. 18), pode-se iniciar o entendimento sobre a exclusão digital a partir de “uma definição mínima que passa pelo acesso ao computador aos conhecimentos básicos para utilizá-lo”, seguida de “um consenso que amplia a noção de exclusão digital e a vincula ao acesso à rede mundial de computadores”.

Esta rede, chamada Internet, é apontada com possuidora de um “espírito libertário dos movimentos dos anos 60” (idem p. 43) e pode ser considerada a maior revolução comunicacional do século XX. Seu nascimento e evolução são apresentados em detalhes por Castells (1999, p. 43-44; p. 82-84).

O autor relata que na década de 70, apesar dos financiamentos militares, o surgimento da Internet nos EUA, deu-se a partir dos ideais de liberdade dos movimentos nos anos 60. A Internet originou-se nas pesquisas do ARPA (Advanced Research Projects Agency) do Departamento de Defesa dos Estados Unidos para impedir a tomada ou destruição do sistema norte-americano de comunicação pelos soviéticos, em caso de uma guerra nuclear. A arquitetura desta rede, denominada inicialmente de ARPANET, foi desenvolvida de forma que não houvesse controle centralizado interligando diversas outras redes de computadores, autônomas e com diferentes formas de conexão.

Como a rede estava aberta aos centros de pesquisa que colaboravam com o Departamento de Defesa, “os cientistas começaram a usá-la para suas próprias comunicações, chegando a criar uma rede de mensagens entre entusiastas de ficção científica [...] a certa altura

tornou-se difícil separar a pesquisa voltada para fins militares das comunicações científicas e das conversas pessoais.” (idem, p.83).

Devido a estes fatores, em 1983, houve a divisão do uso da rede de acordo com as finalidades científica, militar e para não-acadêmicos, com o envolvimento da National Science Foundation (NSF). Mas todas estas redes, utilizavam a espinha dorsal da ARPANET, sendo interligadas entre si e formando uma rede de redes, chamada ARPA-INTERNET”, depois denominada simplesmente de INTERNET.

Após mais de 20 anos, em 1990 o ARPA dá por concluída a experiência com o ARPANET e cabe ao NSF (National Science Foundation) a construção de uma nova espinha dorsal, mais moderna e com maior capacidade, o NSFNET.

A partir da pressão das empresas privadas e indivíduos não ligados a universidades pelo direito ao acesso à Internet nos EUA, a sua privatização foi iniciada por volta de 1991 e culminou com o encerramento da última espinha dorsal operada pelo governo, em 1995.

Como não havia uma única entidade supervisora deste processo, “diversas instituições assumiram alguma responsabilidade informal pela coordenação das configurações técnicas e pela correção de contratos de atribuições de endereços da Internet.”. (ibidem)

Em 1992, foi outorgada à *Internet Society*, instituição sem fins lucrativos, a responsabilidade sobre as organizações coordenadoras já existentes. Internacionalmente, a função principal de coordenação continua sendo, os acordos multilaterais de atribuição de endereços, assunto bem polêmico.

Ainda segundo Castells, apesar da criação em 1998, de um novo órgão regulador, não há uma autoridade clara e indiscutível sobre a Internet, tanto nos EUA como no resto do mundo, sinal das características anarquistas do novo meio de comunicação, tanto tecnologicamente quanto culturalmente.

No Brasil, em 1990 foi formada a RNP (Rede Nacional de Ensino e Pesquisa)³ com o objetivo de coordenar a construção de uma espinha dorsal nacional, interligando as maiores universidades brasileiras entre si e à NSFNET. Estabeleceram-se canais de dados entre as principais universidades, e nascia assim a Internet acadêmica brasileira. Em maio de 1995,

³ Ver site: <http://www.rnp.br>

formou-se o Comitê Gestor Internet/Brasil (CGIBr⁴), com a finalidade de coordenar e disciplinar a implantação da Internet comercial no Brasil.

Apesar do rápido crescimento do uso da Internet, comparando-se ao cenário de países, nomeadamente desenvolvidos, o Brasil ainda se encontra perante uma realidade desigual e preocupante. Assim, é urgente a implementação de medidas que alterem esta realidade.

[...] o baixo índice de acesso dos jovens ao computador e à Internet, notadamente no meio rural, evidencia a necessidade de implementação de políticas de letramento digital. O Brasil convive com gerações de jovens que se distanciam do acesso a instrumentos e linguagens de importância radical na vida contemporânea, hoje tão importante quanto o acesso e o domínio da leitura e da escrita. (BRENNER, DAYRELL & CARRANO, 2005, p.197).

No estado de Santa Catarina, mais especificamente na Capital - Florianópolis, onde esta investigação está situada, a realidade é um pouco diferente. Em pesquisa divulgada pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Florianópolis aparece nas estatísticas com alguma prosperidade no meio da situação da Exclusão Digital⁵, sendo considerado por este estudo o 3º município⁶ mais incluído digitalmente no Brasil e a primeira capital a figurar neste ranking, com 33,29% de sua população considerada dentro destes parâmetros⁷.

Apesar disso, sendo a população da cidade estimada pelo IBGE⁸ para 2003 de 369.102 habitantes, contabilizamos um universo de mais de 246.000 pessoas em situação de exclusão digital.

Em levantamento inicial realizado, em 2004, pela Câmara Municipal de Vereadores, com a nossa participação, para a implantação de uma política pública de inclusão digital para a cidade de Florianópolis, foram diagnosticados inúmeros projetos visando o acesso da população as TICs⁹ (em particular a Internet). Alguns destes projetos são citados a seguir:

a) Comitê para Democratização da Informática em Santa Catarina (CDISC) – a partir da captação de equipamentos, recursos humanos e financeiros, implementa Escolas de Informática e Cidadania (EIC), visando atender comunidades de baixa renda, presídios masculino e feminino e outros públicos em situação de exclusão digital.

⁴ Ver site: <http://www.cgi.br>

⁵ Ver site: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php> - mapa da Exclusão Digital – FGV – CDI.

⁶ Ver site: http://www2.fgv.br/ibre/cps/mapa_exclusao/apresentacao/MID_RankingGeral.pdf

⁷ Maiores informações sobre a metodologia da pesquisa em http://www2.fgv.br/ibre/cps/mapa_exclusao/SUMARIO/sumario%20interativo.htm

⁸ Ver site: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>

⁹ Tecnologias de Informação e Comunicação

b) Conselho Regional de Administração (CRA) – promove, em uma sala com computadores na sua sede, cursos de informática para seus associados e comunidade em geral.

c) Secretaria da Agricultura e Desenvolvimento Rural (SAR) – desenvolve o Programa Beija-flor, implementando telecentros em comunidades rurais dos municípios catarinenses. Em Florianópolis a SAR mantém um telecentro na comunidade do Ribeirão da Ilha.

d) Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - abre alguns de seus laboratórios para a comunidade nos finais de semana, oferecendo cursos de informática.

e) Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) - atende a comunidade com cursos de informática.

f) Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) - abre seus laboratórios para a comunidade e oferece cursos de informática em parceria com o CDISC.

g) Núcleo de Tecnologia Educacional da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Florianópolis (NTE/PMF) – responsável pela implementação das salas informatizadas nas escolas públicas municipais.

Estas iniciativas demonstram uma preocupação dos setores público, privado e da sociedade civil com a problemática da exclusão digital. Conduzem também a percepção de que existe, até certo ponto, um consenso em relação as consequências da falta de acesso a Internet e principalmente na necessidade de investir na capacidade dos sujeitos para sua utilização,

A centralidade da Internet em muitas áreas da atividade social, econômica e política equivale a marginalidade para aqueles que não têm acesso a ela, ou têm apenas um acesso limitado, bem como para os que são incapazes de usá-la eficazmente. Assim não surpreende que a proclamação do potencial da Internet como um meio de liberdade, produtividade e comunicação venha de par com a denúncia da “divisão digital” gerada pela desigualdade a ela associada. (CASTELLS, 2003, p.203).

Para a análise deste cenário, deve-se ressaltar impreterivelmente que, as tecnologias não podem ser consideradas como sujeitos com vida e vontade própria, exteriores ao meio social e cultural, provocando nele um “impacto”. É importante combater esta visão determinista da técnica e perceber que as invenções humanas não são exteriores, nem a salvação ou a perdição dos indivíduos e da sociedade. (BENAKOUCHE, 1999).

Para Levy (1999, p.22; 25), “A tecnologia não é um ator autônomo separado da sociedade e da cultura”, não se pode separar o homem de seu ambiente natural, nem dos signos

e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. No processo de convergência entre a tecnologia e o social não se trata de nenhum determinismo “e sim de um processo simbiótico, onde nenhuma das partes determina impiedosamente a outra.” (LEMOS, 2002, p.95).

Observa-se que a aceitação da sociedade pela co-responsabilidade na produção, no uso e na democratização da Internet (e conseqüentemente das mensagens que armazena, processa e transmite) é indispensável para a superação das desigualdades geradas pelo processo de desenvolvimento.

O entendimento deste contexto dar-se-á com o estudo de como os indivíduos entendem as mensagens, o que fazem com elas, como as incorporam em suas rotinas e práticas da vida cotidiana. (THOMPSON, 1998, p. 147).

É necessário compreender que os meios tecnológicos são utilizados para a produção e transmissão das formas simbólicas e sua natureza pode variar em grande escala de um tipo para outro. Esta natureza irá determinar, entre outras coisas, a forma com que os indivíduos experimentam as dimensões de espaço e de tempo da vida social. (idem p. 29).

Assim, a tecnicidade não deve ser confundida com a comunicação em si, e nem deve ser considerada exterior ou um acessório do processo de comunicação. Não se pode ser ingênuo e pensar que é a tecnologia o grande mediador entre as pessoas e o mundo. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 20).

Tal como há ambivalência no mundo do contato face-a-face, as novas tecnologias de informação e comunicação irão projetar, porém de forma potencializada, as mesmas emoções, intenções e projetos. Somos coletivamente responsáveis por nossas escolhas. (LEVY, 1999, p.17).

1.1 Navegando por rumos, derivas e portos seguros: contextualizando o problema de pesquisa

Para este pesquisador, a temática do uso das NTICs é parte de uma história vivenciada a partir de seu primeiro contato com um computador, aos 13 anos, fazendo pequenos programas em BASIC¹⁰. Nesta época o Brasil estava na era da “reserva de mercado”¹¹ e os computadores que o país tinha acesso já eram ultrapassados em relação ao mercado mundial.

Em 1987, atuando no Exército Brasileiro, ao trabalhar em atividades que envolviam o uso de computadores e telemática¹², pudemos observar, na prática, uma situação de exclusão digital, já que em um grupo de 400 homens (entre oficiais, sargentos, cabos e soldados) apenas três tinham acesso e um conhecimento mínimo de informática.

Nossos primeiros estudos e reflexões com cunho teórico sobre o uso das NTICs, aconteceram em 1992, após ingresso no curso de Bacharel em Informática, pela Universidade da Região da Campanha (URCAMP¹³).

Em 1993, na Universidade, tivemos nosso primeiro contato com a “Internet”, acessível via uma BBS¹⁴, onde os únicos recursos disponíveis eram de correio eletrônico e de *news groups*. Nesta época circulava nesta rede apenas caracteres texto, não sendo possível trafegar imagens ou arquivos.

Neste mesmo ano, ao gerenciar uma empresa de treinamento em informática, desenvolvemos uma ação visando a disseminação do uso do computador para o público de baixa renda. Disponibilizamos gratuitamente 30 vagas no curso básico para crianças atendidas por um projeto social e apesar do ensino de informática nesta organização, se observado pela ótica de Paulo Freire, concentrar-se apenas em uma visão de “educação bancária”, pode-se considerar como uma intenção de “inclusão digital”.

No ano de 1997, após um ano de residência em Florianópolis, iniciamos a coordenação de uma sala informatizada em um colégio de Educação de Jovens e Adultos. Dentre nossas

¹⁰ Linguagem de programação de fácil aprendizagem, com sintaxe muito simples (CRUZ, 1997).

¹¹ Em 1984 foi sancionada a Lei nº 7.232 que estabelecia os princípios, objetivos e diretrizes da Política Nacional de Informática, estava criada a reserva de mercado de informática no Brasil. (MCI, 2006)

¹² Telemática é o conjunto de tecnologias da informação e da comunicação resultante da junção entre os recursos das telecomunicações (telefonia, satélite, cabo, fibras óticas etc) e da informática (computadores, periféricos, softwares e sistemas de redes), que possibilitou o processamento, a compressão, o armazenamento e a comunicação de grandes quantidades de dados (nos formatos texto, imagem e som), em curto prazo de tempo, entre usuários localizados em qualquer ponto do Planeta. (WIKIPEDIA, 2006)

¹³ Ver em: <http://www.urcamp.tche.br/graduacao/informatica.html>

¹⁴ Uma BBS (acrônimo inglês de bulletin board system) é um software, que permite a ligação (conexão) via telefone a um sistema através do seu computador e interagir com ele, tal como hoje se faz com a Internet. (WIKIPEDIA, 2006)

atribuições, constava a articulação dos projetos de trabalho das disciplinas e a capacitação dos professores deste colégio no uso da informática na educação.

Em 2000, conhecemos o projeto do CDI¹⁵ uma ONG de âmbito nacional e internacional, que tinha atuação em Santa Catarina. Passou a atuar como voluntário da equipe pedagógica do CDISC¹⁶, cujo lema é “a inclusão social pela inclusão digital”.

As atividades educativas desenvolvidas nesta ONG, bem como as leituras e discussões que realizava para a preparação dos projetos do colégio e nas capacitações, nos mostraram o quanto estávamos despreparados acerca de questões pedagógicas. Esta constatação levou-nos, em 2001, a ingressar em um curso de graduação em pedagogia.

Nos três anos e meio¹⁷ em que cursamos pedagogia, um dos aspectos observados, estava ligado a intersecção da educação e a comunicação, em particular a questão do uso do computador e da Internet.

Em um *paper*¹⁸ apresentado no seminário interamérica ocorrido em 2002, mostramos resultados de uma pesquisa que realizamos com os colegas da Universidade, onde 75% dos alunos ingressantes no curso de pedagogia da universidade onde estudava, não utilizavam o computador e 25% dos alunos da 5ª fase, optavam em não usar o correio eletrônico.

Preocupado com o desconhecimento do uso do computador e da Internet, dos colegas de graduação, ministramos para eles vários cursos gratuitos de informática básica.

No final do curso de graduação optamos por participar da seleção do mestrado em educação e pensamos inicialmente como tema, a representação da Internet por professores da rede pública de ensino.

Porém, pela nossa vivência com o uso da Internet por diferentes atores sociais, de várias idades e camadas sociais, em zonas urbanas e rurais, em presídios, escolas e outros locais, surgiram outras possibilidades de pesquisa. Em especial, nos chamou atenção a forma de acesso e o que fazem os adolescentes durante a sua utilização.

Esta curiosidade, em grande parte devida ao nosso envolvimento com o público nesta faixa etária atendido pelo CDISC, culminou no tema escolhido: “como ocorre o processo de apropriação e uso da Internet por adolescentes em situação de risco social?”.

¹⁵ Ver <http://www.cdi.org.br>

¹⁶ Ver <http://www.cdisc.org.br>

¹⁷ Embora a graduação de pedagogia seja feita em 4 anos, por uma prioridade particular, cursei uma fase e meia por semestre, fato este facilitado por não haver necessidade de pré-requisitos de disciplinas prévias no curso de graduação da UDESC, até o início da sétima fase.

¹⁸ MELLO, Horácio Dutra. **Formação de professores - processo de exclusão digital?**. In: SEMINÁRIOINTERAMERICANO SOBRE EXCLUSÃO DIGITAL, 2002, Florianópolis. 2002. Áreas do conhecimento: Ciência da Informação. Referências adicionais: Classificação do evento: Internacional; Brasil/Português; Meio de divulgação: Impresso

Para nós as complexidades de nosso ambiente cultural, em uma primeira hipótese, representariam um desafio a mais para os adolescentes de hoje, além dos que são próprios à sua faixa etária. Outra hipótese é que neste ambiente do novo milênio, os adolescentes absorveriam as novas complexidades ou as assimilariam com mais facilidade do que as gerações anteriores.

Para Lyra, Goldberg & Iyda (1996, p. 1), a adolescência é o período de transição entre a infância e a idade adulta, em que ocorrem profundas transformações biopsicosociais. É uma fase da vida em que se verificam significativas alterações físicas, tais como, aumento da massa corporal, aumento da velocidade de crescimento, aparecimento de caracteres sexuais secundários e outras. Caracteriza-se, também, por ser a fase em que o indivíduo está em busca de sua própria identidade podendo, assim, tornar-se um ser contestador, curioso e insatisfeito. Ele se defronta agora, com seu novo corpo, com novas visões da família e da sociedade, na qual terá um papel social a partir de sua escolha sexual e profissional. Somadas a estas características, o adolescente é, normalmente, um ser sem limites, que está, em geral, à procura de novos desafios. Impetuoso e ao mesmo tempo, imaturo e inseguro.

A partir destas e de outras hipóteses deve-se compreender a adolescência não apenas como uma etapa universal da vida, mais sim, como uma fase que cresce diante de nossos olhos, própria dos tempos atuais e que se caracteriza com especificidades em espaços distintos.

Neste projeto este autor tencionava pesquisar o uso da Internet pelos adolescentes atendidos nas escolas do CDISC, já que ainda não existia nenhuma informação ou pesquisa a respeito deste assunto no estado de Santa Catarina. As inquietações acerca desta temática davam origem a dúvidas como: Onde e por quanto tempo a Internet é acessada por estes sujeitos? O que estes sujeitos pensam acerca desta tecnologia? Quais os recursos da Internet são mais utilizados por esta faixa etária?

Após cursar diversas disciplinas no mestrado e ter contato com as teorias da comunicação, em particular com a corrente dos estudos culturais, este autor pode refinar ainda mais a sua percepção desta temática.

Em julho de 2005, por intermédio de uma professora do mestrado, ele conheceu uma estudante italiana que estava em Florianópolis, realizando intercâmbio para sua pesquisa de final de curso sobre mídia educação. A estudante apresentou-lhe então os trabalhos de Píer Césare Rivoltella, um professor italiano, seu orientador, que trabalha com assuntos ligados a Internet e juventude. Por intermédio desta estudante, passou a trocar e-mails com o professor Rivoltella para discutir o tema desta investigação.

No meio do segundo semestre de 2005, o professor Rivoltella veio a Florianópolis. Ao conversar pessoalmente e mostrar seu projeto de mestrado a ele, foi possível observar a

proximidade entre os dois trabalhos. Após mais alguns contatos entre os professores do mestrado, este pesquisador e o professor Rivoltella, surgiu a proposta de um estudo semelhante ao trabalho “*I ragazzi del web*¹⁹”, desenvolvido em Milão. Foi o início de um desafio e que deu início a adaptação deste trabalho de mestrado.

Em seu novo rumo, o trabalho permaneceu direcionado para os adolescentes, porém, semelhante a pesquisa italiana, agora eles seriam localizados no interior da escola formal, pública estatal e provenientes, uma parte da zona urbana e outra da zona rural.

A partir deste cenário e das dúvidas inicialmente apresentadas, surge como eixo central desta investigação a seguinte questão: **como ocorre o processo de representação e uso da Internet por adolescentes, estudantes de escolas públicas do município de Florianópolis?**

Ao analisar esta temática, que tem como característica o envolvimento dos adolescentes com a Internet no seu cotidiano, irá identificar-se a percepção dos sujeitos acerca da Internet, bem como suas condições de acesso e ações na rede. O processo será olhado criticamente, apontar-se-á limitações e potencialidades, além da possibilidade de novos referenciais.

Para tal, a metodologia de análise desta investigação terá um enfoque qualitativo e quantitativo, com o uso de instrumentos de coleta de dados, aplicados a estudantes em duas escolas da rede municipal de Florianópolis. Tanto o uso dos instrumentos de coleta adaptados da pesquisa italiana, como a escolha do campo, visaram a aproximação com a investigação do Professor Rivoltella.

A pesquisa não é uma construção isolada, é um diálogo com teorias, idéias, conceitos e pessoas que acompanharam e compartilharam o desenvolvimento desta investigação, as reflexões e as análises posteriores a coleta de dados.

A experiência descrita nesta dissertação foi executada por este autor, onde ele assume os papéis de pesquisador; de discente no mestrado, na busca de aprofundar a compreensão teórica das vivências em análise; e de educador, participante de ações para disseminar o uso das NTICs.

A análise elaborada e descrita neste documento direcionou-se pela busca de significados daquilo que o autor acredita, em constante diálogo com o mundo e com as abordagens teóricas articuladas ao longo deste trabalho.

¹⁹ Os Meninos da Web, maiores informações ver site: <http://cepad.unicatt.it/ragazziweb/>

A partir deste pressupostos, este trabalho tem como objetivo investigar o processo de representação e uso da Internet por adolescentes, estudantes de duas escolas públicas de Florianópolis.

Para tal, buscou-se identificar: a) como se dá o acesso ao computador e à Internet pelos adolescentes; b) as representações da Internet pelos adolescentes; c) o uso das informações e das formas culturais fornecidas pela Internet; d) quais as mídias, além da Internet, os adolescentes pesquisados acessam.

O que vai se ler nesta dissertação não tem intenção de ser um produto acabado, ou de verdade absoluta, uma vez que trata-se de um caso particular e complexo de uma experiência, carregado de duplas interpretações e contradições. Recomenda-se que se procure compreender a pesquisa nas circunstâncias e contexto que ocorreu.

A seguir apresenta-se a estrutura deste trabalho, discorrendo sobre cada uma de suas partes:

No capítulo I, contextualiza-se o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, em especial a Internet. Busca-se mostrar a importância e os riscos da sociedade da informação, o cenário nacional e mundial de acesso a Internet e alguns dados sobre esta situação em Florianópolis. Apresenta-se também um breve histórico da vivência do autor desta dissertação com o computador e a Internet, as suas escolhas acadêmicas e uma breve concepção de adolescência. Este traçado culmina no problema desta investigação e em sua respectiva delimitação.

O capítulo II inicia com uma breve apresentação das relações entre a Internet, a virtualidade. Observa-se que, nesta investigação, a compreensão de como os adolescentes representam e utilizam a Internet, dar-se-á a partir dos estudos na linha da comunicação e educação. Assim, na sequência são apontadas algumas referências sobre os Estudos Culturais e os Estudos Latino-Americanos de Recepção, dando-se ênfase ao pensamento de Stuart Hall, Martín-Barbero, Néstor Canclini e Guillermo Orozco Gómez. São mostrados também alguns conceitos sobre adolescência, representação e uso da Internet. Ao final, apresenta-se uma breve revisão de literatura, obtida na ANPED²⁰ e na COMPÓS²¹, de artigos que abordam temáticas que se aproximam desta dissertação.

²⁰ Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, mais informações em: <<http://www.anped.org.br>>

²¹ Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, mais informações em: <<http://www.compos.org.br>>

No capítulo III, entrelaça-se o recorte teórico e metodológico, com as definições de escolha do campo de pesquisa e a entrada deste autor em cada um deles.

No Capítulo IV, descrevem-se os dados coletados, analisa-se e discute-se seus resultados, com a indicação de que os adolescentes, objetos de estudo desta dissertação puderam ser agrupados em três perfis distintos: usuários leves, usuários moderados e superusuários. Neste capítulo é feita também uma comparação entre estes distintos perfis, para encontrar-se as suas aproximações e diferenças.

No Capítulo V, são apresentadas as considerações finais deste trabalho e suas limitações. São explicitadas ainda sugestões para a realização de novas investigações.

2. Concepção teórica: Internet, estudos culturais e sua relação com as investigações sobre adolescentes

A civilização contemporânea saiu da era do rádio e da televisão para a era dos computadores pessoais e culminou no fenômeno da Internet, em um avanço tecnológico nunca antes vivido, e pensado apenas nos filmes de ficção científica. Um viajante no tempo ficaria perplexo com o alcance e a rapidez das redes digitais de hoje, pois na década de 1940 uma emissora de rádio com seu sistema baseado em válvulas, conseguia alcançar apenas algumas centenas, talvez até um ou dois milhares de quilômetros. Entre outras coisas a contemporaneidade caracteriza-se por estar estruturada e ambientada pela comunicação, o que provoca profundos reflexos em diversos campos, a isto Rubim (2000) denomina “*Idade Mídia*”. (p.26-28).

A Internet surge neste tempo de desenvolvimento tecnológico (último quarto do século XX), e trás junto consigo uma nova fronteira: o *Ciberespaço*²², local que pode provocar alterações na forma do ser humano se comunicar, informar, divertir e relacionar-se, “menos do que uma nova mídia como os ‘*mass media*’ (jornais, rádios, tv,...), devemos pensar o ciberespaço como um ambiente midiático [...] onde formas comunicativas surgem a cada dia”. (LEMOS, 2004, p.4).

Quando se fala destas novas possibilidades da Internet, observa-se o delineamento de uma nova cultura, uma cultura digital, que é virtual e é real, é real e é virtual, são as “fronteiras permeáveis” como diz Sherry Turkle:

[...] as pessoas constroem uma vida na qual as fronteiras são cada vez mais permeáveis. Assim, não gosto de falar do real e do virtual, mas

²² Pierry Levy adota o nome Ciberespaço, dado pelo romancista norte-americano William Gibson e define-o “*como espaço de comunicação aberto pela intercomunicação mundial dos computadores e das memórias dos computadores*” (p. 92) o autor enfatiza ainda que faz parte do ciberespaço os sistemas de comunicação eletrônicos (como os telefones), pois assim como os computadores possuem as características do ciberespaço: “*o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual*”. (LEVY, 1999, p. 92-93)

antes do virtual e do resto da vida. [...] se as pessoas gastam tanto tempo e energia emocional no virtual por que falar do material como se fosse o único real? [...] Penso que, cada vez mais, há menos necessidade de usar uma oposição tão categórica.” (TURKLE apud CASALEGNO, 1999, p.118)

Este novo ambiente midiático permitiu o surgimento de novos conceitos, como por exemplo, de “*glocalidade*” (CANCLINI, 1999, p. 109 - 113):

[...] O neologismo “*glocalize*” figura desde 1991 no Oxford Dictionary of New Words. O uso inicial da noção foi atribuído aos teóricos de administração japoneses que concebem estratégias para o mercado mundializado como simultaneamente local e global[...] .Tais convergências, sempre tensas cabe insistir, forjam esta peculiar circunstância social, denominada sociabilidade contemporânea. Ela implica, outrossim, redefinições espaciais e temporais relevantes, pois a atualidade se plasma como espaço planetário em tempo real. Esta nova realidade-mundo tem como pressupostos, além de sua macro-inscrição capitalista e iluminista, o desenvolvimento das redes midiáticas (RUBIM, 2000, p.32)

A lógica de distribuição da Internet difere do modelo conhecido por Adorno e Horkheimer , onde o cinema e o rádio utilizavam “poucos centros de produção e uma recepção diversa” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 114), já que a tecnicamente a Internet possui milhões de centros de produção, pois cada computador é, ou pode ser, um centro de produção de mídia.

Este poder de produção desloca o foco das grandes corporações para o garoto do apartamento ao lado, por exemplo, que neste momento pode estar produzindo um site e disponibilizando uma música (talvez inédita) para dezenas, talvez milhares de outros internautas²³.

Destaca-se, porém a importância de avaliar-se a geografia dos provedores de conteúdo da Internet, revelando onde estão os domínios que geram, processam e distribuem a informação. Investigações rigorosas descrevem a existência de uma concentração extrema em alguns países, predominando substancialmente nos EUA. (CASTELLS, 2003, p.176). Esta baixa relação produção/consumo nos países em desenvolvimento como o Brasil, acentua ainda mais a necessidade no desenvolvimento da capacidade crítica voltada para a seleção e uso das informações, além de investimentos em produção de conteúdo local.

O choque desta torrente de informações ora produzidas por vizinhos, ora provenientes de pessoas desconhecidas ou de regiões sequer visitadas, incide na confusão do global com o

²³ Usuário da *Internet*, rede mundial de computadores. (Restr.) Usuário intensivo da rede *Internet*, que ocupa grande parte de seu tempo explorando os recursos por ela oferecidos. (FERREIRA, 2004)

local. Muitas vezes as chuvas da índia (DIÁRIO CATARINENSE, 2005) chocam mais que a onda de assaltos no bairro que moram (JORNAL do ALMOÇO, 2005).

Os sujeitos mergulhados nesta virtualidade, preocupam-se por exemplo, com a família do brasileiro assassinado em Londres²⁴, sabem seu nome, profissão, conhecem seus hábitos semanais e a família dele parece ser sua a família. Por outro lado, não sabem o nome de seu vizinho de porta, alteram-se suas noções espaciais e temporais, bem como suas noções sociais e seu comportamento, “os extremos que se tocam passaram a uma turva identidade, o universal pode substituir o particular e vice-versa”(ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.122).

Neste contexto tecnológico, “é fato que a educação no mundo moderno não conta apenas com a participação da escola e da família. Outras instituições, como a mídia, despontam como parceiras de uma ação pedagógica.”.

A questão não é nos posicionarmos contra ou a favor do uso da Internet, pois assim como os demais meios de comunicação, “está presente em nossas vidas.” (SETTON, 2002, p. 1). Deve-se sim, buscar uma maior compreensão dos sujeitos no mundo digital e para isso, é fundamental aproximar os estudos sobre a mídia do debate educativo.

[...] o encontro comunicação e educação ressemantiza os sentidos, exigindo cada vez mais a capacidade de pensar criticamente a realidade. O desafio, hoje, é a interpretação do mundo em que vivemos, já que as nossas relações estão carregadas da presença da mídia (BACCEGA apud HOFFMAN, p. 15).

Além do estudo sobre as condições de acesso físico aos meios, torna-se necessário levar em conta como os produtos tecnológicos e o material simbólico estão sendo vistos e utilizados. No caso desta pesquisa, como a Internet é representada e utilizada pelos adolescentes.

Dentre as vertentes teóricas a serem utilizadas para o alcance deste objetivo encontram-se os estudos culturais e os estudos de recepção latino-americanos. É necessário ainda conceituar-se adolescência e descrever algumas concepções de representação e uso da Internet. Visando situar o leitor no estado da arte sobre adolescentes e internet, é importante também apresentar algumas investigações no âmbito acadêmico que entrecruzam direta ou indiretamente, esta temática.

²⁴ Jean Charles de Menezes, assassinado pela polícia londrina no metro em 23 jul 05, ao ser confundido com terrorista.

2.1 Os Estudos Culturais

Os estudos culturais, segundo HALL (2003) têm sua origem na Inglaterra, com a publicação na década de 50 do século XX, de “*As utilizações da cultura*” de Richard Hoggart, “*Cultura e sociedade 1780 – 1950*” de Raymond Williams e “*A formação da classe operária inglesa*” de E. P. Thompson.

Este três livros “constituíram a cesura na qual – entre outras coisas – emergiram os estudos culturais” (p. 133) e culminaram, em 1964, com a criação do CCCS - Centre for Contemporary Cultural Studies. Este centro de pesquisa e pós-graduação, subordinado ao Departamento de Língua Inglesa da Universidade de Birmingham, teve como seu primeiro diretor Richard Hoggart (1964-1969) e depois Stuart Hall (1970 – 1979) (SILVA, 2004. ESCOSTEGUY in: HOHLFELDT, MARTINO e FRANÇA, 2001).

Nesta nova perspectiva a questão da cultura e da vida cotidiana passam a ser percebidas e valorizadas, como por exemplo, aquelas ligadas ao consumo cultural da classe operária da Inglaterra na década de 60, o estudo do fotojornalismo, os programas de televisão e as obras de ficção consumidas por mulheres. Aparece também o interesse pelas subculturas juvenis britânicas que antecederam o movimento punk. (SOVIK, 2003, p. 9 – 21).

No enfoque dos estudos culturais o receptor ganha mais poder, deixando de ser visto como um sujeito passivo e passa a ser entendido como alguém que resignifica o que consome, que constrói sentidos,”ou seja, ele também produz um outro produto ao modificar o uso para o qual este foi pensado” (FERNANDES, 2003, p. 20).

Para Girardello (2005), a recepção é uma atividade polifônica e se reveste de inúmeras variáveis, o que leva a possibilidades quase infinitas de interpretação pelo receptor. Isto retira a possibilidade, por exemplo, de se ter uma noção de como determinado site de Internet ou programa televisivo será consumido e apropriado pelo público em geral.

Segundo a autora, esta ênfase na reinterpretação das mensagens que os produtos midiáticos trazem uma das características das atuais teorias de comunicação, com ênfase nos estudos culturais. Isto contrapõe a teoria hipodérmica do início do século XX, que tem como pressuposto a resposta do indivíduo às sugestões dos meios de comunicação, sem nenhuma (ou quase nenhuma) defesa, considerando a audiência como uma massa formada por indivíduos homogêneos, isolados, anônimos e atomizados. Nesta teoria se esperava sempre poder medir os efeitos da audiência, entendendo que ele geraria efeitos observáveis.

Apesar das críticas, com a alegação de que os Estudos Culturais não pudessem ser considerados como uma disciplina em si - já que se utilizam de diversas áreas para sua constituição - nas décadas de 80 e 90 do século XX esse conjunto de teorias obtiveram mais penetração como disciplina acadêmica e se disseminaram pelo mundo. Neste processo as idéias ligadas a essa corrente foram assimilando as características regionais, de acordo com a “tradição cultural e teórica onde se inserem regionalmente”, e apresentando o conceito de comunicação “como integradas às demais práticas da vida diária, entendidas estas como todas as práticas que dão sentido à vida diária”. Sempre valorizando os processos de produção de sentidos, e as relações entre as práticas simbólicas e estruturas de poder. (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 38-39).

Ainda na década de 1980, os autores ligados aos estudos culturais passaram a se interessar pelas audiências e um ponto de partida foi o texto “Codificação/Decodificação”, de Stuart Hall, que tratava do processo televisivo, com suas dinâmicas de produção, circulação, distribuição/consumo e reprodução.

Originalmente publicado na Inglaterra em 1973, este ensaio foi publicado no Brasil na coletânea “Da Diáspora” em 2003. Nele, o autor afirma que no processo de recepção (leitura/consumo) podemos ter, “três posições hipotéticas a partir das quais a decodificação de um discurso televisivo pode ser construída”. (HALL, 2003, p.399).

A primeira posição hipotética, a **hegemônica-dominante**, ocorre quando o telespectador se apropria de forma direta e integral do sentido da mensagem e a decodifica nos mesmos termos em que ela foi codificada. A segunda posição, **do código negociado**, se dá quando a maioria da audiência percebe bem o que foi definido de maneira dominante e recebeu um significado de forma profissional. A terceira e última posição possível para um telespectador utilizar é a do **código de oposição**, que permite entender tanto a inflexão conotativa quanto a literal de um discurso, mas simultaneamente decodificar a mensagem de uma maneira globalmente contrária, retira-a de um código preferencial para recolocá-la em algum referencial alternativo.

Observa-se que Hall renova a posição do receptor, dizendo que ele pode decodificar o produto cultural não necessariamente como era a intenção dos produtores.

2.2 Os Estudos Latino-americanos de recepção

Na América Latina, a partir dos anos 80, a insuficiência teórica dos modelos importados para a realidade local estimulou o surgimento de uma nova corrente teórica com a denominação de “estudos latino-americanos de recepção” (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 54).

Entre as principais contribuições a esta linha dos estudos de comunicação, estão autores como Martín-Barbero, Orozco Gomes e Nestor Canclini, Beatriz Sarlo, entre outros. Jacks e Escosteguy explicam que os Estudos Latino-americanos de Recepção surgem dando uma maior atenção a aspectos como: “contexto, as interações e os sujeitos” em contraposição aos estudos dos meios, até então muito em voga no “subcontinente” (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 54-56).

Neste contexto Martín-Barbero, um dos teóricos que auxiliam a explicar este fenômeno, propõe uma nova forma de “captar as experiências culturais onde elas se concretizam”, denominada de mediações. Este é o conceito fundamental de Martín-Barbero e deve ser entendido como “uma forma de fugir da razão dualista, superando a bipolaridade, ou a dicotomia entre a produção e consumo, ou ainda, entre as lógicas de produção e a lógica dos usos” (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 66).

Apesar do trabalho mais influente de Martín-Barbero – Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia – publicado originalmente em 1987 estarem focados nos meios de comunicação mais populares na época, como a televisão e o rádio, os conceitos relacionados a representação e uso dos meios continuam sendo bastante apropriados para fundamentar as investigações do presente trabalho sobre a Internet.

Em sua análise sobre o cenário de comunicação na América Latina, desde o final dos anos de 1980, Martín-Barbero ressalta que houve um verdadeiro boom das novas tecnologias (satélite, televisão a cabo, videotexto e teletexto), que passaram a interferir no cenário com uma série de artifícios técnicos (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 264). Ele observou que a partir daí não bastava apenas consumir estas tecnologias, passou a ser necessário produzi-las e desenvolve-las, já que elas representam a modernidade.

Se anteriormente algum país pode, ou podia se dar ao luxo de abrir mão de alguma novidade, agora isso se tornara praticamente impossível, pois desta vez “dizer sim ou não às tecnologias é dizer sim ou não ao desenvolvimento”(MARTÍN-BARBERO , 2003, p. 265). Para o autor, mais que levar ao desenvolvimento, esta “irrupção” de tecnologia traz em seu cerne mudanças estruturais, que “deslocam o problema das tecnologias [...] para o modelo de produção, que implicam, seus modos de acesso, aquisição e emprego ” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 265).

Este processo foi acompanhado de “surto esquizofrênico” informático, onde “a fascinação e o deslumbramento” foram iguais em cada país, apesar dos diferentes níveis alcançados em cada um deles (MATTELART e SCHMUCLER apud MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 65) .

A questão da cultura na América Latina, na visão de Martín-Barbero, fica restrita a duas questões: a crise da identidade e a resistência e a homogeneização (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 266). Nesta crise de identidade que as novas tecnologias produzem é necessário questionar sobre a tentação de uma volta ao passado, como se fosse lá que encontraríamos a identidade primordial, “lá atrás, por debaixo, fora do processo e da dinâmica da história e da atualidade” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 266). Outra questão que se levanta, nos propõe o autor é a redução do

[...] outro ao atrasado, que converte o que resta de identidade nas culturas diversas em mera identidade ‘reflexa’ – não têm valor senão para valorizar, pelo contraste, a identidade da cultura hegemônica - e ‘negativa’: o que nos constitui é o que nos falta, o que nos constitui é a carência. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 266)

Se o que nos constitui é o que nos falta, o que nos falta, diz Martín-Barbero, com ironia, seria a tecnologia, particularmente aquela produzida pelos países desenvolvidos, que seria o nosso passaporte definitivo para a modernidade. Este é um paradoxo que nos apresenta, com uma faceta fascinante, porém “sangrenta”, já que estaríamos destruindo a memória de nossos povos latino-americanos em troca de uma modernidade que pode não valorizar a cultura local e cujo único interesse, é a lógica de homogeneização.

Não podemos pensar que as tecnologias são neutras, são isentas de ideologia, uma vez que elas representam “a materialização da racionalidade de ‘uma’ cultura” (Martín-Barbero, 2003, p. 268) e são também a representação de um poder simbólico. Martín-Barbero acredita que é possível uma reconfiguração deste problema, como uma “tática” nos moldes pensados por Michel de Certeau, que entende este conceito como “ o modo de luta daquele que não pode se

retirar para ‘seu’ lugar e assim se vê obrigado a lutar no terreno do adversário ” (CERTEAU, 1994, p. 46 - 47).

Pode-se citar como uso tático das novas tecnologias experiências deste autor durante uma pesquisa, onde pode observar o uso das TICs para discutir e buscar a solução de problemas locais no interior de projetos sociais na comunidade. Um exemplo foi o uso da Internet pelos moradores de uma comunidade de Florianópolis, na região sul da Ilha, para enviar e-mails reivindicando melhorias no espaço local de lazer da comunidade. Através de um jornal de bairro editado pelos adolescentes da Escola de Informática e Cidadania²⁵ do Centro Comunitário²⁶, editorado via computador, a comunidade foi mobilizada para subscrever um abaixo assinado, que resultou na restauração e revitalização do campo de futebol, ponto de encontro dos jovens.

Neste exemplo, o computador com um programa de edição de textos, cuja concepção inicial fora a de permitir um incremento na produtividade do trabalho, com a automação de uma série de rotinas manuais, seu uso primordial foi “reconfigurado” para criar um jornal e com ele fazer uma movimentação no sentido de perceber-se que a comunidade não possuía um local para que seus jovens tivessem seus momentos de lazer, “às vezes a única forma de assumir ativamente o que nos é imposto é a anticonfiguração [...] que seja reconfigurada ao menos a função. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 269).

Outro autor que se notabiliza nos estudos latino-americanos de recepção é Nestor Garcia Canclini que trabalha com uma “teoria sociocultural do consumo” (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 57), para Canclini o que mais lhe interessa é o estudo do consumo cultural.

Para ele o conceito de consumo é “o conjunto de processos socioculturais nos quais se realiza a apropriação e os usos dos produtos” (CANCLINI apud JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 57).

Enquanto que consumo cultural se distingue quando “o valor simbólico prevalece sobre os valores de uso ou de troca, ou onde pelo menos estes últimos se configuram subordinados à dimensão simbólica” (CANCLINI apud JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 57), nesta visão o autor deixa bem clara a superação da noção de consumo como uma ato de compulsão do ser humano, no qual são levados em conta apenas gostos pessoais.

²⁵ EIC – denominação de um espaço de uso e capacitação para o uso social do computador e Internet, mantido por uma ONG denominada Comitê para Democratização da Informática em Santa Catarina (CDISC), da qual este pesquisador é voluntário na equipe pedagógica. Este espaço proporciona para a comunidade a capacitação e um ponto de acesso a computadores ligados a Internet.

²⁶ Entidade comunitária localizada na região popularmente conhecida como SETA, no bairro da Costeira do Pirajubaé, sul da ilha de Santa Catarina, município de Florianópolis.

Estas temáticas do consumo e do consumo cultural estão diretamente ligadas ao nosso cotidiano, pois inevitavelmente somos consumidores, uma vez que a possibilidade ser auto-suficiente esgotou-se a muito na história da humanidade, e hoje somos interdependentes. Desde a revolução industrial, os sujeitos tornaram-se dia a dia mais dependentes do consumo e na atualidade é pelo consumo que passam a estabelecer os laços sociais e políticos,

Para muitos homens e mulheres, sobretudo jovens, as perguntas próprias a cidadãos, sobre como obtermos informação e quem representa nossos interesses, são respondidas antes pelo consumo privado de bens e meios de comunicação do que pelas regras abstratas da democracia ou pela participação em organizações políticas desacreditadas. (CANCLINI, 1999, p. 14)

Baseado neste fato, Canclini propõe a reconceitualização do conceito de consumo como um “espaço que serve para pensar, onde se organiza grande parte da racionalidade econômica, sociopolítica e psicológica nas cidades” (CANCLINI, 1999, p. 15).

Canclini permite também repensar a cidade como um espaço que vai além dos aparatos urbanos que dispõe para te-la também com seus aparatos comunicacionais. A lógica rural / urbana se rearticula, uma vez que não se observa mais na economia atual a “passagem da agricultura à indústria e desta aos serviços, mas sim a interação constante entre agricultura, indústria e serviços” (CANCLINI, 1999, p. 109 – 110). O autor mostra que as cidades se remodelam em busca deste novo arranjo, criando uma nova teoria urbanística sobre o que era a cidade e da necessidade de um novo pensar sobre a cidade, “como se combinam a definição sociodemográfica e espacial com uma definição sociocomunicacional da cidade” (CANCLINI, 1999, p. 112). No repensar esta cidade deve-se ficar atento, pois esta nova cidade, com sua rapidez comunicacional aliada a racionalidade da globalização “suscita novas formas de racismo e exclusão” (CANCLINI, 1999, p. 114). Dentre elas a exclusão digital.

Outro autor latino-americano que auxilia a entender os estudos latino-americanos de recepção é Guillermo Orozco Gómez, com o modelo das multimedicações. Estas mediações são entendidas de diferentes maneiras nas investigações críticas das audiências e suas classificações apresentadas pelo autor.

A primeira delas é a mediação psicológica que pode ser cognitiva ou estrutural. As mediações cognitivas são as que estão ligadas diretamente a aquisição do conhecimento (esquemas mentais) e são influenciadas pelas crenças, valores, emoções, etc. As mediações estruturais são constituídas pelos elementos identitários, como raça, sexo, escolaridade, classe social, idade, etc. (OROZCO, 1996, p. 37)

Também atua aqui a mediação situacional, que estuda a forma como se dá esta audiência, se sozinho ou acompanhado, se com atenção ou disperso, em qual espaço da casa, etc. “A audiência frente ao televisor não é apenas mental, mas também fisicamente ativa” (OROZCO, 1996, p. 39).

O processo de televidência²⁷ inicia-se muito antes de ligar o televisor e encerra-se depois de desligá-lo. Pois ao decidir qual a programação que deseja assistir e ao comentar com seus amigos na mesa do bar, no ônibus ou quando as crianças levam o que foi visto na TV para suas brincadeiras, ainda está se dando o processo de televidência. “Desta maneira o processo de recepção ‘sai do lugar’ onde está o televisor e ‘circula’ por outros cenários onde seguem atuando os membros da audiência” (Idem, p. 40).

Quando ocorre esta “saída” da frente do televisor e mesmo quando se assiste a TV estamos sendo mediados pelas instituições as quais somos filiados ou submetidos, que é o que caracteriza a mediação institucional, pois “as instituições a que pertence o receptor [...] são fundamentais para entender o processo de recepção, uma vez que ele é muito mais que telespectador.” (JACKS e ESCOSTEGUY, 2003, p. 70).

Além destas mediações, Orozco considera importante a mediação cultural proposta por Martín-Barbero, já que “de forma similar, as mediações estruturais, situacionais e institucionais estão diretamente relacionadas com a cultura e as sub-culturas a que pertence o sujeito-receptor.” (JACKS e ESCOSTEGUY, 2003, p. 70).

As autoras acham importante frisar que este modelo de Orozco parte do modelo das mediações de Martín-Barbero, apenas proporcionando referências para sua operacionalização. E que estas mediações propostas por Orozco acabaram sendo entendidas como influências no processo de recepção, o que não seria a intenção original do autor.

Orozco assume, assim como Martín-Barbero, que a audiência não é neutra, e que seu capital cultural é essencial para definir como se dá a recepção, desta maneira o processo de recepção seria muito complexo e permeado pelas mediações assinaladas acima, o que torna quase impossível prever como o sujeito-receptor irá internalizar como representação do que é visto na tela da TV, considerando que a “audiência da TV [...] não está isenta de mediações que provêm de suas próprias capacidades, história, condicionamentos genéticos e culturais específicos” (OROZCO, 1996, p. 35 – 37).

²⁷ Conceito proposto por Orozco para definir o ato de ver televisão, entendido como “*um processo complexo que converge múltiplas interações da audiência com a TV em distintos níveis e que é objeto, também, de múltiplas mediações*” (OROZCO, 1996, p. 27)

2.3 Adolescência

O conceito de adolescência como fase da vida humana deu-se no início do século XX, com a publicação do livro do psicólogo Stanley Hall (1904). O autor propôs que a adolescência deveria ser encarada como uma fase da vida, perigosa, difícil de ser vivida e que por este motivo necessitava de proteção. Hall defendeu a necessidade da educação para além da infância, sendo um dos responsáveis pelo aumento desta obrigatoriedade nos tempos atuais. Este autor associou a adolescência com a parte fisiológica (puberdade), criando assim um parâmetro para definir o início desta fase que é o aparecimento dos caracteres biológicos.

Segundo Fiori (1982, p.17-21) Erik Erikson possui um trabalho peculiar sobre a adolescência. Ele parte das fases da evolução da libido descritas por Freud e as insere no contexto social, correspondendo a cada uma delas uma etapa de aquisição, definida pelo termo ‘crise psicossocial’, a ser realizada pelo indivíduo em sua interação com o mundo. Assim, a adolescência é correspondente a Fase genital de Freud e a crise psicossocial relacionada a ela é a “identidade versus confusão de papéis”.

De acordo com este modelo, a identidade se configura em três áreas básicas “a identidade sexual, a profissional e a ideológica”. Na primeira área, a segurança em assumir seu papel sexual é que dará ao sujeito as condições de estabelecer as filiações características das etapas da vida adulta. Na segunda, a partir da aquisição da identidade profissional, o indivíduo se sentirá um membro ativo e produtivo dentro de seu grupo social, “eu sou em grande parte aquilo que faço”, podendo ser um membro independente e co-participante na construção dos bens e da realização do mundo material. Com a definição da identidade profissional ele “poderá estar seguro não só do que é, mas do que continuará sendo”. A terceira área compreende a identidade ideológica, onde “o adolescente em permanente reconstrução interna, deve acompanhar a reconstrução do mundo e posicionar-se. Para Erikson a energia que permite as revoluções e as rupturas com os modelos que não mais servem provém do fervor da adolescência.” Além das dificuldades características na resolução das três áreas da aquisição de identidade, o adolescente ainda corre o risco da “confusão de papéis”, que pode imobilizá-lo e ameaçar as suas escolhas identitárias (Idem, p.30-31).

Ainda em relação a aquisição de identidade, FIORI (p. 31-32) apresenta o modelo operacional de trabalho, de Joseph Marcia, seguidor das idéias de Erikson. Neste modelo, cada uma das áreas da etapa de aquisição da identidade, possui duas fases bem distintas: a crise e o engajamento. No momento de crise o adolescente se confronta com inúmeras possibilidades de

escolhas e ele sente-se atraído por várias delas, e pode questioná-las até que se defina. O momento do engajamento é quando sua escolha está incorporada ao seu ego, precisando unir esforços para preservar e lutar pela realização de sua decisão.

Um dos aspectos da adolescência que também necessita ser analisado e que está ligado a forma como se relacionam socialmente, é a tendência a formação de grupos. Segundo Fiori (1982, p. 39) o grupo serve como um processo defensivo que o ajuda a configurar-se, já que normalmente nesta época o adolescente é muito inseguro. A uniformidade que o grupo lhe traz lhe atualiza a segurança de saber quem é, também o ajuda a vivenciar, na prática, o exercício do bem e do mal. Acreditamos que evolutivamente [os grupos] ajudam o adolescente a defrontar-se com suas fantasias destrutivas, para em seguida domina-las.

Resumidamente, para o adolescente, fazer parte de um grupo é condição essencial para sentir-se aceito, desenvolver-se, aprender a lidar com o outro e consigo mesmo.

Um outro ponto de vista acerca do conceito de adolescência é o biológico e cultural. Em 1928 Margaret Mead publicou um estudo feito com uma tribo da Samoa, que contesta esta idéia. Ela tentou mostrar que a adolescência é um fenômeno cultural, ocidental e moderno, já que nesta comunidade a fase da adolescência é tranqüila e feliz, sem as características apontadas por Hall. Aponta ainda para o fato de que nem todo o indivíduo que está na puberdade, obrigatoriamente está na adolescência (CALLIGARIS, 2000, p.76-81; FARIAS, 2005).

A visão de que “a adolescência é uma invenção cultural” (STONE & CHURCH apud FIORI, 1982, p.11), é demonstrada também historicamente, pois,

[...] as culturas tecnicamente menos sofisticadas não têm motivos para retardar o ingresso do jovem nas suas estruturas sociais [...] É com a especialização, ou com o desenvolvimento tecnológico de uma cultura que progressivamente se começa a cobrar, cada vez mais, da formação profissional; ou seja, o período de preparação do adulto, até que realmente ele seja um produtor, começa a ser estendido, invadindo todo o período que sucede a puberdade, ou mesmo atingindo períodos significativos do adulto inicial. (FIORI, 1982, p.12)

Este “fenômeno” é bem presente em nossa sociedade, nas camadas de maior poder aquisitivo, onde temos jovens adiando a sua saída de casa até a conclusão de um curso superior, normalmente, em torno dos 25 anos. Esta idade está acima do limite da adolescência, de 10 aos 19, anos, previsto pela Organização Mundial da Saúde (OMS)²⁸ (WHO, 2006).

²⁸ Conforme descrito no site da OMS:

<http://www.who.int/child-adolescent-health/OVERVIEW/AHD/adh_over.htm>

Assim, a idade em que a infância termina legalmente é definida de forma primária (e crucial) em termos de ‘exclusão’ das crianças [e adolescentes] de práticas definidas como propriamente ‘adultas’, sendo as mais óbvias o emprego remunerado, o sexo, o consumo de álcool e o voto. Em cada caso, as crianças são vistas como atingindo a maioridade numa idade diferente. (BUCKINGHAM, [sd], p. 13)

Após a segunda Guerra Mundial, a hegemonia do capitalismo norte-americano toma conta do mundo com seu “the american way life”, impondo modelos de comportamento, retratando uma visão rebelde da adolescência, reforçada por filmes como “o selvagem” e “Juventude Transviada” (NUNES, 1987, p.73; MACHADO, 2006).

Surgem também nesta época, os “beatniks”, jovens que viajam sem rumo, escrevem sobre suas experiências psicodélicas, sua vida marginal, dormem ao relento e conhecem realidades diferentes do mundo burguês vivenciado pela maioria dos jovens americanos desse período. Os escritores Jack Kerouac e Allen Ginsberg são símbolos deste movimento, dando os primeiros passos para um movimento ainda mais radical, na década de 60, o da contracultura. (MACHADO, 2006).

Para Grossman (2006, p.6), a contracultura é um fenômeno inicialmente caracterizado pelos cabelos compridos, roupas coloridas, misticismo, um tipo de música e drogas. Porém, não se limitava a isto, significava “uma nova maneira de pensar, modos diferentes de se relacionar com o mundo e com as pessoas”, delineando um movimento de caráter fortemente libertário da juventude urbana.

No Brasil assim, como no resto do mundo, desde aquela época novos movimentos surgiram, alguns ainda incompreendidos outros, entretanto, produziram movimentos culturais, tal como os que consolidaram o rock com uma roupagem nacional. Estes movimentos falavam do Brasil com criticidade e buscavam mudanças, tal como as “Diretas Já” ou, posteriormente e os “Caras pintadas” que pediam a derrubada de um Presidente da República. (MACHADO, 2006).

Mas não podemos esquecer que, como lembra Buckingham (2006, p. 19 – 27) que temos que ver os nossos jovens como cidadãos, pessoas capazes e não como “indivíduos pré-sociais”, pois se excluirmos os adolescentes da decisão de sua própria vida, estaremos legitimando um comportamento “que certos adultos julgam tão problemático”.

É nesta perspectiva de visão do contexto social, econômico e cultural, onde os adolescentes estão inseridos que desenvolver-se-á este trabalho.

2.4 Representação e uso da Internet

Para Thompson (p. 38, 1998), as mídias alteraram as nossas formas de compreender o mundo fora de nosso alcance pessoal e de nosso lugar dentro dele. Esta compreensão está sendo modelada cada vez mais pelas mediações das formas simbólicas, uma das formas desta mediação é a Representação.

Ao estudar as representações deve-se considerar ainda o “poder das idéias de senso comum” (OLIVEIRA, 2004, p. 1), isto é, “como, e por que as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum”. (MOSCOVICI apud OLIVEIRA, 2004, p. 1)

No caso de investigações acerca das representações da Internet, pode-se apreender, por exemplo, a expressão dos sujeitos sobre o que é, como funciona, quais os riscos e implicações acerca deste recurso.

Este foi, por exemplo, um dos objetivos da investigação italiana do Prof. Rivoltella com pré-adolescentes, onde, “as respostas frente a tal fenômeno oscilam entre entusiasmo e preocupação, desde aqueles que pensam que a Internet melhorará a vida e oferecerá possibilidades impensáveis de conhecimento até quem pense que ela nos escravizará.” (Apud FANTIN, 2006).

Nesta importante pesquisa, para ajudar em parte na identificação e análise das respostas acerca das representações de internet, o estudo foi delineado com o uso de “[...] denominadores comuns de ordem cognitiva e afetiva.” A primeira ordem diz respeito “[...] às dimensões comunicativas, cognoscitivas, informativas, instrumentais, lúdicas, heurísticas e relacionais que eram situadas a partir de itens como “não uso”, “vi usar”, “uso pouco”, “uso regularmente”. A segunda, dimensão, a conotativa, apresentou as “[...] sensações sobre o fenômeno.”. (idem).

Os resultados apresentaram diferentes abordagens do que é a Internet, como por exemplo “modo, meio, instrumento” ou “termos mais específicos como computador, programa.” (Ibidem).

Rivoltella concluiu que a representação da Internet dos jovens pesquisados é algo “utópico”, capaz de mudar o futuro da humanidade e de acesso a todos.

Considerando a relação existente entre realidade das mídias e as imagens que uma sociedade produz negociando representações, no interior da pesquisa, das palavras escolhidas para descrever Internet emergiram dois tipos de utopia: a “utopia messiânica” que conduz a uma visão onipotente da Internet ligada ao futuro e a “utopia da democracia”, ligada à visão da Internet acessível a todos. (Ibidem).

Além das representações de Internet, o trabalho de Rivoltella também investigou “os usos” da Internet pelos pré-adolescentes, caracterizado pela quantidade de uso, de suas ações, daquilo que gostam, aonde usam, dentre outros.

No caso italiano, o local de uso da Internet referenciado na pesquisa foi o doméstico. Este fenômeno é explicável pelos índices de presença de computadores em cada 2 ou 3 lares italianos com filhos pré-adolescentes. Em um país como o Brasil, de profundas diferenças sociais, dificilmente teríamos um quadro assim.

No final de 2006, a União Internacional de Telecomunicações (UIT) publicou que o número de usuários ativos da Internet brasileira era de 21,2 milhões de usuários, o que representa 11,3% da população brasileira. Este número, abaixo da média mundial que é de 16,9%, coloca o Brasil como o décimo país em número de internautas (IDGNOW, 2007, p. 1).

Para os brasileiros que utilizam a Internet, os locais de acesso mais comuns são: a casa, o trabalho, a escola ou os locais de acesso público, que podem ser estatais (escolas, telecentros²⁹, bibliotecas, etc), privados (cyber cafés, lan houses), terceiro setor (ONGs). (SORJ, 2003, p. 65-67).

Quanto a frequência de uso da Internet, em outra pesquisa, divulgada pelo CGIBr, número de pessoas que já usaram a internet, no Brasil ao menos uma vez, é de 33,32% da população e existe certa desigualdade por região. Nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, o percentual de quem já usou fica entre 36,19 e 38,94. Enquanto que na região Norte e Nordeste, não ultrapassa os 25,54%. (CGIBR, 2007b, p.1).

Em uma outra pesquisa, sobre atividades para ocupar o tempo livre entre jovens brasileiros, aponta que na faixa etária entre 15 a 25 anos, apenas 17% utilizam o computador. (BRENNER, DAYRELL & CARRANO, 2005, p.195)

²⁹ “Os telecentros são pontos de acesso coletivo, onde o usuário pode usufruir de serviços de Internet através de equipamentos que não lhe pertencem.” (SORJ, 2003, p.66-67)

Isto corrobora com Castells, que aponta o uso da Internet no mundo como sendo “extremamente diferenciado em termos territoriais, em conformidade com a distribuição desigual de infra-estrutura tecnológica, riqueza e educação no planeta.”. (2003, p. 174).

Para Rivoltella (apud FANTIN, 2006), além do local e da frequência, para aferir os usos que os sujeitos fazem da Internet, torna-se necessário também, “destacar o que fazem quando estão conectados, ou seja, a atividade desenvolvida on-line, a variação do conteúdo, a tipologia de interações com a rede, etc.”. Em relação aos aspectos de interação, o autor observou que grande parte dos pesquisados apenas navegam pela página, sem uma preocupação mais forte acerca da “criação ou produção original”.

Quanto as atividades de quem usa a Internet, de acordo com Sorj (2003, p. 68), as formas de uso da Internet são classificados em categorias como: comunicação, e-educação, e-cultura, e-saúde, e-governo, conteúdos sociais e o mais importante é que “dependem da capacidade de apropriação e desenvolvimento criativo de cada usuário”

Castells (2003, p.12), analisando sob um ângulo mais amplo, aponta algumas das áreas mais importantes do uso da Internet, desde os negócios eletrônicos e a nova economia, as novas formas de sociabilidade on-line, as implicações políticas da Internet, de novas formas de participação do cidadão e organização de base, a convergência da multimídia com a Internet com suas implicações nas artes visuais, na música e na cultura em geral.

No aspecto do que é acessado na Internet pelos pré-adolescentes Italianos, foram evidenciados o gosto “por temáticas leves, com sites de jogos, espetáculos e divertimentos, tempo livre, hobby, esportes [...] em detrimento da preferência por temáticas de caráter mais obrigatório, com sites de aprofundamento científico, educativos e com informação políticas.” (RIVOLTELLA apud FANTIN, 2006).

Na busca por uma definição sobre estes âmbitos de utilização, com base nos conteúdos e recursos disponíveis da rede, pode-se denominá-los simplesmente de “práticas com a Internet”. Isto porque, “os usos da Internet são, esmagadoramente, instrumentais, e estreitamente ligados ao trabalho, à família e à vida cotidiana”. (CASTELLS, 2003, p.99).

Uma destas práticas é o uso do e-mail, uma das ferramentas de Internet mais utilizada pelos usuários e que “representa mais de 85% do uso da Internet, e a maior parte deste volume relaciona-se a objetivos de trabalho, as tarefas específicas e a manutenção de contato com a família e os amigos.” (CASTELLS, 2003, p.99).

Entre os adolescentes o uso de mensageiros instantâneos é muito popular, eles são potentes ferramentas de comunicação em tempo real, que possuem suporte a voz e a tecnologia

de *voice ip*³⁰. Este instrumento está revolucionando a Internet como meio de comunicação, já que permite por um custo muito inferior ao praticado pelas operadoras de telefonia, ligações para telefones fixos de qualquer parte do mundo. Além disto, os mensageiros instantâneos possuem capacidade de transmitir além de texto e voz, imagens, proporcionando uma comunicação anteriormente impossível (SORJ, 2003, p. 65-68).

Como prática de divulgação de informações na Internet, encontra-se a publicação de home pages, ou páginas de Internet, o que permite aos usuários individuais ou as organizações expor conteúdos em escala mundial.

Além das tradicionais páginas, encontra-se na Internet a produção de conteúdos por usuários comuns através dos *blogs*, *fotologs* e *videologs*³¹.

O *blogs* são a “gloriosa volta à palavra escrita” (VOX, 2004, p.47) uma maneira que temos hoje de voltar a valorização do texto como uma forma de comunicação privilegiada na web, indo muito além de belos efeitos de design, “é nos *weblogs*³² que vai surgindo uma nova geração de formadores de opinião, bem aos moldes anárquicos da Internet” (idem, p. 48).

Na educação, percebo que os blogs não são aproveitados, uma vez que a maioria dos professores ainda não descobriu as possibilidades pedagógicas de criação e edição que estes novos “queridos diários” podem trazer para a sala de aula. Na minha vivência como pedagogo observo a existência de adolescentes com muita escrita publicada, mas que são avaliados como incapazes linguisticamente. Uma possibilidade de uso dos blogs, pode ocorrer com a mudança de foco da escrita, do formal ao informal, do desinteressante ao significativo (AUSUBEL, 1978), resultando talvez em excelentes escritores para as salas de aula.

Por outro lado, estes novos instrumentos de disseminação do “EU” na Internet, como os *fotologs* são uma grande tentação aos adolescentes, pois nestes sites podem ser protagonistas de seu próprio EU virtual, com a criação de verdadeiros avatares³³ digitais, transfigurando-se em criações visuais da projeção de suas fantasias. Encontramos muitos *fotologs* que são verdadeiras superproduções, com fotos bem elaboradas, com figurino e cuidado estético. Indo muito além da proposta inicial de ser uma mera janela do cotidiano.

³⁰ Tecnologia de voz sobre IP, que permite a telefonia por intermédio da internet

³¹ Blog é a abreviação de web log: significa um conjunto de registros (textos, artigos, notícias) publicados na internet por alguém - o autor do blog, também chamado de blogger ou blogueiro. Fotologs e vídeologs são variações de Blog com uso de fotos e vídeos. Fonte: <http://www.tipos.com.br/cadastro/o-que-sao-blogs>.

³² A palavra *blog* derivou de *Weblog*.

³³ Uso o termo avatar aqui com o significado de transfiguração, a etimologia da palavra vem do sânscrito e significa a reencarnação de um deus, e, especialmente, no hinduísmo, reencarnação do deus Vixnu.

Ainda do ponto de vista dos usos da Internet no sistema da multimídia³⁴ encontra-se a divulgação de vídeos (especialmente os pornográficos), os videogames on-line, a audição de rádio, os jornais on-line, os livros (*e-books*³⁵), revistas especializadas e uma esfera que está sendo transformada de forma profunda pela tecnologia digital e pela Internet: a arte. (BOYD et al. apud CASTELLS, 2003, p.164).

Temos então com todas as possibilidades de uso da Internet, o surgimento de uma nova cultura, a cultura do “*copyleft*”³⁶, que tem como sua característica básica ser “personalizada, colaborativa e aberta”.

Ainda é cedo para saber as implicações do advento das tecnologias de comunicação digital (TCDs) (HALL, 1997) pois este é significativamente novo para poder ser avaliado com exatidão, mas com certeza o caráter subversivo do “ambiente midiático” Internet tem forte impacto no desequilíbrio da influência dos monopólios comunicacionais, já que

Como meio, a Internet problematiza a forma midiática massiva de divulgação cultural. Ela é o foco de irradiação de informação, conhecimento e troca de mensagens entre pessoas ao redor do mundo, abrindo o pólo da emissão. Com a cibercultura, trata-se efetivamente da emergência de uma liberação do pólo da emissão (a emissão no ciberespaço não é controlada centralmente; todos podem emitir), e é essa liberação que, em nossa hipótese, vai marcar a cultura da rede contemporânea em suas mais diversas manifestações: chats, “Orkut”, jogos on-line, fotologs, weblogs, wikipédia, peer to peer para troca de músicas, filmes, fotos, textos, software livre (LEMOS, 2004, p. 4)

Com a popularização destes ambientes de divulgação, interação, de relacionamento, dos programas de comunicação instantânea, muitas coisas modificaram nas reações dos usuários com a criação, tornado-se muitas vezes co-autor, co-produtor de textos que são, verdadeiramente, colaborativos. Reforçando assim a cultura do *copyleft*. Mas “ainda é necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricaram” (CERTEAU, 1994, p. 40).

Vale ressaltar ainda que, a Internet consegue ter um aspecto que não estava presente na TV, no rádio e no cinema, que é a possibilidade de criar, de interagir (no sentido literal da palavra). Qualquer um com pouco investimento financeiro e técnico pode produzir conteúdos

³⁴ Multimídia é a aglutinação de sons, imagens estáticas, vídeos e animações, utilizados em conjunto com a tecnologia de computação. Fonte: <http://www.cin.ufpe.br/~sam/Mult.html>.

³⁵ Livros eletrônicos. Muitos dos autores universais podem ter suas obras lidas desta forma. Ver o site: <http://www.dominiopublico.org.br> um site de iniciativa do governo federal, para disponibilizar livros eletrônicos.

³⁶ *Copyleft* pode ser definido como processos de transformação de obras onde o usuário pode adicionar informações e transformações desde que a obra continue livre para novas transformações. A essa apropriação criativa e coletiva de trabalhos chama-se de *copyleft*, termo surgido como uma oposição ao termo *copyright* (LEMOS, 2004, p. 10).

(informação) na Internet hoje. Fazendo, assim, da Internet uma possibilidade de ser uma “guerrilha cultural [...] continue movendo a tribo inteira, mesmo que ela seja apenas dados na Internet” (BEY, 2001, p.13).

Prefiro acreditar que podemos fazer uma oposição a ela e pensar com BEY (2001, p.31-42) que, a possibilidade da Internet em dispor informações a todos, de fácil acesso, por si só já seria uma forma de “contra-net”. BEY utiliza o termo “contra-net” para indicar o uso clandestino, ilegal e rebelde da WEB, incluindo a pirataria de dados e outras formas de “parasitar a própria net”.

Este mapeamento inicial visa apenas servir como guia para a investigação dos usos mais gerais da Internet, pois há inúmeras possibilidades de atividades a serem realizadas na grande rede.

2.5. Mídia-educação, adolescentes e outras pesquisas relacionadas

“Apesar da grande quantidade dos trabalhos, não existe ainda neste domínio do saber, um corpo homogêneo de conhecimento, nem uma metodologia capaz de constituir o processo cumulativo de investigações.” (RODRIGUES, 1993)

Apresenta-se a seguir uma revisão de literatura, proveniente de artigos publicados nas áreas de educação e comunicação, uma vez que o tema central deste trabalho está na intersecção destas linhas.

Escolheu-se especificamente, trabalhos publicados nos anais das reuniões anuais da ANPED, apresentados no GT 16 – Educação e Comunicação, do período de 1995 a 2006 e na revista eletrônica da COMPÓS (e-compós).

As áreas de educação e comunicação, apesar de aparentemente distintas, têm muitas coisas que as aproximam, tal como pontuam Armand e Michèle Mattelart, diversas disciplinas se interessam pelos processos comunicacionais (apud ROCHA e MONTARDO, 2005, p. 3 – 4).

Durante a pesquisa bibliográfica encontraram-se os trabalhos, listados a seguir e que de alguma forma, contribuem com esta investigação.

Autor(es)	Título	Reunião / Ano
ZUIN, Antonio Á. S.	Adoro odiar meu professor: o orkut, os alunos e a imagem dos mestres.	29a. RA/2006
GIRARDELLO, Gilka	Produção cultural infantil diante da tela: da tv à Internet	28a. RA/2005
FANTIN, Mônica	Novo olhar sobre a Mídia-Educação	28a. RA/2005
SILVA, Cleânia de Sales	As representações sociais nos discursos midiáticos: novas questões para a educação	28a. RA/2005
FERNANDES, Adriana Hoffmann	As mediações na produção de sentidos das crianças sobre os desenhos animados	28a. RA/2005
GOMES, Nilza Godoy; BELLONI, Maria Luiza	As tecnologias de informação e comunicação como fator de inclusão social de crianças em situação de risco	27a. RA/2004
FISCHER, Rosa Maria Bueno	Videopolítica e experiência: ferramentas para investigar mídia e juventude	26ª. RA/2003
CATAPAN, Araci Hack	O ciberespaço e o novo modo do saber: o retorno a si como um inteiramente outro	24ª. RA/2001
GOMES, Paola Basso Menna Barreto	Mídia, imaginário de consumo e educação	23ª. RA/2000
SILVEIRA, Jacira Cabral da	Infância na mídia: sujeito, discurso e poderes	23ª. RA/2000
SCHMIDT, Saraí SABAT, Ruth	Representações da Docência no Fotojornalismo	21ª RA/1998
KENSKI, Vani Moreira	Memórias em movimento: A angústia do (des)conhecimento na sociedade da informação	21ª RA/1998
FISCHER, Rosa Maria Bueno	Adolescentes em confiança pública	20ª RA/1997

Quadro 2: Trabalhos selecionadas da ANPED

Estes 13 trabalhos foram escolhidos por apresentarem, direta ou indiretamente, alguma relação com o tema desta investigação. Os artigos foram classificados apenas com finalidade didática, uma vez que as áreas envolvidas não são isoladas umas das outras.

Dos artigos escolhidos, um (7%) trata do tema mídia-educação propriamente dito e suas implicações, visando mostrar a importância da educação com, para e através das mídias nos dias atuais. O texto trata da mídia-educação como campo de estudos, encontrado entre as ciências da comunicação e da educação, útil para a formação de sujeitos capazes de entenderem e intervirem na sua realidade. O estudo aborda ainda o perfil do profissional para trabalhar com a mídia-educação e a sua formação.

O tema representação foi encontrado em cinco (36%) dos artigos selecionados. A partir destes documentos foi possível compreender um pouco o que significa termos como “representação social”, “imaginário”, “subjetividade”, “internet” e outros que auxiliaram nesta investigação.

No texto de Silva (2005), encontraram-se pontos essenciais para este trabalho, já que “falar de representações sociais implica necessariamente falar de comunicação, pois é no processo comunicacional que as representações sociais são geradas e expressas” (p. 1). Esta autora trabalha a concepção de representação social adotada por Moscovici³⁷, a qual surgiu como uma aproximação teórica para a análise dos dados desta pesquisa. A autora encerra seu artigo afirmando, que os meios de comunicação, através de novas tecnologias, cada vez mais ampliam e aprofundam seus poderes enquanto espaços de construção de saberes e sentidos, enquanto veiculadores e formadores de representações sociais (SILVA, 2005, p. 15).

Um outro artigo, analisa a representação do conceito de docência construída por meios de imagens veiculadas no jornalismo impresso, utilizando o conceito de representação defendido por Hall (1997) apud Schmidt & Sabat (1998, p.11). Este autor apresenta a forma pela qual o significado é construído, através da localização, do posicionamento e da disposição do discurso as formas como as coisas são representadas e as maquinarias e os regimes de

³⁷ “O romeno naturalizado francês Serge Moscovici é dono de uma obra considerável, tão importante para a psicologia (seu campo de formação e atuação) como para a história e as ciências sociais. Seus trabalhos e sua teoria das representações sociais (TRS) têm influenciado ao longo das últimas quatro décadas pesquisadores tanto na Europa como nas Américas, incluindo o Brasil. É curioso, assim, que entre sua vasta obra - doze livros individuais e quatorze que ele organizou ou escreveu em conjunto com outros autores -, apenas dois tenham sido traduzidos para o português, ambos com edições esgotadas.” (OLIVEIRA, 2004, p.1)

representação numa cultura exercem um papel constitutivo e não apenas reflexivo, posterior ao evento.

O terceiro artigo (GOMES, 2000) traz um estudo sobre a influência da mídia na formação do consumidor. Neste há algumas referências sobre a criação de desejos pela mídia que podem ser úteis para a análise da representação das tecnologias pelos adolescentes e a sua relação com a manutenção do “satus quo”. O quarto trabalho (SILVEIRA, 2000) aborda a construção do sujeito infantil pela mídia, analisando o conteúdo de programas televisivos brasileiros.

Sobre assuntos ligados a representação e adolescência, foram encontrados dois (14%) textos. Um artigo trata de uma análise do seriado de televisão “Confissões de Adolescente”, realizado por Fischer e publicado na 20ª RA (1997). O outro texto (FISCHER, 2003), aborda o conceito de videopolítica e como este conceito pode influenciar a construção de jovens e adolescentes como sujeitos políticos.

Em um artigo sobre a Internet, Zuin (2006, p. 2) apresenta a forma como os alunos adolescentes a usam. O autor faz um pequeno histórico da disciplina em sala de aula e das reações professor – aluno no decorrer da história. Cita em particular o Orkut³⁸ como o principal espaço para a livre manifestação dos alunos sobre seus professores, como uma forma de expor o “descontentamento que possuem em relação ao comportamento de seus professores”. O artigo explora várias comunidades do Orkut que expressam-se negativamente em relação as imagens dos professores e faz uma análise baseada em Freud das colocações encontradas.

Atualmente, os alunos encontram um canal extremamente eficiente para poder extravasar suas desilusões, alegrias, frustrações e, principalmente, ódio e ressentimento com relação a imagem que têm de seus mestres. Este canal é o Orkut, um manancial consideravelmente profícuo para aqueles que se interessam em compreender as instigantes relações desenvolvidas entre os alunos e seus preceptores.” (2006, p.13)

O tema dos estudos de recepção propriamente ditos foi encontrado em dois artigos (14%). Devido a dificuldade em encontrar artigos de referência sobre estudos de recepção da Internet por adolescentes, buscaram-se aproximações com trabalhos que tratam deste tema com a infância, TV e Internet. No artigo de GIRARDELLO (2005) encontrou-se pontos convergentes com esta pesquisa, como a possibilidade de buscar “referências provenientes de

³⁸ “Criado em 22 de janeiro de 2004 pelo projetista chefe e engenheiro do Google chamado Orkut Büyükkökten, o Orkut é um sítio de relacionamentos on line “ (ZUIN, 2006, p. 7-8) que utiliza comunidades virtuais que congrega pessoas ligadas por interesses comuns.

pesquisas entre crianças e televisão, campo teórico já bem mais estabelecido, investigando sua aplicabilidade ao novo contexto” (p.1). Do segundo texto, aproveitou-se a revisão de bibliografia utilizada pela autora sobre a “Teoria da Recepção formulada pelos estudos culturais latino-americanos” (FERNANDES, 2005, p.1).

Ainda nos artigos selecionados, três (25%) versam sobre Internet, seus recursos e algumas experiências de sua utilização. Estes textos apresentam a problemática da sociedade da informação, da exclusão digital e a posição dos sujeitos nesse contexto.

Em relação as referências utilizadas nos artigos, interessaram especialmente os autores de estudos de recepção latino-americanos e europeus, os quais são base para analisar esta investigação com mais propriedade. Em apenas 5 artigos, foram encontradas referências a Guillermo Orozco (uma), Beatriz Sarlo (uma), J. B. Thompson (uma), Stuart Hall (duas), Nestor Canclini (duas) e J. Martín-Barbero (duas).

Da revista eletrônica e-COMPÓS, especificamente nas seis edições do período de 2004 a 2006, encontrou-se trabalhos de pesquisadores da área da comunicação, os quais auxiliaram numa percepção diferente do objeto de pesquisa.

Autor(es)	Título	Edição
ESCOSTEGUY, Ana Carolina D.	Estudos culturais: as margens de um programa de pesquisa	Ed 6 - Agosto de 2006
FREIRE FILHO, João	Novas Perspectivas para o Estudo da Relação entre Discursos Midiáticos, Juventude e Poder	Ed 6 - Agosto de 2006
ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella	Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura	Ed 4 - Dezembro de 2005
FÍGARO, Roseli	O desafio teórico-metodológico nas pesquisas de recepção	Ed 3 - Agosto de 2005
RECUERO, Raquel da Cunha	Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais	Ed 2 - Abril de 2005

MORIGI, Valdir José	Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos	Ed 1 – Dezembro de 2004
---------------------	--	----------------------------

Quadro 3: Trabalhos selecionados da COMPOS

Estes artigos serviram para aprofundar conceitos metodológicos e referenciais teóricos presentes neste trabalho, tais como: “estudos culturais”, “juventude e infância”, “pesquisas de recepção”, dentre outros. Todos estes conceitos foram analisados sob a ótica da comunicação, que é congruente com as visões teóricas da educação.

No artigo de Escosteguy, essencialmente metodológico, encontra-se um mapeamento dos “vários posicionamentos no interior da formação discursiva dos estudos culturais” (2006, p.1). Neste texto a autora afirma que “as respostas das audiências não podem ser tomadas como ‘verdade’, pois os sujeitos estão imersos num sistema social e seus atos de fala estão inscritos no interior das funções sociais” (2006, p. 9). Evidencia-se para esta pesquisa, o fato de estar posicionada no tempo, no espaço e em contextos sociais e culturais muito distintos.

Outro artigo traz uma visão genealógica dos conceitos de adolescência e juventude e a sua construção, particularmente nas nações industrializadas ocidentais, a partir da virada do século XX até os dias atuais (FREIRE FILHO, 2006). Mostra que eles são historicamente instáveis e enquadra-os em inúmeras patologias próprias da adolescência e juventude. A adolescência e juventude são vistas pelo autor como uma forma de controle foucaultiana. O texto apresenta uma análise da revista *Capricho*, mídia impressa voltada ao público adolescente feminino, que traz em suas matérias uma série de “prescrições e proscricções formuladas, de maneira explícita ou tácita” (FREIRE FILHO, 2006, p.16), mas que a respostas das leitoras nem sempre é de acordo com o esperado pelos editores. Isto ocorre, porque, ao consumir estas informações existe todo um sistema de recepção complexo e contextual que varia de adolescente para adolescente, e não pode ser considerado único e homogêneo.

O autor salienta que muitas vezes esta fase da vida é vista como possuindo gostos, experiências problemas e expectativas homogêneas, o que é uma verdadeira armadilha. Deve-se ter em mente que este grupo, apesar de estarem numa faixa etária semelhante, é variado, desigual. Os jovens apresentam diversidades individuais e estratificações sociais que produzem atitudes, gestos, estilos, comportamentos e atividades de determinados grupos em uma situação social concreta. Não se pode tornar como um sinônimo de adolescente, por exemplo, “a familiaridade com as novas tecnologias da comunicação” (FREIRE FILHO, 2006, p. 12).

Dentro dos artigos selecionados por apresentarem propostas metodológicas que vem de encontro esta pesquisa, encontrou-se o trabalho de Rocha e Montardo (2005). As autoras

sugerem o emprego de uma metodologia para interpretar a cibercultura denominada netnografia. Utilizam como bases, a antropologia, a partir dos conceitos da pesquisa etnográfica de Clifford Geertz e Aguirre Baztán e o conceito de não-lugar de Marc Augé.

As autoras seguem fazendo paralelos e análises dos conceitos de Augé com a Internet quando citam este autor dizendo que “é no anonimato do não-lugar que se experimenta solitariamente a comunhão dos destinos humanos” (AUGÉ apud ROCHA e MONTARDO, 2005, p. 11). Apesar deste não-lugar ser uma possibilidade solitária e contratual, com a cibercultura se promove no ciberespaço situações de extrema socialidade, como exemplo disto as autoras citam o site de relacionamentos Orkut como sendo “uma possibilidade de comunhão, de agregação virtual, nem por isso menos real dos indivíduos” (ROCHA e MONTARDO, 2005, p. 11 - 12).

Neste artigo, encontram-se conceitos muito próprios da antropologia, como o da “etnologia da solidão” proposto por Auge em seu livro “Não lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade” de 1994, utilizados para analisar relação que se estabelece entre o humano e o computador em seu uso da Internet, criando neste uso a consolidação de um não-lugar: o ciberespaço.

No artigo de Fígaro é relatada, analisada e discutida a proposta teórico-metodológica adotada em uma pesquisa de recepção realizada pela autora. E enfatiza a necessidade de articular o uso de métodos qualitativos e quantitativos como uma forma de possibilitar uma melhor análise dos resultados obtidos na pesquisa de campo e é uma forma para “que estes estudos tenham um maior respaldo científico” (2005, p.13).

Em Recuero (2005) encontrou-se uma análise do *Orkut*, dos *blogs* e *fotologs* com base nas atuais teorias de redes sociais: o modelo de redes aleatórias, modelo de mundos pequenos e modelo de redes sem escalas. Na análise da autora, a utilização destas teorias é deficiente para explicar as redes sociais presentes na Internet hoje. No *Orkut*, por exemplo, o que se observa é um amontoado de perfis e comunidades sem nenhuma interação e sem troca de capital social, o que torna o uso destas teorias para explicar as redes na comunicação mediada pelo computador, insuficiente, “devido à sua natureza matemática e pouco investigativa do teor das conexões e da não presunção de interação para a constituição do laço social” (Idem, p. 21).

Morigi (2004), em seu artigo faz referências teóricas às representações sociais. Este autor traça um pequeno histórico da origem e de uma visão da concepção de Moscovici sobre este tema. Apresenta ainda neste artigo um conceito denominado mediatização,

a compreensão de que o fato social não existe como dado, mas como construção midiática [...] a redução da realidade a um discurso

formatado, produzido para ser veiculado em mídias de grande alcance, produz uma simplificação e banalização do ‘real’” (MORIGI, 2004, p. 6)

Este processo de midiatização é um grande produtor de sentidos e constituinte de realidades que acabam por integrar o senso comum. O autor não foca uma visão determinista, pois vê as possibilidades do sujeito resignificar sentidos e interpretações quando da recepção dos produtos midiáticos, em função de suas experiências pessoais e de sua interação social (Idem, p. 6 – 9).

Por não ser um trabalho que inaugura uma área de pesquisa, recorda-se mais uma vez a importância da pesquisa bibliográfica apresentada. Vale ressaltar também as suas limitações, próprias de um trabalho com recorte teórico intencional, no contexto de uma investigação acadêmica datada.

3. Escolha metodológica: os rumos percorridos pela pesquisa

Para a realização desta pesquisa, definiu-se como foco, relações dos adolescentes com a Internet, o que pensam acerca desta tecnologia da informação e comunicação e como a utilizam. Buscou-se na literatura as bases conceituais para sustentar a investigação, entre elas, o campo dos Estudos Latino-americanos de Recepção, situando-o epistemologicamente nos estudos culturais, além de outros referenciais significativos sobre Internet, sua representação e uso.

3.1. A escolha dos campos de pesquisa

A escolha dos campos de pesquisa foi realizada tendo em vista o critério adotado pela pesquisa italiana, assim optamos por uma escola de comunidade urbana e outra de comunidade rural. A primeira localiza-se na parte continental de Florianópolis, no bairro de Coqueiros e a segunda na parte insular, no bairro de Ratonés. Embora o bairro de Ratonés fique na Ilha de Santa Catarina, de acordo com o plano diretor do município ele foi enquadrado como zona rural. A opção em investigar os adolescentes em escolas públicas orientou-se pelo modelo italiano que fez esta opção, pois "(...) a escolha da escola pública permite atribuir aos resultados da pesquisa um valor de *feedback* imediato na comparação com políticas públicas que pretendem, eventualmente, reorientar seu trabalho em matéria de inovação tecnológica." (RIVOLTELLA, 2001, p.15)

Assim seguiram-se critérios semelhantes à pesquisa italiana para a escolha das escolas, tais como: as peculiaridades de infra-estrutura, oferecimento de serviços urbanos, os aspectos geográficos dos bairros onde se encontram e a obrigatoriedade de serem estatais.

A partir disso, nossa escolha pelo campo de pesquisa recaiu sobre a Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. A escolha por Florianópolis, justifica-se no fato deste município possuir, dentro do Estado de Santa Catarina, um Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) onde a implementação e o uso da informática na educação é mais difundida.

O NTE da Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF) teve início em novembro de 1991, com o projeto de informatização da Secretaria Municipal de Educação, propondo a melhoria do sistema de administração escolar. Após cinco anos, com recursos do Ministério da Educação e do Fundo Nacional para o Desenvolvimento Educativo, em 1996, foram adquiridos os primeiros equipamentos com finalidade de implantação de laboratórios de informática educativa. Foram 18 equipamentos e seis impressoras, divididos igualmente entre três escolas, nos bairros do Pantanal, Barra da Lagoa e Alto Ribeirão. A inauguração deu-se em 1997 e a sua utilização ficou sob a responsabilidade de 3 professoras, dando prioridade às turmas de 7ª e 8ª séries e desenvolvendo-se atividades com o uso de alguns softwares do pacote Office e ainda o Paint. Ainda em 1997, foi criada a Divisão de Cultura Tecnológica – DCT, esperando integrar ainda mais as tecnologias de informação e comunicação - TICs no processo educativo. Visando coordenar a implantação e a implementação dos laboratórios de informática nas escolas (Sala Informatizadas – SI) e preparar os professores para o processo de incorporação dessa tecnologia ao processo de ensino-aprendizagem, foi criado em 1998, o Núcleo de Tecnologia Educacional - NTE da Prefeitura Municipal de Florianópolis - PMF, incorporado a DCT (atualmente, “Divisão de Mídia e Conhecimento”), como parte do Programa Nacional de Informática na Educação (NTE/PMF, 2006).

Até a data atual, foram implementadas vinte e seis Salas Informatizadas, com conexão à Internet (quadro 1). São 24 em escolas básicas de Educação Fundamental da RME³⁹, uma em Núcleo de Educação de Jovens e Adultos e uma em unidade de Educação Infantil.

Escolas Básicas atendidas

Unidade Escolar	Instalação	Localidade	Computadores
1. EBM Acácio Garibaldi São Thiago	Abr/1997	Barra da Lagoa	16
2. EBM Albertina Madalena Dias	Ago/2000	Vargem Grande	16
3. EBM Almirante Carvalhal	Ago/2001	Coqueiros	15
4. EBM Anísio Teixeira	Ago/2000	Costeira do Pirajubaé	16
5. EBM Antônio Paschoal Apóstolo	Mai/2003	Rio Vermelho	16
6. EBM Batista Pereira	Abr/1997	Ribeirão da Ilha	16

³⁹ Rede Municipal de Ensino

Unidade Escolar	Instalação	Localidade	Computadores
7. EBM Beatriz de Souza Brito	Abr/1997	Pantanal	16
8. EBM Brigadeiro Eduardo Gomes	Junho/2003	Campeche	16
9. EBM Donícia Maria da Costa	Ago/2001	Saco Grande	16
10. EBM Gentil Mathias	Abril/2003	Ingleses	16
11. EBM Intendente Aricomedes da Silva	Ago/2000	Cachoeira	17
12. EBM José Amaro Cordeiro	Ago/2001	Morro das Pedras	16
13. EBM José do Vale Pereira	Maio/2002	João Paulo	16
14. EBM Luiz Candido da Luz	Mar/2003	Vargem do Bom Jesus	16
15. EBM Osmar Cunha	Jun/1999	Canasvieiras	16
16. EBM Paulo Fontes	Ago/2001	Santo Antonio de Lisboa	16
17. EBM Vitor Miguel de Souza	Maio/2002	Itacorubi	16
18. Creche Dona Cota	Abril/2003	Abrão	8
19. EJA - Núcleo Centro	Maio/2004	Centro	16
20. EBM Henrique Veras	Março/2004	Lagoa da Conceição	16
21. EBM João Gonçalves Pinheiro	Abril/2004	Rio Tavares	16
22. EBM João Alfredo Röhr	Maio/2004	Córrego Grande	16
23. EBM Maria Conceição Nunes	Maio/2004	Rio Vermelho	16
24. EBM Mâncio Costa	Junho/2004	Ratones	16
25. EBM Dilma Lúcia dos Santos	Maio/2004	Armação do Pântano do Sul	16
26. ED Costa da Lagoa	2005	Costa da Lagoa	10
27. EBM Maria Tomázia	2005	Santinho	16
28. EBM Osvaldo Machado	Agosto/2004	Ponta das Canas	16
Total			434

Quadro 4: unidades escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis atendidas com salas informatizadas.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br/nte/escolas.html>

Ressalte-se também a facilidade de acesso aos educadores do Núcleo de Tecnologia Educacional que, por serem sensíveis as causas acadêmicas, proporcionam e permitem aos pesquisadores externos desenvolverem investigações, sem impor qualquer restrição.

Após conversar com a coordenadora do NTE/PMF visando conhecer as características de cada escola, optou-se por duas unidades (quadro 3) que melhor se enquadravam nas necessidades da pesquisa. Levou-se em consideração ainda a indicação do NTE/PMF e o contato do pesquisador com uma das coordenadoras de SI⁴⁰.

⁴⁰ SI - Sala Informatizada, nomenclatura adotada pelo NTE para designar o espaço que abriga, normalmente, 15 computadores, 2 impressoras, 1 *scanner*. (NTE/PMF, 2006)

As escolas selecionadas foram:

Escola	Coordenador da SI	Telefones da escola	E-mail	NTE ⁴¹
EBM Almirante Carvalhal	Juliana Pauli	3348-6645	juliana.si@pmf.sc.gov.br	Suleica
EBM Mâncio Costa	Fernanda Lino	3266-8218	fernanda.si@pmf.sc.gov.br	Deyze

Quadro 5: escolas escolhidas para realizar a pesquisa de campo.

Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br/nte/coordenadores.html>

A EBM Almirante Carvalhal localiza-se na região continental de Florianópolis, no bairro de Coqueiros, que foi escolhido para minha pesquisa por disponibilizar aos moradores, acesso a uma gama de aparatos públicos⁴², bem como contar com locais comerciais de acesso a Internet (*lan houses*, *cyber cafés*). A escola dispõe de uma Sala Informatizada padrão do NTE, com acesso a Internet. Atende da 1ª a 8ª série, nos turnos matutino e vespertino, contava com 521 alunos em 2005 (NTE apud QUIRINO, 2005, p. 64).

A EBM Mâncio Costa atende da 1ª a 8ª série, nos turnos matutino e vespertino. Em 2005 foram matriculados 415 alunos (NTE apud QUIRINO, 2005, p. 64), e está localizada na parte insular de Florianópolis, no bairro de Ratones, região central da Ilha de Santa Catarina. Esta escola se localiza a cerca de 26 km do centro de Florianópolis, sendo servida pelo sistema de transporte urbano, mas a região conta com poucos locais de acesso a Internet.

A escolha das duas escolas deu-se com a intenção de coletar dados de dois públicos variados, aproximando-se da realidade brasileira. Nesta pesquisa, apesar de, em alguns momentos, ficar evidente as diferenças, em especial do local de uso da Internet, não houve a intenção de comparar os resultados da pesquisa entre os adolescentes procedentes de uma escola ou de outra.

Após a escolha das duas escolas, para compor a amostra dos sujeitos pesquisados escolhemos os adolescentes matriculados nas séries finais do Ensino Fundamental (7ª ou 8ª série). Para esta escolha partimos do pressuposto que nesse nível, devido a idade os estudantes já têm uma maior experiência com a Internet e também uma maior capacidade de dialogar e trocar idéias, oralmente ou por escrito.

⁴¹ Indica qual o profissional do NTE que atende a escola.

⁴² Aparatos públicos são serviços oferecidos pelo Estado, como educação, saúde, telecomunicações, etc. Representados por escolas, postos de saúde e postos telefônicos ou telefones públicos, etc.

3.2 Os instrumentos, a forma de coleta e análise de dados.

Para a coleta de dados, seguimos a proposta da pesquisa italiana. Entretanto fizemos adaptação dos instrumentos utilizados por Rivoltella (2001, p. 154 – 173) considerando as necessidades específicas da pesquisa no Brasil. Ao todo, foram utilizados cinco instrumentos de coleta de dados, sendo quatro questionários e um formulário.

Esta diferenciação, conforme Rauén (1999, p.114-119), se dá principalmente em função da forma de preenchimento do instrumento, já que ambos possuem estruturas semelhantes.

Para o autor, “O Questionário consiste numa lista de indagações escritas que devem ser respondidas igualmente por escrito pelo informante. Informante é o termo técnico dado ao indivíduo que informa dados ao pesquisador”. Já o formulário, composto de “[...] perguntas fechadas ou com respostas curtas e previsíveis, ou uma entrevista elaborada de forma não aberta” é preenchido pelo pesquisador durante a entrevista com o informante.

O primeiro questionário (anexo I) foi aplicado a 131 adolescentes, com o objetivo de capturar uma primeira percepção dos sujeitos acerca da Internet e da sua frequência de uso. Assim, a partir das respostas deste questionário inicial deu-se a etapa de classificação e seleção dos sujeitos que participaram da segunda etapa.

a) Classificação

Os sujeitos foram classificados em três categorias a partir da questão da frequência de uso da Internet. Na categoria “usuários leves” (com a resposta “nunca usei” ou “não uso com frequência”), na categoria “usuários moderados” (com a resposta “uso uma ou duas vezes” ou “uso de três a seis vezes”) e na categoria “superusuários” (com a resposta “uso diariamente”).

b) Seleção

Após a classificação, do total de participantes, 18 foram selecionados para a aplicação dos questionários de aprofundamento (anexos II, III, IV), sendo:

- seis sujeitos da categoria “usuário moderados” e seis sujeitos da categoria “usuários leves”, escolhidos a partir das respostas na questão “O que é Internet para você?”. Utilizou-se como critério, as respostas que mais se aproximaram do conceito de Internet, utilizado para fundamentar esta investigação.

- seis sujeitos da categoria “superusuários” da Internet, optando pelos seis maiores números na resposta de horas diárias de uso.

Os questionários de aprofundamento foram aplicados a no máximo seis sujeitos de cada categoria de usuário, como mostra a tabela abaixo (quadro 1):

Categoria	Nº entrevistados	Questionário
Usuários leves	6	Anexo II
Usuários moderados	6	Anexo III
Superusuários	6	Anexo IV
Total		

Quadro 6: categorização os sujeitos da pesquisa

Com os 18 sujeitos selecionados também foi aplicado um formulário (anexo V), na forma de entrevista semi-estruturada, “Práticas Culturais e Consumo de Mídia”. O objetivo deste instrumento foi de investigar as mídias as quais estes sujeitos têm acesso em seu cotidiano.

Após a coleta dos dados se processou a fase de descrição e análise, fundamentada principalmente nos estudos culturais e estudos latino-americanos de recepção. Além disso, uma vez que esta investigação trilhou caminhos semelhantes aos da pesquisa italiana, realizou-se uma análise da representação da Internet pelos adolescentes pesquisados, diferenciando-se pela frequência de uso desta tecnologia. (RIVOLTELLA apud FANTIN, 2006).

O processo de análise foi dividido em duas etapas:

Etapa 1 - foram avaliadas as respostas do questionário 1, de todos os entrevistados, sobre:

- a) perfil geral dos entrevistados: sexo, idade, escola.
- b) local de uso da Internet: onde os adolescentes usam a Internet (casa, escola, locais públicos, etc)
- c) frequência de uso da Internet: qual a periodicidade semanal e o tempo de uso da Internet pelos adolescentes. A partir desta variável, foram definidas as categorias de usuários.
- d) O que é Internet: respostas, de cunho dissertativo, organizadas em 6 categorias. As categorias adotadas são provenientes da “pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação - TIC domicílios de agosto e setembro de 2005⁴³”, promovida pelo Comitê

⁴³ Disponível em: <<http://www.nic.br/indicadores/usuarios/index.htm>>

Gestor da Internet Brasil (CGI-Br). São elas: comunicação, treinamento e educação, busca de informação e serviços on line, lazer, interação com autoridades públicas e banking, compras e vendas de bens e serviços.

É importante observar que estas categorias foram escolhidas após a obtenção das respostas dos estudantes sobre esta questão, conforme explicado no capítulo 4, da análise dos dados.

e) Uma breve análise entre a frequência de uso e as definições de Internet: analisando o universo dos 131 adolescentes pesquisados, como foram as definições de internet para cada uma das categorias de usuários.

Etapa 2 - foram avaliadas as respostas dos questionários 2, 3, 4 e 5, dos estudantes selecionados para esta fase.

Após a seleção dos adolescentes, os dados desta etapa foram avaliados conforme divisão por frequência de uso da Internet proveniente do questionário 1.

- a) Usuários leves
- b) Usuário moderados
- c) Usuários freqüentes

Para cada um destes usuários, descrevemos e analisamos as respostas, agrupadas nas categorias de:

- a) representação da Internet:

Tal como na pesquisa italiana, realizou-se uma análise da representação da Internet pelos adolescentes pesquisados, diferenciando-se aqueles que não usam, usam pouco ou usam com frequência esta tecnologia (RIVOLTELLA apud FANTIN, 2006). As questões foram agrupadas conforme o quadro a seguir:

Categoria

Perguntas

A Internet e seus riscos

- a. “A Internet é revolucionária.”
- c. “Internet é uma perda de tempo.”
- g. “Uma vez que se inicia a usar a Internet, não se pode ficar sem ela.”
- j. “É necessário controlar aquilo que está na Internet (sites perigosos, pornográficos, racistas, violentos, etc)

Internet e Educação

- b. “É melhor aprender com a Internet, do que com os livros.”
- f. “Usando a Internet se aprende muito facilmente.”
- k. “Para fazer uma pesquisa os livros são mais válidos que a Internet.”
- l. “A Internet é uma ameaça para a língua portuguesa.”
- n. “Para usar a Internet é preciso ter-se um bom conhecimento de informática.”
- o. “Para usar a Internet é preciso conhecer bem o inglês.”
- u. “A Internet irá substituir a escola.”

A Internet como comunicação

- d. “A Internet permite melhorar a comunicação entre as pessoas.”
- e. “Quando se tem Internet em casa, se conversa menos.”
- m. “Quando se tem Internet em casa, acaba-se vendo menos televisão.”

s. “A Internet substituirá a televisão.”

A Internet como fonte de informações

h. “Frequentemente é difícil encontrar aquilo que se procura na Internet.”

t. “Habitualmente, pode-se confiar nas informações que encontramos na Internet.”

A Internet e o futuro

p. “Dentro de alguns anos, ter acesso a Internet em casa, será tão comum como ter hoje em dia, televisão ou telefone.”

q. “No futuro as pessoas comprarão quase tudo pela/na Internet.”

r. “No mundo do trabalho da próxima geração, ocorrerá uma dominação da Internet.”

A Internet e o lazer

i. “Internet é sobretudo um meio para se divertir.”

b) perfil dos usuários: foram utilizados dados coletados no questionário “práticas culturais e consumo de mídias” (anexo V), tal como sexo, faixa etária, cidade de origem dos estudantes e dos pais, ocupação dos pais ou dos adultos onde residem, acesso a cinema e teatro, acesso a outras mídias (telefone, rádio, televisão, celular, antena parabólica, televisão a cabo, mp3 player, entre outras), hábitos de leitura e consumo de jornais, as brincadeiras e o local onde se divertem,

c) O uso da Internet e outras mídias: consistiu em determinar: condições e local de acesso, frequência, duração e as atividades que desenvolvem. Segundo Fantin (2006), para Rivoltella (2001), este é o momento de uma análise de forma mais concreta. Estes dados foram provenientes dos questionários 2, 3, 4 e 5.

Após esta etapa, realizamos uma comparação entre os resultados, com a intenção de analisar as aproximações entre a representação e uso da Internet dos usuários selecionados em cada categoria.

3.3 A entrada no campo de pesquisa

O trabalho de pesquisa de campo se deu entre os meses de junho e novembro de 2006.

Na primeira escola, a EBM Almirante Carvalhal, após contato telefônico e por e-mail com a coordenadora da Sala Informatizada (SI), a visita na escola deu-se no dia 27 de março de 2006. A chegada ocorreu no horário do recreio (16h), estando o portão de acesso aberto, o que permitiu a este pesquisador entrar e observar por alguns minutos a dinâmica da escola.

Após cerca de 10 minutos parado próximo a secretaria da escola, este pesquisador foi abordado por uma senhora uniformizada, parte da equipe de serviços gerais. Ao conversar sobre o modo como as crianças brincavam a senhora considerou “muito movimentado”.

Mais alguns minutos de espera surgiu a coordenadora da SI, já contatada anteriormente por telefone. O encontro foi na SI, onde as intenções da pesquisa foram expostas e a coordenadora colocou-se a disposição. Ela indicou as turmas que acreditava serem as mais “abertas” e pré-dispostas a auxiliar na pesquisa. Assim selecionou-se uma turma da 8a. série para o trabalho e uma turma de 7a. série.

A coordenadora da SI ofereceu a opção de ter um professor como ponto de acesso aos alunos, indicando a professora de Língua Portuguesa, uma educadora “muito ligada nestas coisas de Internet”. Foi acertado que na próxima semana seria feito o contato com esta professora.

Ao retornar a escola na semana seguinte, descobriu-se que a professora indicada havia se afastado por problemas de saúde, o que impossibilitou o trabalho com ela. Foi indicado o

professor de matemática para acompanhar a realização da pesquisa, cuja recepção foi excelente e a articulação mostrou-se fundamental para o sucesso do trabalho nesta escola.

Neste mesmo dia o pesquisador apresentou-se às turmas escolhidas e expôs o que iria desenvolver. A apresentação da pesquisa aos alunos foi de forma ampla, apenas informando que era referente a uma investigação do mestrado. Os alunos de 7ª série não sabiam o que era um mestrado, assim, após as devidas explicações, os objetivos da pesquisa foram expostos, bem como a informação de que os entrevistados não seriam identificados. Entregou-se ainda o termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE (anexo 6), lido na sala e levado para casa a fim de ser assinado pelos pais dos adolescentes permitindo a participação na pesquisa. O professor de matemática sugeriu e foi aceita a idéia que os alunos entregassem os termos assinados ao líder da turma.

Após uma semana, ao retornar a escola para realizar o questionário inicial (anexo I) e obtivemos a informação de que a coordenadora da SI estava de licença para cuidar de um membro da família. O contato com o professor de matemática foi o que propiciou a continuidade da pesquisa.

Após recolher as autorizações com o líder de turma (na 7ª série 25% dos alunos deixaram de entregar, na 8ª série 100% dos alunos entregaram), explicamos que eles eram livres para responder ou não a esta pesquisa, como estava explícito no TCLE.

Na sala 72, três alunas que tiveram autorização das famílias negaram-se a responder ao questionário. O tempo de preenchimento oscilou em torno dos 25 minutos. Observou-se certo desinteresse na realização desta tarefa pela turma.

Na turma 82, todos os alunos entregaram o TCLE assinado e responderam ao questionário, muito animados, no tempo médio de 20 minutos.

Após cerca de 30 dias retornou-se para realizar a segunda etapa da pesquisa, com o auxílio do professor de matemática que encaminhou a realização desta fase da pesquisa junto aos alunos selecionados.

Para a etapa dos questionários aprofundados foram selecionados 9 estudantes, mas dois adolescentes não estavam presentes na escola nos dias da sua aplicação, restando 7 alunos para as entrevistas nesta escola.

A aplicação desta etapa ocorreu fora da sala de aula, com todos os alunos juntos, o que exigiu um esforço maior para sua realização. Inicialmente, fizemos uma explanação para todos, em seguida foram separados em pequenos grupos para fazer as explicações particulares. O preenchimento desta etapa do questionário durou cerca de 50 minutos. Logo após houve a

realização da entrevista estruturada sobre consumo de mídias, que durou em média 15 minutos por aluno.

Durante a parte das entrevistas de consumo de mídia a orientadora educacional pediu que 3 alunos fossem liberados para uma prova. Retornamos à escola para estes alunos complementarem a etapa faltante, mas não foi possível encontrá-los na sala de aula. Devido às limitações no tempo da pesquisa, optou-se por encerrar as investigações nesta escola, da forma como foi possível até aquele momento.

Na primeira visita a segunda escola, a EBM Mâncio Costa, além de uma conversa com o diretor, foi possível conhecer o projeto político pedagógico (PPP), a SI, e as dependências da escola. Esta escola é servida com uma conexão a Internet, mas que apresenta baixa velocidade, mesmo assim é a única opção de acesso público da região. A escola Mâncio Costa desenvolve um projeto de uso livre da SI pelos alunos nas segundas-feiras, mas que segue a uma série de regras definidas pela coordenação da SI, direção e especialistas da escola. Ao visitar a escola em um dia de uso livre foi observado o imenso fluxo de alunos utilizando o espaço para suas pesquisas escolares, para utilizar o e-mail, programas de bate-papo on-line e outros.

Nesta visita foi aplicado pelo pesquisador o questionário inicial (anexo I) nas salas de 7ª e 8ª série. Vale ressaltar que em todas as salas o diretor e a coordenadora da SI acompanharam as visitas e a recepção dos alunos foi considerada muito boa. Antes da aplicação desta pesquisa, encaminhamos aos pais o termo de consentimento livre e esclarecido (anexo 6), cumprindo as exigências previstas pelo comitê de ética.

Nenhum aluno negou-se a responder ao questionário inicial, houve poucas dúvidas e nas turmas das 7ª séries os professores que estavam em sala de aula auxiliaram alguns alunos no preenchimento.

Por e-mail foi acertado com a coordenadora da SI o agendamento dos alunos para responderem a próxima etapa da pesquisa e após 35 dias retornamos à escola para a aplicação dos questionários de aprofundamento. Dos 9 alunos previstos para esta fase, neste dias apenas 3 compareceram a escola, sendo necessário retornar durante a semana, mais 2 vezes para viabilizar a pesquisa. Além disso, outros fatores limitaram a pesquisa. Uma das famílias que já havia assinado o termo voltou atrás, proibindo a participação na pesquisa aprofundada e um dos alunos selecionados negou-se a participar. Foi possível substituir apenas um deles. O tempo de resposta dos questionários aprofundados, preenchidos pelos próprios adolescentes foi por volta de 40 minutos, o formulário de consumo de mídia, preenchido pelo pesquisador, foi de aproximadamente 15 minutos.

A aplicação destes instrumentos foi feita individualmente, dentro da SI, e todos os alunos que participaram, mostraram-se muito interessados em participar da pesquisa, questionando, várias vezes, quando tinham qualquer dúvida em alguma pergunta. A participação da coordenadora da SI, organizando os alunos, agendando os horários e apoiando a pesquisa, bem como a articulação com a escola, foram fundamentais para a realização do trabalho neste campo de pesquisa.

4. Análise dos dados coletados: o universo pesquisado

Conforme exposto no capítulo anterior, esta pesquisa utilizou o espaço de duas escolas públicas para ter acesso aos adolescentes de Florianópolis, na faixa dos 13 aos 16 anos. A análise dos dados ocorreu para os dois momentos distintos da pesquisa, na etapa inicial, com todo o universo pesquisado e na etapa de aprofundamento, com a amostra selecionada. Estas fases são apresentadas a seguir.

4.4.1 Primeira etapa: aplicação do questionário inicial (anexo I)

Nesta fase, foram pesquisados 131 adolescentes dos dois campos de pesquisa. Obtivemos os dados gerais do perfil dos entrevistados, escola de origem, informações sobre uso da Internet, bem como a percepção da sua utilidade. Os dados resultantes desta etapa são apresentados e analisados a seguir.

a) Perfil

Quanto ao gênero dos entrevistados, 63 (48%) são do sexo masculino e 68 (52%) do sexo feminino. Observa-se um equilíbrio entre a distribuição dos adolescentes nesta questão. Esta pergunta foi respondida por todos os entrevistados.

Em relação a idade, a proposta inicial desta pesquisa estava na faixa entre 13 e 16 anos, mas obteve-se nas respostas, idades entre 12 e 17 anos. A maioria, 37 adolescentes com 13 anos e 49 deles com 14 anos (28% e 37% respectivamente), seguida de 21 (16%) com 15 anos. Os demais, 5 (4%) com idade de 12 anos, 9 (7%) com 16 anos, 1 (1%) com 17 anos, além de 9 (7%) que não responderam a esta questão.

A escola de origem dos estudantes entrevistados foi de 92 (70%) adolescentes da Amâncio Costa e de 36 (28%) da Almirante Carvalhal, sendo que 3 (2%) não informaram a

escola. Por fatores de acesso as salas em cada uma das escolas, foram entrevistados estudantes de 4 turmas da Mâncio Costa e de 2 turmas da Almirante Carvalhal.

b) Local de uso

Nos resultados desta questão (figura 1), foram obtidas respostas múltiplas, pois alguns entrevistados informaram mais de um local de uso da Internet. Vale lembrar que esta questão é aberta.

Dos 131 entrevistados, 27 (21%) não responderam a esta pergunta e 46 (35%) informaram a escola como local de uso. Este dado é no mínimo curioso, uma vez que eles estudam em escolas que possuem Sala Informatizada (SI) com Internet e os professores desenvolvem projetos educativos de suas disciplinas com o envolvimento direto dos estudantes em computadores.

Porque então tantos estudantes não citaram a escola como local de uso? Esta questão não foi investigada, apenas suscitou outras dúvidas como: porque a maioria dos estudantes com acesso em outros locais não considerou a escola como ponto de contato com a Internet? Porque mesmo os estudantes que não usam a Internet em outros locais, desconsideraram a escola como um local de uso a Internet? Será que todos os alunos participam dos projetos com Internet na escola?

Para Levy (1999, p.201),

“Em uma escola é possível limitar a rede de comunicação ao estabelecimento e favorecer prioritariamente o uso de programas de ensino assistido por computador. É possível também abrir a rede local para a Internet e encorajar as compras de equipamentos e programas adequados para sustentar a autonomia e as capacidades de colaboração dos alunos.”

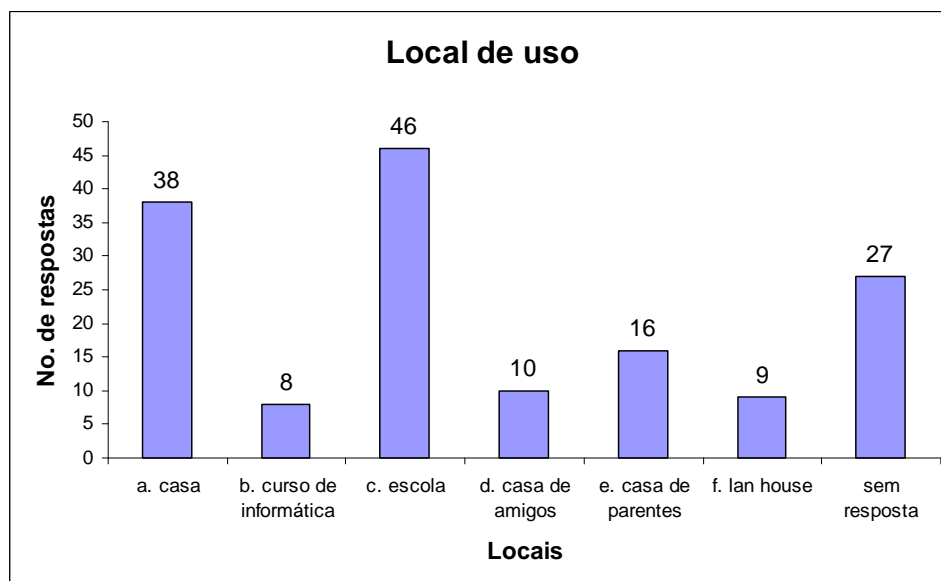


Figura 1: Local de uso da Internet

Além da escola, foi citado que a Internet é usada em casa por 38 (29%) entrevistados, o que lembra os dados apresentados no capítulo I, de que Florianópolis é um dos municípios com maior índice de inclusão digital do Brasil. Dos demais, 16 (12%) utilizam a casa de parentes, 10 (8%) na casa de amigos, 9 (7%) utilizam nas *lan houses*, 8 (6%) em cursos de informática.

Vale ressaltar que o bairro de Ratoões, onde residem a maioria (70%) dos entrevistados, caracteriza-se por fatores evidenciados durante a pesquisa, como a baixa renda e a falta de infraestrutura de acesso a Internet (especialmente a banda larga). Para Sorj (2003, p. 65), “a urbanização ‘internetiza’”.

Uma pesquisa (BRENNER, DAYRELL & CARRANO, 2005, 197) aponta o uso do computador, para acessar a Internet e jogar, por apenas 17% dos jovens brasileiros de 15 a 25 anos. Na faixa com renda até 2 salários mínimos, este percentual cai para 8%, enquanto que a partir desta faixa salarial o uso passa a ser de 32%. O acesso dos jovens das zonas urbanas é 5 vezes maior que dos moradores nas zonas rurais do país,

“O baixo índice de acesso dos jovens ao computador e à Internet, notadamente no meio rural, evidencia a necessidade de implementação de políticas de letramento digital. O Brasil convive com gerações de jovens que se distanciam do acesso a instrumentos e linguagens de importância radical na vida contemporânea, hoje tão importante quanto o acesso e o domínio da leitura e da escrita.” (BRENNER, DAYRELL & CARRANO, 2005, 197).

Numa tentativa de amenizar a falta de um local de uso da Internet por meio de um local público de acesso, a Escola Mâncio Costa, abre a SI para uso livre pelos alunos uma única vez por semana. Observou-se um grande interesse dos alunos por esta oportunidade, mas a proporção de usuários é bem maior do que a capacidade de atendimento.

c) Frequência de uso

Dos 131 entrevistados (figura 2), apenas 3 (2%), não responderam a esta questão e 5 (4%) disseram realmente que nunca utilizaram a Internet. Mais uma vez, ao lembrar que todos já deveriam tê-la utilizado nas aulas, perguntou-se se não haviam feito ao menos atividades na Internet na própria escola. Entretanto, para eles a atividade obrigatória não representava uma forma de uso da Internet, conforme explicou um dos participantes: “- *ah! Usar a Internet pra fazer tarefas, não é usar a Internet. Para mim mesmo, eu não quero usar! Não gosto!*” Esta resposta conduziu mais uma vez as dúvidas da questão anterior acerca da disponibilidade de acesso e também a reflexão sobre a noção de “uso” da Internet pela escola.

Como os professores estão utilizando a Internet nas escolas? Qual a significação⁴⁴ destes trabalhos para os adolescentes? Está havendo uma reflexão sobre os benefícios e as limitações do uso da Internet como fonte de pesquisa? Os professores estão plenamente capacitados para aproveitar o potencial de comunicação e de inteligência coletiva da Internet?

Estas questões não pretendem afirmar que a Internet seja a única ou a melhor fonte de informações, comunicação e sociabilidade, mas tal como cita Levy (idem, p.12), “Peço apenas que permaneçamos abertos, benevolentes, receptivos em relação à novidade”. Com isso, segundo o autor, será possível reconhecer o potencial qualitativo da Internet para a vida social e cultural, além de desenvolver esta nova tecnologia numa perspectiva humanista. Ficam aqui algumas pistas para outras investigações da temática, Internet, educação e adolescentes.

⁴⁴ Utiliza-se significação aqui no “[...] conceito básico da teoria de Ausubel [que] é o de aprendizagem significativa. [...] quando uma nova informação (conceito, idéia, proposição) adquire significados para o aprendiz através de uma espécie de ancoragem em aspectos relevantes da estrutura cognitiva preexistente do indivíduo. [...] aprendizagem sem atribuição de significados pessoais, sem relação com o conhecimento preexistente, é mecânica, não significativa. [...] Durante um certo período de tempo, a pessoa é inclusive capaz de reproduzir o que foi aprendido mecanicamente, mas não significa nada para ela. (MOREIRA, 2005, p.5)”

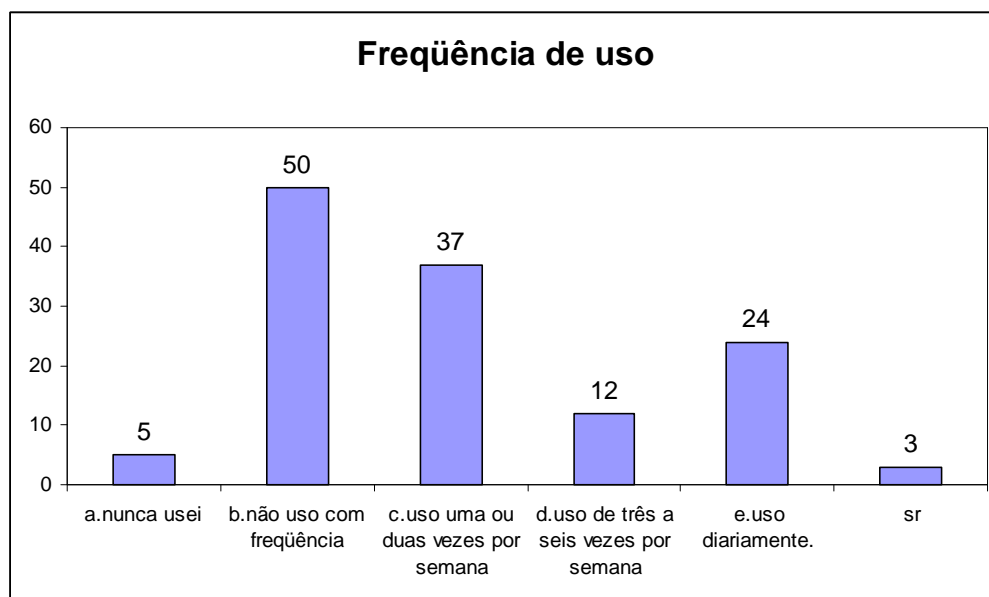


Figura 2: Frequência de uso da Internet (em número de usuários)

Os que declararam utilizar muito pouco a Internet (“não usam com frequência”) foram 50 (39%) dos entrevistados. Este dado, somado ao dos não usuários, é sugerido por limitações de baixa-renda e falta de infra-estrutura para o uso da Internet pela maioria do público entrevistado, conforme os fatores apontados no item anterior.

Dentre os adolescentes entrevistados, 37 (28%) responderam que usam a Internet de uma ou duas vezes por semana e 12 (9%), são os que usam de três a seis vezes por semana.

Destacam-se nos resultados um grupo de 24 (18%) adolescentes que utilizam a Internet diariamente. Neste grupo a média de uso oscila entre duas e onze horas diárias, sendo que um (4%) não respondeu este dado e 2 (8%) são os que utilizam 2 horas por dia. A maior parte, 15 (35%), se concentra na faixa de três a seis horas por dia, uma outra parte, formada por cinco (21%) adolescentes, utiliza a Internet entre sete e dez horas diárias e um (4%) dos adolescentes, se debruça por 11 horas diárias diante da Internet.

Conforme descrito no item 3.2, as respostas destas importantes questões foram utilizadas para a classificação dos questionários nas categorias “usuários leves”, “usuários moderados” e “superusuários” da Internet (figura 3).

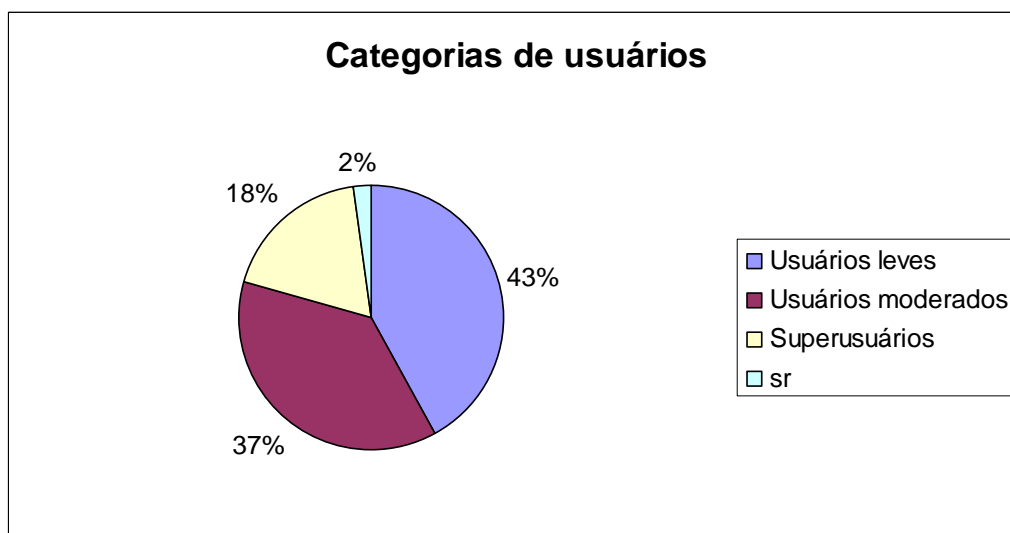


Figura 3: categorias de usuários dentre os adolescentes pesquisados

Estas categorias serviram de base para a seleção dos adolescentes entrevistados na segunda etapa, conforme mostrado no item 3.4.2.

d) O que é Internet para você?

Para responder a esta pergunta solicitou-se que o pesquisado explanasse a sua definição para Internet, na forma de um pequeno resumo.

Dos 131 entrevistados, a quase totalidade foi além da definição da Internet simplesmente como uma “uma rede de computadores de alcance mundial”. As respostas foram focadas no uso que esta tecnologia proporciona, como por exemplo: “*é um meio de comunicação e diversão para os jovens, para os adultos é um meio de pagar contas [...]*”⁴⁵ (q1), “*é um modo de viajar por todo o mundo, senta (sic) em uma poltrona*” (q9) ou “*serve para baixar jogos, [...]*” (q16). Estas definições, algumas com maior e outra com menor aproximação, são semelhantes às encontradas na literatura utilizada para fundamentar esta investigação. Para Castells (2003, p. 164), a Internet é um meio de comunicação com características próprias, “Ela não se restringe a uma área particular de expressão cultural. Atravessa todas elas.”.

As definições dos adolescentes foram organizadas em seis categorias, de acordo com o uso que cada uma delas compreendia (figura 4). Estas categorias de “**Busca de informações e serviços on-line**”, “**Comunicação**”, “**Lazer**”, “**Banking, compra e venda de bens e**

⁴⁵ Tomamos como opção metodológica transcrever as repostas literalmente, conforme foram expressas, sem realizar nenhuma correção ortográfica ou gramatical, para dar mais fidelidade a voz dos adolescentes.

serviços”, “Educação” e “Interação com as autoridades públicas” são as mesmas utilizadas em uma pesquisa nacional⁴⁶, realizada no ano de 2005, com 2.085 entrevistados.

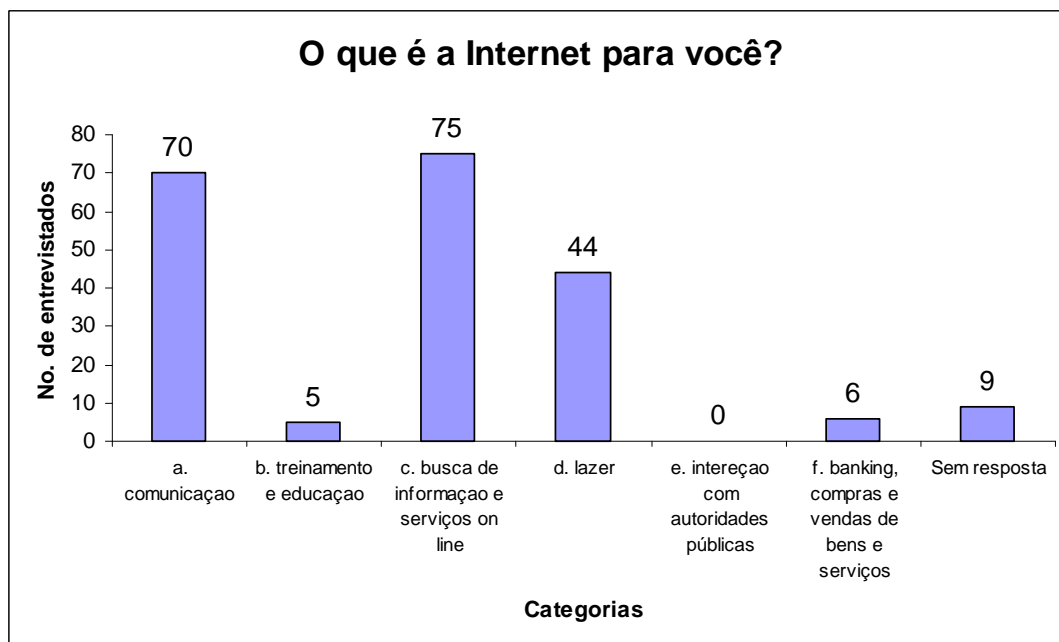


Figura 4: Respostas da questão “O que é a internet para você?” em números absolutos.

Dos 131 entrevistados, 7% não responderam a esta questão, e os demais apresentaram até mais de uma categoria, tornando as respostas a serem analisadas de múltipla escolha, tal como ocorreu na pesquisa nacional.

A classificação como **busca de informações e serviços on-line** predominou com 57% dos entrevistados. Na pesquisa nacional este item obteve o segundo lugar com 80,96% de ocorrências.

Nesta categoria foram agrupadas as respostas que tinham a ver com notícias, busca por informações sobre bens e serviços, informações sobre pessoas, novelas, filmes, etc., tal como nos exemplos:

“Algo para eu (sic) fazer pesquisas ”

“Internet é um programa que você pode fazer a pesquisa mais rápido.”

“É o mundo em minha mão, posso saber o que está acontecendo com qualquer famoso”.

⁴⁶ Conforme informado no capítulo 3, optou-se pelas categorias de atividades na internet, utilizada pelo Comitê Gestor da Internet Brasil na pesquisa de TIC domicílios e usuários disponível em <<http://www.cetic.br/usuarios/tic/2005/index.htm>>

“A Internet para mim é um [...] meio de notícias tanto mundial quanto internacional (sic)”.

“Algo bastante interessante e curioso, há diversas informações, jogos, sites, pesquisas. Algo revolucionário que nos ajuda, nos diverte e ensina. Seus conteúdos são superinteressantes para todas as idades, seja jovem, velho ou criança”.

A categoria **meio de comunicação** apareceu em 53% das respostas, na pesquisa do CGIBR foi relatado em primeiro lugar, com 81,67% das respostas. Algumas das definições que foram agrupadas nesta categoria foram:

“A Internet para mim é um meio de comunicação sem limites, que não pode ser controlado”.

“Conversar com amigos ”

“É um meio de comunicação mais desenvolvido”

“Um lugar onde eu possa conversar com meus amigo (sic) ”

Para a categoria **lazer** obteve-se 34% de ocorrências, na pesquisa nacional também aparece em terceiro lugar com 71,25%. As respostas reunidas neste grupo foram:

“Namoro, paquera ”

“É tipo um canal que nos liga a tudo, como coisas de nosso interesse ou não. Só sei que é muito legal”

“Uma forma de divertimento para os adolescentes.”

“É uma forma de entretenimento.”

“É um meio de eu me divertir com jogos on-line, [...] baixar animes (desenhos japoneses) ”

A categoria **Banking, compra e venda de bens e serviços** foi citada por 5% dos entrevistados, na pesquisa nacional este tópico aparece em último lugar, com 17,68% das respostas.

As principais respostas reunidas para este assunto foram:

“Para os adultos é um meio de pagar contas, fazer empréstimos, etc”, o autor desta resposta fez uma contraposição ao uso dos jovens, que segundo ele o fazem como “meio de comunicação e diversão”.

“A Internet para mim é onde podemos [...] comprar coisas”

“Muitas pessoas tb (sic) usam para vender coisas [...]”.

O quesito **educação e treinamento** ficou em penúltimo lugar, com 4% em nossa pesquisa, enquanto que na nacional ficou em quarto, com 56,45%.

Algumas das respostas coletadas foram:

“Tudo, uma das coisas que eu não viveria sem [...] aprendo coisas novas ”.

“[...] fazer trabalhos do colégio ”.

“Um meio de aprendizagem.”

O item **interação com autoridades públicas** não foi citado em nossa pesquisa, enquanto na amostra nacional apareceu em quinto lugar, com 28,22% de respostas. As pesquisas sobre o contexto da juventude brasileira do século XXI, na apresentação do livro “Retratos da juventude brasileira”, Abramo & Branco (2006, p.21-22) resumem que o desejo de mudança e a capacidade de mobilização da sociedade civil ainda podem ser encontrados. Ressaltam, porém que para um grande contingente, perante a crise social e a pobreza, encontra-se um vácuo entre a disposição em se engajarem nestes movimentos e a sua condição de real participação e de ação.

Mediante as diferentes visões sobre engajamento juvenil, os autores concluem que “o que parece importante ser ressaltado é que não se pode generalizar nem atribuir como essência de uma geração ou de uma condição juvenil os atributos de conservadorismo e alienação ou os de rebeldia ou contestação”, sendo o mais importante distinguir entre grupos mais mobilizados ou conjuntos de indivíduos, “como ocorre em todas as gerações e segmentos sociais”. Este pensamento conduz a desmistificação da imagem da juventude, que não deve ser vista como a única protagonista a dissolver, a reconstruir ou modificar a orientação do tecido social e da esfera política. Os jovens devem ser vistos,

[...] como sujeitos fundamentais, com toda complexidade de suas dificuldades e potencialidades, nos processos de conformação e transformação de suas vidas e da sociedade, junto (em paralelo, na confluência ou em conflito) com outros segmentos e atores sociais. (Idem).

Assim, o fato dos jovens pesquisados em Florianópolis não pensarem na Internet como um meio de interação com a área governamental, pode ser inserido neste vácuo, talvez como resultante do processo de desgaste da imagem do setor público em nosso país e da falta de preocupação, da grande maioria, inclusive a família e educadores, em mudar esta situação.

No geral, os usos aqui citados da Internet revelam um aspecto do surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, impossível de não serem citadas. Se por um lado estas modernas tecnologias apresentam tempos semelhantes entre o seu desenvolvimento nos países ricos e o seu uso nos demais. Por outro lado, há grandes diferenças “entre tecnologias e usos, impedindo-nos assim de compreender os sentidos que sua apropriação adquire historicamente. (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 268).

Isto suscita um desafio, que para Castells (2003, p.227) vai além da oferta de um local para uso da rede, é o “estabelecimento da capacidade de processamento da informação e de geração de conhecimento em cada um de nós [...] refiro-me a educação”.

e) Uma breve análise entre a frequência de uso e as definições de Internet

Mesmo dentre os adolescentes que não se consideraram usuários ou que informaram usar com pouca frequência, quase todos expressaram a sua definição sobre a Internet. As respostas se aproximaram das mesmas categorias do universo pesquisado, sendo a maioria como **busca de informações e serviços online**, seguida de **comunicação** e de **lazer**.

Uma resposta intrigante de um sujeito “usuário leve”, foi que “a Internet para mim é saber um pouco mais melhor do que passa na televisão”. Esta ligação da televisão com a Internet suscitou inúmeras hipóteses como, por exemplo, será que refere-se aos endereços de *sites* que as emissoras colocam nos créditos dos programas ou as possibilidades que os apresentadores abrem para obtenção de mais informações acerca dos temas tratados e o contato dos expectadores?

A autora desta resposta não foi autorizada pela família de dar prosseguimento a pesquisa, mas abre-se aqui mais uma possibilidade de pesquisa, da intersecção televisão e Internet. Pode-se utilizar em investigações deste contexto, dentre outros, os estudos latino-americanos de recepção aqui apresentados, possuidores de análises bastante profundas da mediação de massa e da reconfiguração funcional dos novos meios tecnológicos (MARTIN-BARBERO, 2003, p.269).

Um outro exemplo, mas que se diferenciou dos demais, foi a resposta “para mim Internet é uma coisa qualquer, não tem utilidade pois não gosto de entrar na Internet. Não critico quem *gosti* (sic) de Internet, apenas acho que é uma das coisas que eu menos me interessa”.

Do grupo de adolescentes que foram classificados na categoria “usuário moderado”, quando perguntados sobre o que era Internet, a ordem de definição foi diferente dos “usuários leves” e do universo total. Primeiro, aparece a **comunicação**, seguida de **busca de informações e serviços online**, em terceiro o **lazer** e por último **banking, compra e venda de bens e serviços**. Não foram citadas as demais categorias.

Um das respostas que suscitaram a curiosidade epistemológica foi que “a Internet é um lugar livre onde você faz o que quer, mas com respeito”. Ao ser questionada sobre o sentido da frase a autora explicou que na Internet pode-se acessar qualquer site, por isto precisa ter cuidado, caso contrário “tu entra em qualquer lugar”. Sua principal preocupação era o acesso a sites considerados pornográficos. Ao revelar uma preocupação com o que se vê na rede, a adolescente permite criar a hipótese da necessidade de um controle sobre o uso da Internet. Uma outra resposta nos afirma que “é um meio de comunicação sem limites, que não pode ser controlado”, houve também o receio do uso excessivo “não é bom entrar diariamente, pois vicia”.

Mesmo assim a visão que predominou foi a de que a Internet “tem infinitas finalidades. Para mim é mais fácil usar a Internet do que outra coisa”. Neste sentido, é importante não cair na armadilha de que esta é a “geração da tecnologia” e que é capaz de entender sozinha o contexto que as cerca, sem o necessário apoio da família, da escola e da sociedade com um todo. Como nos lembra Buckingham (2006, p. 10) as crianças e os jovens têm seus limites e suas capacidades mediadas pelo contexto onde vivem, ou seja, na cultura.

A principal resposta do grupo denominado “superusuários” para a pergunta: o que é a Internet? foram as ligadas à **comunicação**, seguida da **busca de informações e serviços on-line** e de **lazer**. Nesta última categoria, algumas respostas chamaram a atenção, como por exemplo “é uma forma de me distrair (sic). Não sou muito de sair por isso (sic) a maior parte do tempo na Internet”, “a Internet é um passatempo para mim e um meio de fugir dos problemas de casa e da escola”, “tudo, uma das coisas que eu não viveria sem, brinco, faço várias coisas. Internet para mim é assim, se eu estou em casa eu tenho que estar na net (sic)”.

É necessário avaliar o significado do que estes jovens informaram, já que uma das preocupações acerca do uso da Internet é da substituição do contato humano direto pela comunicação no ciberespaço. Mas para Levy (1999, p. 212-219), em nenhum momento da história um modo de comunicação foi totalmente substituído por outro novo. A partir de uma série de comparações entre os usos dos diversos meios de comunicação, o autor conclui que a

idéia da substituição surge da dificuldade de “captar, imaginar, conceituar o surgimento de novas formas culturais, de dimensões inéditas do mundo humano”. Mesmo reconhecendo que “há alguns viciados na Internet que passam noites em frente ao seu computador, jogando RPGs na rede, participando de discussões on-line ou surfando interminavelmente de página em página”, para ele, estas exceções fazem parte do fenômeno de novas relações e contatos universais, para além do território geográfico.

4.4.2 Segunda etapa: aplicação dos demais instrumentos (anexos II, III, IV e V)

Após a classificação dos dados do questionário inicial, foram selecionados 18 representantes, de acordo com os critérios descritos anteriormente no item 3.2. Destes, pelos motivos já expostos, quatro não puderam participar e foi possível substituir apenas um dos faltantes, totalizando, portanto, 15 sujeitos para aplicação da segunda etapa. Dentre os que responderam aos questionários de aprofundamento, apenas 12 puderam estar presentes nas entrevistas sobre o consumo de mídias.

De posse das três categorias de usuários na segunda fase, foram aplicados os instrumentos de pesquisa aprofundada e obtivemos os resultados a seguir descritos. Ressalta-se que nesta etapa estarão sendo descritos e analisados os resultados de cada tipo de usuário isoladamente. Posteriormente, realizar-se-á uma análise comparativa entre as categorias à luz do referencial teórico proposto para esta investigação.

4.4.2.1. Usuários leves

Nesta categoria, foi prevista a seleção de 6 adolescentes (11% dos 55 classificados neste perfil), mas apenas 5 (9%) deles responderam ao questionário “Não uso” (anexo II) e 4 (7%) responderam ao formulário de práticas culturais e consumo de mídia (anexo V).

a) Perfil e consumo de mídias

Os alunos deste grupo estão entre 15 e 16 anos, sendo quatro (4) do sexo masculino. Conforme já foi explanado acima, apesar de desenvolverem atividades com a Internet na escola, a maioria desconsidera este acesso e se intitula não usuário ou usuário de baixa frequência.

A origem das famílias, bem como a naturalidade de três (3) dos adolescentes é de Florianópolis, sendo apenas um deles do interior de Santa Catarina. A ocupação dos pais de três (3) entrevistados está nas que exigem baixa escolaridade (ensino fundamental ou menos), sendo empregados nos sítios da região de Rationes, como caseiros, faxineiras e empregadas domésticas. Apenas um (1) dos adolescentes tem família com um poder aquisitivo um pouco maior, sendo filho de funcionário público de nível médio. O adolescente (15 anos), cuja família é do interior do estado, trabalha em um dos sítios da região como tratador de cavalos, no período inverso as aulas. Este aluno não soube informar o seu endereço, pois segundo ele a família “se muda muito (*sic*)”.

Dos entrevistados, nenhum possui hábito de leitura, porém duas (2) das famílias tem o costume de comprar jornais. Um dos jovens disse que devido a família não ter dinheiro para comprar livros ou jornais, uma tia lê todos os livros que ele leva emprestado para casa com a finalidade de fazer trabalhos escolares.

Apenas um (1) adolescente já foi ao cinema, porém todos já foram ao teatro na escola ou no CIC⁴⁷, levados pela escola. Credita-se isto ao fato do teatro ir a escola, o que não acontece com o cinema. Além do que temos outro dificultador que é o fato da maioria dos adolescentes serem de Rationes, que se localiza a cerca de 20km do cinema mais próximo. Como nos lembra Canclini (1999) “a distribuição não equitativa das instalações, dificulta a ida a espetáculos públicos ([...] cinema)” (p. 101). Aliado a isto existe o fator de que “a maioria se recolhe as seu entorno imediato e quer esquecer o macrourbano” (p. 109) e de que “os setores populares, ou seja os que não têm carro [...] tendem a restringir o horizonte da cidade ao próprio bairro. ” (p. 128)

Dos adolescentes que responderam ao questionário de consumo de mídias, todos possuem ao menos uma televisão e um aparelho de rádio. Nenhum destes alunos possui e-mail. A presença dos telefones celulares também é comum a todos, sendo apenas um aparelho celular com câmera fotográfica. Aqui surge um outro foco interessante de pesquisa, sobre o que estes adolescentes estão fazendo com seus inseparáveis aparelhos celulares. Estes aparatos tecnológicos de concentração de mídias, com seu poder de comunicação e mobilidade serão em breve os pontos de acesso à Internet mais disseminados do mundo. Outro aparelho eletrônico que todos possuem acesso é o aparelho de som com CD. Com presença em 3 das casas dos adolescentes há ainda a antena parabólica, o aparelho de DVD e o videogame.

⁴⁷ O Centro Integrado de Cultura (CIC) é vinculado à Fundação Catarinense de Cultura e abriga cinema, oficina das artes, o MASC - Museu de Artes de Santa Catarina, o Conselho Estadual de Cultura, o ATECOR - Ateliê de Conservação e Restauração de Bens Móveis, a Academia Catarinense de Letras, a OSSCA - Orquestra Sinfônica de Santa Catarina, o Teatro Ademar Rosa e um bar e restaurante. É um pólo da cultura na capital catarinense.

Telefone fixo e aparelho de videocassete estão presentes em apenas 2 dos lares dos adolescentes pesquisados. Somente um tem *diskman* e nenhum tem *mp3 player*.

Ao serem questionados sobre o que gostavam de brincar, todos surpresos, após um momento de desconforto e com a insistência na pergunta, três (3) deles responderam que gostam de jogar bola. Inclusive a única menina do grupo afirmou que gosta de dançar e jogar futebol e outro menino afirmou que gosta de jogar bolinha de gude⁴⁸.

O principal local de diversão do grupo é o campinho de futebol do bairro onde, no caso do bairro Ratoes este espaço ainda sobrevive. Em outros locais mais urbanizados de Florianópolis, restaram poucos locais públicos de lazer.

b) A representação da Internet

Nas perguntas que se referiam a representação da Internet no questionário aprofundado (Anexo II) com todas as questões fechadas, obteve-se as respostas de 5 adolescentes considerados “usuários moderados”, descritas e analisados a seguir.

A Internet e seus riscos

Na pergunta “a Internet é revolucionária” um (1) respondeu que não sabe, enquanto quatro (4) concordaram que sim. Isto é ratificado, quando todos discordam da pergunta “a Internet é uma perda de tempo”.

Quatro (4) adolescentes informaram que podem ficar sem a Internet, e um (1) não tem uma resposta formada a respeito. Dois (2) deles avaliam que o conteúdo na Internet não deve ser controlado, porém um (1) entende que sim, o conteúdo considerado abusivo (pornografia, racismo, violência) deve ser controlado. Nesta pergunta dois (2) não souberam opinar.

Os adolescentes que não concordam com o bloqueio do conteúdo da Internet, mesmo não usuários, podem ser considerados na contracorrente de iniciativas públicas, tal como a exposta no Congresso Brasileiro, na recente polemica da “lei da Internet”. Este projeto propõe, dentre outras medidas, a exigência de que locais públicos de acesso (como as escolas) tenham algum programa de controle de acesso a sites ofensivos. A este respeito, Buckingham (2006, p.

⁴⁸ Brincadeira tradicional que consiste em acertar a bolinha do adversário retirando-a do espaço predeterminado para o jogo. “Pelas descobertas arqueológicas e pelos registros pictóricos e escritos, o jogo praticado com bolinhas é antiqüíssimo. Especula-se que ele tenha nascido nas eras pós-neolíticas. Deve ter surgido em vários grupos culturais que atingiram o estágio neolítico, atendendo a uma necessidade lúdica”. (AZOUBEL, 2007, p.1) Presente também na obra “jogos infantis” de Peter Bruegel (1560), que traz várias brincadeiras de crianças daquela época.

9) assinala que “no rastro de um crescente pânico moralista sobre a influência do sexo e da violência nos meios de comunicação, os governos de muitos países criaram leis mais rígidas de censura”. No caso do Brasil esta lei ainda não foi a votação, mas não podemos esquecer que

[...]a consideração exclusiva da dimensão [...] reduzida à simples discussão dos conteúdos considerados inadequados (em geral violência e sexualidade, valores) e a decorrente valorização dos aspectos ‘educativos’ das TIC, pode levar a práticas pouco eficazes por absoluta não sintonia com os modos de perceber e pensar dos sujeitos do processo [...]. (BELLONI, 2004, p. 2)

Os sujeitos a que a autora se refere são as crianças e os adolescentes.

Internet e educação

Foi perguntado aos 5 adolescentes se é melhor aprender com a Internet do que com os livros, dois (2) informaram que é melhor com a Internet, outros dois (2) assinalaram que os livros são melhores, enquanto que um (1) não teve resposta para esta pergunta. Na pergunta inversa se os livros são mais importantes que a Internet para se fazer uma pesquisa, obteve-se os mesmos índices, o que demonstra uma coerência nas respostas. Mas todos concordam que com o auxílio da Internet se aprende muito mais facilmente.

A maioria dos pesquisados (3) acredita que a Internet não é uma ameaça para a língua portuguesa, o que se confirma, uma vez que, dia-a-dia, temos um incremento de páginas nesta língua. Em janeiro de 2007, havia 1.034.599 domínios⁴⁹ cadastrados no Comitê Gestor da Internet Brasil, o que representa apenas parte do número de sites⁵⁰, que se multiplicam em incontáveis outras home pages⁵¹. Para Levy (1999, p. 242),

O ciberespaço contém, de fato, aquilo que as pessoas nele colocam. A manutenção da diversidade cultural depende principalmente da capacidade de iniciativa de cada um de nós, e talvez do suporte que os poderes públicos, as fundações, as organizações internacionais ou as ONGs possam conceder aos projetos com características artísticas ou culturais.

A maioria, quatro (4) entrevistados, acredita que é preciso ter um bom conhecimento de informática para poder usar a Internet. Três (3) dos adolescentes acredita que a Internet nunca irá substituir a escola, mas dois (2) deles acham que sim. Aqui se abre uma possibilidade interessante para aprofundar este tema da Internet e da escola, o que de certa forma vem se dando na Educação a Distância, mas concentrado no ensino superior. Neste ponto se pode

⁴⁹ Domínio é um endereço de Internet, no Brasil a administração dos domínios se dá pelo CGIBr (Comitê Gestor da Internet Brasil), porém existem inúmeros outros sites brasileiros com domínios estrangeiros.

⁵⁰ Site é um conjunto de home pages. Quando muitos sites se unem em um só local temos um portal.

⁵¹ Arquivo tipo documento texto, com capacidade de armazenar conteúdo multimídia por meio de hipertexto. É a base de um site. É interligado pelos hiperlinks. Uma home page pode se conectar a qualquer outra home page da Internet. Daí sua característica rizomática, não hierarquizada.

pesquisar, por exemplo, quais as características existentes na Internet que os alunos entendem serem usadas para substituir para a escola?

A Internet como comunicação

A Internet é vista pelos usuários leigos como uma ferramenta que permite melhorar a comunicação das pessoas. Como não possuem computador em casa, não sabem se com a Internet em casa as pessoas conversam menos ou se afeta o consumo da televisão. Por outro lado, acreditam que a Internet acabará substituindo a televisão.

A Internet como fonte de informações

Quanto a afirmação de que é difícil encontrar aquilo que se procura na Internet, também não houve consenso, sendo que um dos adolescentes respondeu que não tem resposta para isto. Todos os entrevistados desta categoria acreditam que as informações da Internet são confiáveis, o que suscita a necessidade de discutir na escola sobre os critérios de confiabilidade de um site. É importante lembrar que, a busca de informações pode seguir critérios referentes a reputação de quem fornece a informação, para isso, foram criados inúmeros mecanismos de busca, sites de bancos, de trabalhos acadêmicos reconhecidos, informações com opiniões de leitores, dentre outros que podem amenizar o dilúvio de conteúdos na Internet. É principalmente importante, refletir acerca do uso dos conteúdos encontrados, evitando-se reclamações comuns nos professores de cópias de trabalho da Internet. Neste sentido, Levy (1999, p.245), recorda que “Os dados representam apenas a matéria-prima de um processo intelectual e social vivo e altamente elaborado.”. Corrobora-se com as idéias do autor, de que “A rede jamais pensará em seu lugar, e é melhor assim.”.

A Internet e o futuro

Quanto à possibilidade de que no futuro ter acesso a Internet em casa será tão comum quanto ter uma televisão, apenas 2 dos adolescentes, entre aqueles que se consideram não usuários de Internet, consideram que isto irá acontecer. Um dado interessante, divulgado pela pesquisa do Ibope/Netratings, que mede o acesso de Internet no país, o número de usuários com banda larga dobrou nos últimos 2 anos, chegando em novembro de 2006 a 10,7 milhões de pessoas, mostra que ainda temos muito o que fazer pela inclusão digital em nosso país, mas o número de usuários está crescendo (BOLETIM UOL, 2007).

Quanto a possibilidade de que no futuro as pessoas irão comprar mais pela Internet e que o teletrabalho terá um espaço muito grande no mercado de trabalho, os pesquisados não tem um consenso para estas questões, 2 deles acreditam que sim e o mesmo número acredita que não. Apenas um preferiu não responder a esta pergunta.

A Internet e o lazer

Questionados se a Internet é, acima de tudo, um meio de diversão quatro (4) acreditam que sim, este meio é predominantemente para lazer.

c) O uso da Internet

Computador e Internet não estão presentes nos lares de todos os adolescentes deste perfil. Como eles não usam ou usam muito pouco a Internet, as atividades do que fazem na rede não serão detalhadas. Foi percebido apenas que realizam atividades pedagógicas na escola com o uso do computador e da Internet, embora muitas destas sejam em grupo e estes se coloquem em uma atitude mais de observadores do que de usuários.

4.4.2.2 Usuário moderados

Nesta categoria, foi prevista a seleção de 6 adolescentes (12% dos 49 classificados neste perfil), todos responderam ao questionário de “Uso” (anexo III) e o questionário (anexo V), utilizado para delinear o perfil, as práticas culturais e o consumo de mídia. Ressalta-se que um dos entrevistados respondeu apenas uma parte deste último.

a) Perfil, as práticas culturais e o consumo de mídias

A idade faixa etária dos adolescentes que responderam por este grupo está entre 12 e 16 anos, se dando de forma equitativa a relação em questão ao sexo (50% para cada). Dentre eles, 4 residem no bairro de Coqueiros e são alunos da EBM Almirante Carvalhal, e 2 são do bairro de Ratoes, alunos da EBM Mâncio Costa.

Em relação as famílias destes jovens apenas uma (1) é nativa de Florianópolis, sendo quatro (4) provenientes do interior do estado de SC e uma (1) de outro estado da Federação (RJ). Quanto a naturalidade dos adolescentes dois (2) são nativos da capital enquanto quatro (4) provêm do interior do estado. A ocupação dos pais dos pesquisados está mais diversificada, já que a parcela que é composta de moradores da área mais central de Florianópolis. As atividades dos pais de alunos de Coqueiros concentram-se em funções mais especializadas, algumas de nível superior, tais como analista de sistemas e técnico do Tribunal Regional do Trabalho. Os moradores de Ratoes têm como fonte de renda de seus pais o trabalho como caseiros dos sítios da região e empregadas domésticas. O que demarca bem a divisão destas duas regiões no

aspecto socioeconômico. Uma adolescente (16 anos) pesquisada trabalha fazendo faxinas, no período inverso as suas aulas, nos sítios do bairro que reside.

Neste perfil encontramos um maior número de adolescentes com hábitos de leitura, chegando a cinco (5) dos pesquisados. Já dois (2) dos adolescentes deste perfil afirmam que depois da Internet eles lêem mais do que antes, um retorno ao mundo da escrita, como nos lembra Vox (2004, p. 47). Sendo que todas as seis (6) famílias têm o hábito de comprar jornais.

Neste grupo todos já foram ao cinema e cinco (5) já assistiram a uma peça de teatro. A maior frequência ao cinema está ligada ao fato destes adolescentes residirem em uma região mais central, com um acesso ao serviço de transporte coletivo mais facilitado, tendo sua mobilidade dentro da cidade como uma atividade mais rotineira. A característica de frequentar o teatro está, mais uma vez, ligada a escola. Porém um dos pesquisados possui o hábito de ir ao teatro rotineiramente, por influência da família.

O telefone fixo está presente em 4 dos lares, enquanto que 5 adolescentes pesquisados possuem um aparelho celular, sendo 4 com câmera. O aumento da presença da câmera no celular se dá pelo predomínio de adolescentes de um maior poder aquisitivo, o que se evidencia pela presença de um maior número de bens nos lares. Provavelmente, o acesso doméstico a Internet também está diretamente ligado a renda da família.

Em quatro (4) das casas dos pesquisados nesta categoria existe pelo menos um televisor, um aparelho de rádio e um DVD. O acesso a TV por assinatura aparece em dois (2) dos lares, fato justificado pelo motivo de que o bairro de Ratoles não ser servido pelas empresas de TV a cabo. Em relação a mudanças de hábito, 4 dos entrevistados informaram que após possuir acesso a Internet assistem menos televisão do que antes, mas seu consumo de filmes em DVD ou VHS continua inalterado.

A presença da Internet também influenciou na diminuição do uso de videogames, provavelmente porque é possível fazer *downloads* de jogos de última geração e também jogar on-line, com dezenas, até centenas de pessoas simultaneamente. Esta atividade vai além da inteligência artificial do jogo de videogame, como por exemplo os ambientes *MORPG*⁵².

⁵² Nos últimos anos, um novo produto da chamada indústria cultural vem ganhando cada vez mais espaço no mercado consumidor: é o jogo eletrônico *online* para múltiplos usuários conectados. Nestes *games* conhecidos por *MMORPG* - *Multi-user Massive Online Role Playing Game* - a experiência adquire um *status* de produto, ou seja, os jogadores pagam um valor mensal ao servidor que lhes mantém conectados ao mundo do jogo, desviando a fonte de renda – no caso fabricante – comercialização da mídia para a venda de ‘acessos’. (ANDRADE, 2005, p. 1).

A ocorrência do aparelho de mp3 player, de *walkman* e de vídeo cassete está em duas das respostas encontradas. No caso das músicas, após possuir Internet 2 dos adolescentes pesquisados passaram a escutar mais músicas, a hipótese para isto é a facilidade de acesso aos arquivos de formato *mp3*⁵³, com os últimos lançamentos de seus artistas preferidos.

As brincadeiras preferidas destes adolescentes são os jogos (de futebol e vôlei) e os aparelhos eletrônicos (videogame, computador e celular). Aqui vemos a entrada do computador como um brinquedo, provavelmente porque alguns dos pesquisados possuem a máquina em casa. Foi interessante também, ver a ocorrência do celular como um brinquedo, além de outros locais preferidos para a diversão deste grupo, como a igreja, o shopping e o condomínio. Estes últimos ocorreram mais uma vez devido ao maior número de residentes da área urbanizada, o que aumenta o temor das famílias em permitir a diversão em espaços abertos e públicos. Quanto a mudança de hábitos, quatro dos jovens afirmam ficar em casa o mesmo tempo que antes de ter acesso a Internet.

b) A representação da Internet

Nas perguntas que se referiam a representação da Internet no questionário aprofundado (Anexo III) com todas as questões fechadas, obteve-se as respostas de 6 adolescentes considerados “usuários moderados”, descritas e analisados a seguir.

A Internet e seus riscos

Todos consideram a Internet algo revolucionário e também consideram que ela não é uma perda de tempo. A maioria considera que podem ficar sem Internet, que isto não representa um problema, mas 2 acreditam que é impossível viver sem a Internet.

Os usuários deste perfil, em sua totalidade, acreditam que é necessário haver um controle do que está na Internet. Acredita-se que esta resposta trás em seu bojo uma contradição, em meio a anseios de liberdade (característica própria da adolescência) um pedido de controle. Será necessidade de limites? Será reprodução das representações sociais que imperam neste momento, de necessidade de controle, de que o acesso a Internet é o problema? Neste sentido, concorda-se com Buckingham, pois “As crianças que estiverem decididas a encontrar pornografia pesada ou propaganda racista provavelmente as encontrarão, a despeito das restrições tecnológicas” (2006, p. 160). E como lembra Tobin,

⁵³ Formato de arquivo digital de áudio, que permite uma compactação de até 10 vezes no tamanho da música, proporcionando a gravação de inúmeros arquivos em um baixo espaço de disco. Isto, aliado a presença de acesso a Web em alta velocidade, permite a troca de arquivos via Internet.

Bakhtin sugeriria que o fato de os estudantes dizerem coisas contraditórias sobre a violência imitativa não necessariamente significa que estejam tentando me confundir ou que estejam em conflito interno. É mais útil pensar nessa conversa particular e, de modo geral, sobre a conversa das crianças sobre filmes e televisão como manifestações locais de um discurso social mais amplo. Considerando a confusão intelectual, o divisionismo ideológico e a hipocrisia de nossa sociedade com relação aos efeitos das mídias, como poderíamos esperar que as crianças dissessem algo diferente sobre o tema? (2000, p. 22)

Internet e educação

Foi considerado, com 4 respostas, que os livros são melhores do que a Internet para se aprender. Mas, em contraposição, 4 dos pesquisados acreditam ser muito mais fácil aprender com o auxílio da Internet.

Não existe, neste perfil, um consenso sobre a afirmação de que a Internet é uma ameaça para a língua portuguesa, nem sobre o fato de que é preciso dominar o inglês para poder utilizar a Internet. Porém 4 afirmam que é necessário ter um bom conhecimento de informática para utilizá-la.

Sobre o fato da Internet substituir a escola futuramente, 3 entrevistados acreditam que isto não acontecerá, e um deles não soube responder a esta questão.

A Internet como comunicação

As representações sobre este tópico demonstram que todos os adolescentes pesquisados neste perfil consideram que a Internet melhora a comunicação entre as pessoas, afirmam também que com a Internet em suas casa não diminuiu a conversa entre seus familiares. A metade deles afirma que passaram a ver menos televisão depois de virarem usuários de Internet, 2 acreditam que vêm da mesma maneira que antes e um não soube responder a este item. Os mesmos números são os que acreditam que a Internet acabará por substituir a televisão.

A Internet como fonte de informações

Todos os pesquisados consideram ser fácil encontrar o que procuram na Internet, mas 4 acham que as informações presentes na Internet não são confiáveis. Mas é preciso lembrar que:

A credibilidade está relacionada com o que a gente chama de reputação, a confiança [...]. Tem a ver com ética: você confia naquele cara, e se estiver errado alguém vai falar.[...] a própria web regula. Quando você visita esses sites, em geral tem indicações.[...]. Tenho insistido nisto: durante muito tempo, as pessoas achavam que o ciberespaço é ‘mentirinha’, um mundo de faz-de-conta, de fantasia. Hoje a gente saiu dessa fase.

Estamos na fase em que o ciberespaço é apenas um prolongamento da cultura. É lógico que há lugares em que as pessoas podem usar o alter ego para se sentir à vontade - o que também há no mundo real. Não há nada no ciberespaço que não corresponda ao mundo real. (LEÃO, 2006, p. 1)

A Internet e o futuro

A totalidade dos adolescentes acredita que em breve teremos a Internet em casa de forma tão popular como hoje temos a televisão e o telefone, 5 deles acreditam que no futuro se comprará quase tudo pela Internet. Já 4 acreditam que no futuro a possibilidade de se trabalhar via Internet será muito comum, superando até o trabalho presencial.

A Internet e o lazer

Todos os pesquisados consideram a Internet um local de diversão e lazer, “o lazer infantil vinculou-se inexoravelmente à ‘revolução do consumo’” (BUCKINGHAM, 2006, p. 56).

c) O uso da Internet

Dos pesquisados neste perfil, 5 possuem computador em casa, fazem uso doméstico da Internet. A adolescente que não possui computador em casa usa a Internet regularmente na escola e na casa onde trabalha. O primeiro uso da Internet deste grupo de jovens foi bem equilibrado, sendo que 2 usuários foram em casa, 2 na escola e 2 na casa de amigos.

Com relação ao tempo de uso da Internet em casa, 3 dos pesquisados possuem esta conexão a menos de um ano e 2 a possuem a mais de um ano. Destes, 4 possuem conexão banda larga e 1 utiliza acesso discado.

O tempo de utilização, para 4 dos pesquisados é em média uma hora por dia de uso, para os demais é de duas horas a cada dia de uso. No final de semana este tempo sobe para uma média diária de 4 horas para 5 dos adolescentes deste perfil e 1 deles utiliza cerca de 2 horas. Dentre os pais dos entrevistados, 4 impõem um limite para tempo de acesso da Internet em casa.

Todos os adolescentes pesquisados informaram que utilizam a Internet na escola a mais de dois anos, e 4 deles no ano de 2006 utilizaram freqüentemente a Internet no espaço escolar. O acesso na escola é centrado em atividades pedagógicas propostas por seus professores.

Para os 5 adolescentes que possuem uso doméstico da Internet, as atividades na rede acontecem sozinhas, todos afirmam não utilizar a Internet junto com seus pais e quatro (4) nunca compartilham com os irmãos. De acordo com estes adolescentes, 3 dos pais não perguntam e 2 deles, perguntam às vezes, o que seus filhos fazem na Internet. Estes resultados

apresentam-se diferentes da teoria televisiva proposta por Martín-Barbero, da mediação familiar. Para o autor, “se a televisão na América Latina ainda tem a família como unidade básica de audiência é porque ela representa para a maioria das pessoas a situação primordial de reconhecimento” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 305). Apesar de não fazer uso da Internet acompanhado pelos familiares, dos pesquisados, 3 tem o computador na sala de casa e 2 no quarto. No acesso doméstico o uso é predominantemente juvenil, em apenas 1 dos lares os adultos utilizam a Internet. Dentre os pesquisados, 5 deles usam a internet tanto para resolver suas atividades escolares, quanto para se divertir.

Mais uma vez, as respostas encontradas na pesquisa, suscitam novas hipóteses, como por exemplo: a falta de acompanhamento é um risco para os adolescentes? Ou os jovens possuem competência suficiente para lidar com estas novas tecnologias e com os seus conteúdos?

Para Buckingham (2006, p. 10), “[...] a habilidade das crianças [e dos adolescentes] com a tecnologia lhes dá acesso a novas formas de cultura e comunicação que em grande parte escapam ao controle dos pais”. Representação esta que esconde, na verdade, um conceito que vê o adolescente como um sujeito totalmente “integrado”, mas que o descontextualiza da sua questão cultural. Os adolescentes são vistos como sujeitos sem condições de lidar com seus problemas, e “[...] como correndo riscos especiais por falta da maturidade crítica que os adultos aparentemente possuem”? (Idem, p. 134).

Este mesmo autor nos alerta de que enquanto considerarmos as crianças e os adolescentes como “vítimas passivas” incapazes de criar suas próprias culturas, não se perceberá esta questão como algo mais complexo. Esta complexidade envolve os “debates contemporâneos sobre cultura e comunicações”, com implicações “ligadas à alfabetização, à moralidade, à cidadania, e às relações entre a cultura e o comércio – questões que por várias razões são particularmente agudas no caso das crianças, mas que possuem também uma relevância muito mais geral”. (Idem, p. 34-35)

A Internet é uma aparente tecnologia de solidão, pois pode possibilitar fortes interações sociais com intersecção na vida dos sujeitos. Como afirmou Sherry Turkle em oposição a idéia de um mundo virtual e um outro real, “penso que, cada vez mais, há menos necessidade de usar uma oposição tão categórica. No futuro, as fronteiras permeáveis serão as mais interessantes para estudar e compreender.” (apud CASALEGNO, 1999, p. 118).

A autora deixa bem claro que o virtual não pode e não deve tirar os contatos reais e pessoais, o olho no olho, mas sim ser mais uma possibilidade de contato. Vive-se o híbrido em sua plenitude a qualquer momento, bastando uma conexão telefônica, que integra as pessoas, mas também contém o risco de isolá-las. O que fará a diferença é o uso que se dará a estas

novas tecnologias. As novas gerações que podem viver o advento do mundo virtual, já conseguem, aparentemente, lidar com esta complexidade de exigências identitárias, nesta nova modalidade de viver.

Não se trata de duas pessoas, uma virtual e outra real, “cada um mostra diferentes aspectos de si mesmo.” (CASALEGNO, 1999, p. 119) e que existem nos indivíduos, com ou sem tecnologia. O mundo on-line apenas evidencia estes aspectos, pois os acompanha em minúsculos aparelhos celulares e possibilita o acesso a Internet em diversos lugares do planeta.

4.4.2.3 Os superusuários

Nesta categoria, foi prevista a seleção de 6 adolescentes (25% dos 24 classificados neste perfil), mas apenas 4 (17%) deles responderam ao questionário “Uso frequente” (anexo IV). Também seria aplicado a estes 6 adolescentes, o formulário de práticas culturais e consumo de mídia (anexo V), mas além dos 2 faltantes, um dos entrevistados foi chamado para realizar uma prova e não retornou, respondendo apenas parcialmente a entrevista.

a) Perfil, as práticas culturais e o consumo de mídias

A faixa etária deste grupo está entre 12 a 14 anos, sendo 2 do sexo feminino e 2 do masculino. Assim como a distribuição geográfica também é equitativa. Todos os adolescentes pesquisados são nascidos em Florianópolis, mas de um deles a família é oriunda de outro estado (RS).

Os pais têm como profissão o funcionalismo público estadual ou municipal, uma mãe é dona de casa e outra está desempregada.

O telefone fixo e o celular estão presentes em todos os lares, sendo destes últimos, apenas um aparelho com câmera. A televisão e o rádio estão presentes em todas as casas, um possui antena parabólica e dois possuem TV por assinatura e DVD. Todos os adolescentes afirmaram que assistem a televisão por um tempo menor depois que passaram a usar a Internet, mas assim como no perfil anterior, seu consumo de filmes em DVD ou VHS continua o mesmo.

O principal local de diversão é a própria casa, com apenas uma ocorrência do campo de futebol e o principal brinquedo foi o próprio computador. Todos os adolescentes já foram ao cinema e ao teatro e, neste perfil, apenas um tem hábito de leitura.

b) A representação da Internet

Nas perguntas que se referiam a representação da Internet no questionário aprofundado (Anexo IV) com todas as questões fechadas, obteve-se as respostas de 6 adolescentes considerados “superusuários”, descritas e analisados a seguir.

A Internet e seus riscos

A metade dos adolescentes pesquisados considera a Internet algo revolucionário, todos consideram que Internet não é uma perda de tempo, 3 dos pesquisados acreditam que depois de se usar a Internet é impossível ficar sem ela. E todos concordam que é preciso se ter um controle do que está na Internet, ressaltando-se que pergunta foi focada nos sites de conteúdos perigosos, pornográficos, racistas e violentos.

Internet e educação

A maioria dos pesquisados (3), acredita que é melhor aprender com a Internet do que com livros, e todos acreditam que com a Internet se aprende muito mais facilmente. Mas três (3) dos jovens acreditam que uma pesquisa em livros é mais válida que a pesquisa na Internet. A maioria pensa que a Internet não é uma ameaça para a língua portuguesa, e todos afirmam que não é necessário conhecer a língua inglesa para poder usar a Internet.

A escola para 3 dos pesquisados não será substituída pela Internet, a metade dos entrevistados acha que é preciso conhecer bem informática para utilizar a Internet.

A Internet como comunicação

Todos os pesquisados acreditam que a Internet favorece a comunicação entre as pessoas. A maioria acredita que com a Internet em casa não se conversa menos. Mas todos concordam que acabam por ver menos televisão, e todos pensam que a Internet irá substituí-la.

A Internet como fonte de informações

Para todos os adolescentes pesquisados é fácil encontrar as informações na Internet, mas a metade acredita que não se pode confiar nestas informações.

A Internet e o futuro

Todos os pesquisados acreditam que no futuro o uso da internet será banal, tal como a televisão hoje em dia. Também pensam que haverá um grande fluxo de compras pela Internet, ultrapassando as realizadas presencialmente. Estes adolescentes, totalmente integrados a rede, também acreditam que o mundo do trabalho será dominado pelo teletrabalho..

A Internet e o lazer

Todos os pesquisados falam que a Internet é, sobretudo, um meio de diversão das pessoas.

c) O uso da Internet

Todos os pesquisados possuem ao menos um computador e uso doméstico da Internet. Um (1) deles usou a Internet pela primeira vez em casa, um (1) deles na escola, um (1) na casa de amigos e um (1) não respondeu a esta pergunta.

A totalidade dos pesquisados neste perfil usam a internet na escola a mais de um ano, quase sempre nos horários das aulas, sobretudo, para resolver as atividades propostas pelos professores. Porém, no ano em que se realizou a pesquisa, afirmaram que a Internet não foi muito utilizada nas atividades pedagógicas.

Quanto ao tempo que já usam a Internet dois o fazem a mais de 2 anos, 1 deles usa entre 1 e 2 anos, e um começou a usar desde o último ano.

Em casa, 2 dos adolescentes pesquisados, usam a Internet a mais de um ano, um deles a menos de um ano e um não opinou. Todos os pesquisados possuem banda-larga sem limite de horas de uso da Internet por mês.

Durante a semana, a média de tempo de uso está em 7 horas por dia, sendo que 2 utilizam mais de 8 horas por dia. O tempo de uso médio em um final de semana está em 11 horas, mas pode chegar até 20 horas.

Apesar deste tempo excessivo, três (3) adolescentes informam que seus pais limitam o tempo de uso. Apenas um (1) tem o computador em seu quarto, o restante tem o computador na sala de casa. Quando usam a Internet em casa estes jovens o fazem normalmente sozinhos, às vezes apenas com a companhia dos irmãos.

Dois (2) adolescentes informam que seus pais não perguntam o que eles fazem na Internet e também ficam mais tempo em casa depois de possuir o uso doméstico da Internet.

Este grupo raramente utiliza a Internet na casa de amigos e nunca utilizaram no local de trabalho de seus pais.

Desde o início do acesso à Internet, na visão dos adolescentes a conversa em casa se manteve da mesma forma, mas se vê menos televisão e joga-se menos videogame. Porém se escuta mais músicas do que antes, provavelmente porque, “Internet combina bem com a música: pode-se escutar enquanto se navega ou “baixá-la”, para escutar depois” (BELLONI, 2004, p. 7).

Em relação à leitura, três (3) pesquisados alegam que não lêem ou lêem menos do que antes. Observa-se nesta resposta a percepção de que a leitura da informação armazenada na Internet, necessária a navegação e uso de seus recursos, não tem o sentido de leitura. Soares (2007), enfatiza que as dificuldades de entender esta diferença, são semelhantes a falta de compreensão acerca da oralidade primária, pois “[...] a tecnologia da escrita está tão profundamente internalizada em nós que nos tornamos incapazes de separá-la de nós mesmos, e assim não conseguimos perceber sua presença e influência.”. A autora recorda ainda que “a introdução e prática da escrita trouxeram significativas mudanças na recepção do texto, nos gêneros e funções do texto, nos processos cognitivos e discursivos, enfim, no estado ou condição dos destinatários dos textos.”. Estas mudanças também são evidenciadas em relação a leitura na cibercultura e as práticas tipográficas de leitura e escrita, sendo possível a superação desta dicotomia, quando se desenvolver novas práticas digitais e “recuperar o significado de um letramento já ocorrido e já internalizado, flagrando um novo letramento que está ocorrendo e apenas começa a ser internalizado”. (p.5).

Quanto aos objetivos dos adolescentes ao usar a Internet, a totalidade usa para procurar informações de interesse pessoal e três (3) dos pesquisados usa também para resolver problemas relacionados às atividades escolares.

Não existe “o site” de preferência dos adolescentes, eles estão pulverizados em diversos centros de interesse. Três (3) citam a preferência pelos *blogs*, *fotologs*, *videologs*, além dos sites de hobby. Citados por dois (2) adolescentes aparecem os sites de arte, espetáculos e divertimentos, com informações sobre novelas, artistas, cantores e bandas, além de cinema. Os sites relacionados a jogos, comunicação (chats, bate-papos), descobertas geográficas (como o *google earth*) também foram listados por 2 pesquisados.

Os sites de esporte, assim como de ciência e tecnologia, política, ciências humanas (história, religiões, etc), sites de educação, aparecem como interesse de três (3) dos pesquisados, mas os acessam raramente. As ferramentas de pesquisa (*google*, *altavista*, etc) são utilizadas por 3 dos jovens deste grupo.

Os jogos em tempo real (*counter strike*, *tibia*, etc) são utilizados por 3 dos pesquisados e todos deste perfil fazem uso de softwares para comunicação síncrona⁵⁴ (*MSN*, *IRC*, *chats*, etc). Enquanto que a comunicação assíncrona⁵⁵ (e-mail) é utilizada por apenas 2 dos superusuários. A participação em grupos de discussão (fóruns, *news groups*) cai ainda mais, sendo utilizada por apenas 1 dos jovens pesquisados.

Estes jovens têm pouco hábito de visitar sites de notícias e informações, não costumam preencher pesquisas ou questionários on-line, nem realizar compras pela Internet. Informam, também, que não têm o costume de clicar sobre os banners publicitários nos sites e nunca visitaram sites de negócios e economia (procura de emprego, etc).

A maioria costuma deixar comentários (*posts*) nos sites que visita. Hábito muito comum em sites de *blogs* e *fotologs*, bem como os *scraps*⁵⁶ do *orkut*. Estes comentários tem a característica de serem rápidos, diretos, com alguns *emoctions*⁵⁷ no lugar de palavras ou frases. Este tipo de comunicação se aproxima dos padrões adotados pela televisão, como diz Fischer (2003) ao falar do trabalho “Paisagens imaginárias” da argentina Beatriz Sarlo,

[...] o caráter da imediatez próprio da TV e dos produtos que ela veicula, dos próprios modos de veiculação e de recepção desses materiais, associa-se à característica maior da simplicidade, da comunicação direta, aquela comunicação sem necessidade de maiores mediações, característica da televisão que as grandes redes produzem – e isso não pode deixar de ser visto como um modo político de comunicar, de informar, de narrar. (p. 4)

Foi informado por 3 dos pesquisados o uso freqüente da Internet para procurar fotos ou imagens. A totalidade deles usa a rede para ouvir músicas ou ver vídeos, enquanto dois (2) dos adolescentes deste perfil fazem download⁵⁸ de arquivos de músicas ou vídeos. Este número sobre para três (3) quando o assunto é baixar jogos ou programas.

O acesso ao site de relacionamentos *Orkut*⁵⁹ é realizado por 3 dos pesquisados, mas 4 costuma postar⁶⁰ fotos e textos em *fotologs*, *blogs* e *videologs*. É comum também o envio de fotos pessoais por *MSN* ou outro programa de comunicação síncrona.

Quando perguntados quais os três sites que mais acessam na Internet as respostas que mais ocorreram foram: *Orkut*⁶¹ e *Google*⁶² com 6 respostas, seguidos de *Baixaki*⁶³ com 2 respostas e *MSN*⁶⁴, *Fotolog*⁶⁵, *You Tube*⁶⁶ e *Prinstontale*⁶⁷ cada um com 1 resposta.

⁵⁴ Tipo de comunicação que acontece em tempo real.

⁵⁵ Tipo de comunicação onde a leitura da mensagem não é feita no mesmo tempo de seu envio.

⁵⁶ Recados.

⁵⁷ Emotions são símbolos que representam emoções, como por exemplo: felicidade :) tristeza :(

⁵⁸ Termo que designa a ação de copiar um arquivo da Internet para seu próprio computador.

⁵⁹ O Orkut possui 56,93% dos seus usuários compostos de brasileiros, a faixa etária que mais acessa está entre 18 e 25 anos, com 56,41% dos usuários totais. (ORKUT, 2007).

⁶⁰ Ato de publicar um tópico em um blog, uma foto em um fotolog ou um vídeo em um videolog.

A totalidade dos usuários pesquisados retorna costumeiramente aos sites já visitados, porém nunca imprimem a página para posterior consulta. Todos acessam sites em língua portuguesa, mas apenas 1 adolescente tem bom conhecimento e acessa sites em língua inglesa.

A maioria dos pesquisados (3 respostas) navega, normalmente, clicando nos links de palavras ou imagens. O uso freqüente das ferramentas de pesquisa na Internet foi citado por dois (2) adolescentes e os outros 2, citaram o uso deste recurso sempre.

Apenas 1 dos pesquisados informou que utiliza com freqüência o recurso de favoritos ou bookmarks presente nos navegadores, assim como um somente navega imaginando os endereços de Internet.

A principal referencia na busca de endereços são os amigos. Seguidos da televisão e do rádio. Irmãos, revistas e jornais e outros site da Internet são a terceira fonte de sites dos adolescentes pesquisados. Os pais vêm em quarto lugar na indicação de endereços e os professores em último lugar. Dois (2) adolescentes citaram que seus professores nunca indicam de sites dos professores e dois (2) citaram que raramente recebem estas indicações.

Embora considerada por alguns como uma tecnologia de uso solitário todos os pesquisados fizeram novos amigos na Internet. Para Wolton (2003, p. 103) “com a Internet, nós entramos no que eu chamaria de era das *solidões interativas*.”.

A oportunidade para a criação de seu próprio site não é explorada por este grupo de adolescentes, apenas 1 deles cria suas próprias home pages. Por não usarem este espaço, os jovens abrem mão da sua posição de editor ativo, deixando de lado as possibilidades de “reconfiguração” pelo seu uso (MARTIN-BARBERO, 1999, p.269).

⁶¹ <http://www.orkut.com>

⁶² <http://www.google.com.br>

⁶³ <http://www.baixaki.com.br>

⁶⁴ <http://www.hotmail.com.br>

⁶⁵ <http://www.fotolog.com.br>

⁶⁶ <http://www.youtube.com>

⁶⁷ <http://www.printontale.com> – obs.: estes endereços de Internet estavam ativos em janeiro de 2007.

4. Análise dos dados coletados: o universo pesquisado

Conforme exposto no capítulo anterior, esta pesquisa utilizou o espaço de duas escolas públicas para ter acesso aos adolescentes de Florianópolis, na faixa dos 13 aos 16 anos. A análise dos dados ocorreu para os dois momentos distintos da pesquisa, na etapa inicial, com todo o universo pesquisado e na etapa de aprofundamento, com a amostra selecionada. Estas fases são apresentadas a seguir.

4.4.1 Primeira etapa: aplicação do questionário inicial (anexo I)

Nesta fase, foram pesquisados 131 adolescentes dos dois campos de pesquisa. Obtivemos os dados gerais do perfil dos entrevistados, escola de origem, informações sobre uso da Internet, bem como a percepção da sua utilidade. Os dados resultantes desta etapa são apresentados e analisados a seguir.

a) Perfil

Quanto ao gênero dos entrevistados, 63 (48%) são do sexo masculino e 68 (52%) do sexo feminino. Observa-se um equilíbrio entre a distribuição dos adolescentes nesta questão. Esta pergunta foi respondida por todos os entrevistados.

Em relação a idade, a proposta inicial desta pesquisa estava na faixa entre 13 e 16 anos, mas obteve-se nas respostas, idades entre 12 e 17 anos. A maioria, 37 adolescentes com 13 anos e 49 deles com 14 anos (28% e 37% respectivamente), seguida de 21 (16%) com 15 anos. Os demais, 5 (4%) com idade de 12 anos, 9 (7%) com 16 anos, 1 (1%) com 17 anos, além de 9 (7%) que não responderam a esta questão.

A escola de origem dos estudantes entrevistados foi de 92 (70%) adolescentes da Amâncio Costa e de 36 (28%) da Almirante Carvalhal, sendo que 3 (2%) não informaram a

escola. Por fatores de acesso as salas em cada uma das escolas, foram entrevistados estudantes de 4 turmas da Mâncio Costa e de 2 turmas da Almirante Carvalhal.

b) Local de uso

Nos resultados desta questão (figura 1), foram obtidas respostas múltiplas, pois alguns entrevistados informaram mais de um local de uso da Internet. Vale lembrar que esta questão é aberta.

Dos 131 entrevistados, 27 (21%) não responderam a esta pergunta e 46 (35%) informaram a escola como local de uso. Este dado é no mínimo curioso, uma vez que eles estudam em escolas que possuem Sala Informatizada (SI) com Internet e os professores desenvolvem projetos educativos de suas disciplinas com o envolvimento direto dos estudantes em computadores.

Porque então tantos estudantes não citaram a escola como local de uso? Esta questão não foi investigada, apenas suscitou outras dúvidas como: porque a maioria dos estudantes com acesso em outros locais não considerou a escola como ponto de contato com a Internet? Porque mesmo os estudantes que não usam a Internet em outros locais, desconsideraram a escola como um local de uso a Internet? Será que todos os alunos participam dos projetos com Internet na escola?

Para Levy (1999, p.201),

“Em uma escola é possível limitar a rede de comunicação ao estabelecimento e favorecer prioritariamente o uso de programas de ensino assistido por computador. É possível também abrir a rede local para a Internet e encorajar as compras de equipamentos e programas adequados para sustentar a autonomia e as capacidades de colaboração dos alunos.”

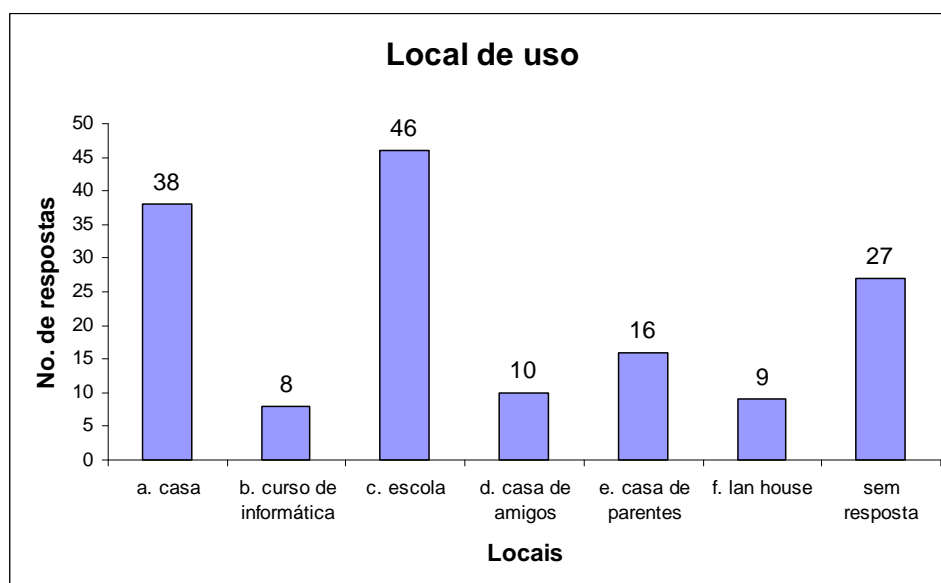


Figura 1: Local de uso da Internet

Além da escola, foi citado que a Internet é usada em casa por 38 (29%) entrevistados, o que lembra os dados apresentados no capítulo I, de que Florianópolis é um dos municípios com maior índice de inclusão digital do Brasil. Dos demais, 16 (12%) utilizam a casa de parentes, 10 (8%) na casa de amigos, 9 (7%) utilizam nas *lan houses*, 8 (6%) em cursos de informática.

Vale ressaltar que o bairro de Ratoões, onde residem a maioria (70%) dos entrevistados, caracteriza-se por fatores evidenciados durante a pesquisa, como a baixa renda e a falta de infraestrutura de acesso a Internet (especialmente a banda larga). Para Sorj (2003, p. 65), “a urbanização ‘internetiza’”.

Uma pesquisa (BRENNER, DAYRELL & CARRANO, 2005, 197) aponta o uso do computador, para acessar a Internet e jogar, por apenas 17% dos jovens brasileiros de 15 a 25 anos. Na faixa com renda até 2 salários mínimos, este percentual cai para 8%, enquanto que a partir desta faixa salarial o uso passa a ser de 32%. O acesso dos jovens das zonas urbanas é 5 vezes maior que dos moradores nas zonas rurais do país,

“O baixo índice de acesso dos jovens ao computador e à Internet, notadamente no meio rural, evidencia a necessidade de implementação de políticas de letramento digital. O Brasil convive com gerações de jovens que se distanciam do acesso a instrumentos e linguagens de importância radical na vida contemporânea, hoje tão importante quanto o acesso e o domínio da leitura e da escrita.” (BRENNER, DAYRELL & CARRANO, 2005, 197).

Numa tentativa de amenizar a falta de um local de uso da Internet por meio de um local público de acesso, a Escola Mâncio Costa, abre a SI para uso livre pelos alunos uma única vez por semana. Observou-se um grande interesse dos alunos por esta oportunidade, mas a proporção de usuários é bem maior do que a capacidade de atendimento.

c) Frequência de uso

Dos 131 entrevistados (figura 2), apenas 3 (2%), não responderam a esta questão e 5 (4%) disseram realmente que nunca utilizaram a Internet. Mais uma vez, ao lembrar que todos já deveriam tê-la utilizado nas aulas, perguntou-se se não haviam feito ao menos atividades na Internet na própria escola. Entretanto, para eles a atividade obrigatória não representava uma forma de uso da Internet, conforme explicou um dos participantes: “- *ah! Usar a Internet pra fazer tarefas, não é usar a Internet. Para mim mesmo, eu não quero usar! Não gosto!*” Esta resposta conduziu mais uma vez as dúvidas da questão anterior acerca da disponibilidade de acesso e também a reflexão sobre a noção de “uso” da Internet pela escola.

Como os professores estão utilizando a Internet nas escolas? Qual a significação⁶⁸ destes trabalhos para os adolescentes? Está havendo uma reflexão sobre os benefícios e as limitações do uso da Internet como fonte de pesquisa? Os professores estão plenamente capacitados para aproveitar o potencial de comunicação e de inteligência coletiva da Internet?

Estas questões não pretendem afirmar que a Internet seja a única ou a melhor fonte de informações, comunicação e sociabilidade, mas tal como cita Levy (idem, p.12), “Peço apenas que permaneçamos abertos, benevolentes, receptivos em relação à novidade”. Com isso, segundo o autor, será possível reconhecer o potencial qualitativo da Internet para a vida social e cultural, além de desenvolver esta nova tecnologia numa perspectiva humanista. Ficam aqui algumas pistas para outras investigações da temática, Internet, educação e adolescentes.

⁶⁸ Utiliza-se significação aqui no “[...] conceito básico da teoria de Ausubel [que] é o de aprendizagem significativa. [...] quando uma nova informação (conceito, idéia, proposição) adquire significados para o aprendiz através de uma espécie de ancoragem em aspectos relevantes da estrutura cognitiva preexistente do indivíduo. [...] aprendizagem sem atribuição de significados pessoais, sem relação com o conhecimento preexistente, é mecânica, não significativa. [...] Durante um certo período de tempo, a pessoa é inclusive capaz de reproduzir o que foi aprendido mecanicamente, mas não significa nada para ela. (MOREIRA, 2005, p.5)”

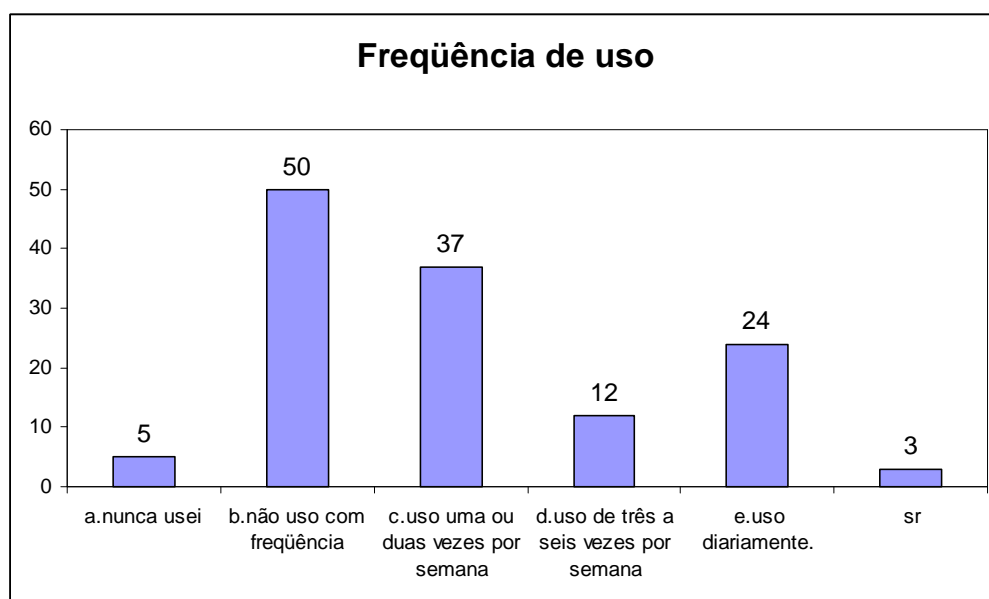


Figura 2: Frequência de uso da Internet (em número de usuários)

Os que declararam utilizar muito pouco a Internet (“não usam com frequência”) foram 50 (39%) dos entrevistados. Este dado, somado ao dos não usuários, é sugerido por limitações de baixa-renda e falta de infra-estrutura para o uso da Internet pela maioria do público entrevistado, conforme os fatores apontados no item anterior.

Dentre os adolescentes entrevistados, 37 (28%) responderam que usam a Internet de uma ou duas vezes por semana e 12 (9%), são os que usam de três a seis vezes por semana.

Destacam-se nos resultados um grupo de 24 (18%) adolescentes que utilizam a Internet diariamente. Neste grupo a média de uso oscila entre duas e onze horas diárias, sendo que um (4%) não respondeu este dado e 2 (8%) são os que utilizam 2 horas por dia. A maior parte, 15 (35%), se concentra na faixa de três a seis horas por dia, uma outra parte, formada por cinco (21%) adolescentes, utiliza a Internet entre sete e dez horas diárias e um (4%) dos adolescentes, se debruça por 11 horas diárias diante da Internet.

Conforme descrito no item 3.2, as respostas destas importantes questões foram utilizadas para a classificação dos questionários nas categorias “usuários leves”, “usuários moderados” e “superusuários” da Internet (figura 3).

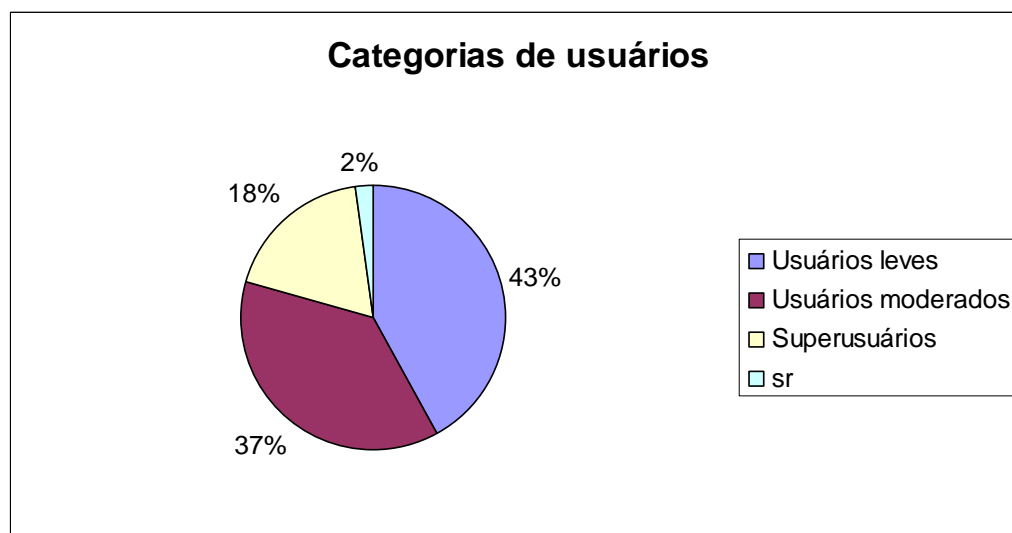


Figura 3: categorias de usuários dentre os adolescentes pesquisados

Estas categorias serviram de base para a seleção dos adolescentes entrevistados na segunda etapa, conforme mostrado no item 3.4.2.

d) O que é Internet para você?

Para responder a esta pergunta solicitou-se que o pesquisado explanasse a sua definição para Internet, na forma de um pequeno resumo.

Dos 131 entrevistados, a quase totalidade foi além da definição da Internet simplesmente como uma “uma rede de computadores de alcance mundial”. As respostas foram focadas no uso que esta tecnologia proporciona, como por exemplo: “*é um meio de comunicação e diversão para os jovens, para os adultos é um meio de pagar contas [...]*”⁶⁹ (q1), “*é um modo de viajar por todo o mundo, senta (sic) em uma poltrona*” (q9) ou “*serve para baixar jogos, [...]*” (q16). Estas definições, algumas com maior e outra com menor aproximação, são semelhantes às encontradas na literatura utilizada para fundamentar esta investigação. Para Castells (2003, p. 164), a Internet é um meio de comunicação com características próprias, “Ela não se restringe a uma área particular de expressão cultural. Atravessa todas elas.”.

As definições dos adolescentes foram organizadas em seis categorias, de acordo com o uso que cada uma delas compreendia (figura 4). Estas categorias de “**Busca de informações e serviços on-line**”, “**Comunicação**”, “**Lazer**”, “**Banking, compra e venda de bens e**

⁶⁹ Tomamos como opção metodológica transcrever as repostas literalmente, conforme foram expressas, sem realizar nenhuma correção ortográfica ou gramatical, para dar mais fidelidade a voz dos adolescentes.

serviços”, “Educação” e “Interação com as autoridades públicas” são as mesmas utilizadas em uma pesquisa nacional⁷⁰, realizada no ano de 2005, com 2.085 entrevistados.

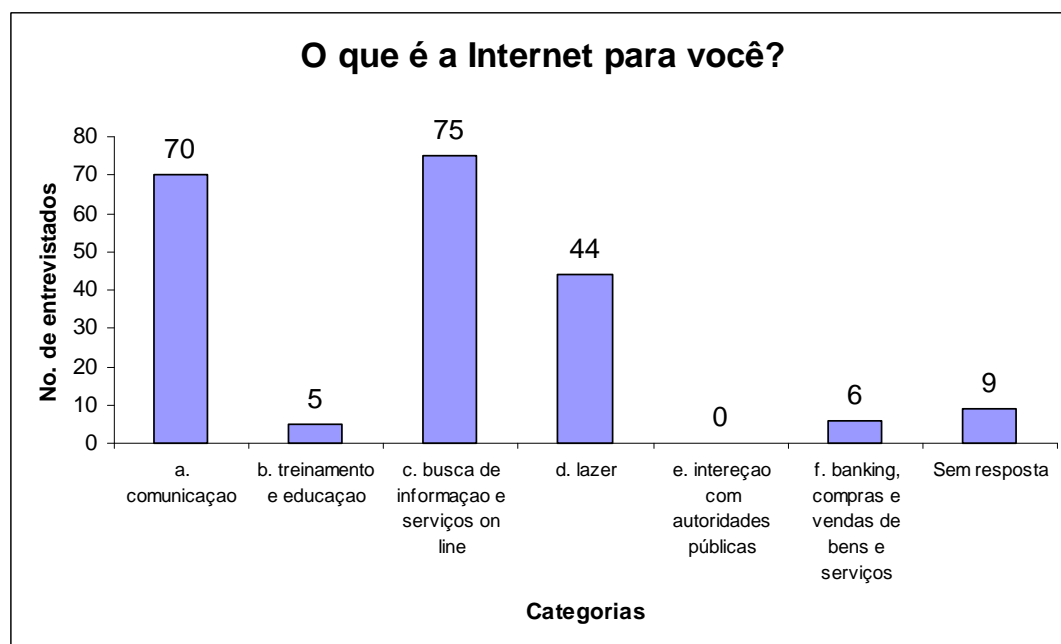


Figura 4: Respostas da questão “O que é a internet para você?” em números absolutos.

Dos 131 entrevistados, 7% não responderam a esta questão, e os demais apresentaram até mais de uma categoria, tornando as respostas a serem analisadas de múltipla escolha, tal como ocorreu na pesquisa nacional.

A classificação como **busca de informações e serviços on-line** predominou com 57% dos entrevistados. Na pesquisa nacional este item obteve o segundo lugar com 80,96% de ocorrências.

Nesta categoria foram agrupadas as respostas que tinham a ver com notícias, busca por informações sobre bens e serviços, informações sobre pessoas, novelas, filmes, etc., tal como nos exemplos:

“Algo para eu (sic) fazer pesquisas ”

“Internet é um programa que você pode fazer a pesquisa mais rápido.”

“É o mundo em minha mão, posso saber o que está acontecendo com qualquer famoso”.

⁷⁰ Conforme informado no capítulo 3, optou-se pelas categorias de atividades na internet, utilizada pelo Comitê Gestor da Internet Brasil na pesquisa de TIC domicílios e usuários disponível em <<http://www.cetic.br/usuarios/tic/2005/index.htm>>

“A Internet para mim é um [...] meio de notícias tanto mundial quanto internacional (sic)”.

“Algo bastante interessante e curioso, há diversas informações, jogos, sites, pesquisas. Algo revolucionário que nos ajuda, nos diverte e ensina. Seus conteúdos são superinteressantes para todas as idades, seja jovem, velho ou criança”.

A categoria **meio de comunicação** apareceu em 53% das respostas, na pesquisa do CGIBR foi relatado em primeiro lugar, com 81,67% das respostas. Algumas das definições que foram agrupadas nesta categoria foram:

“A Internet para mim é um meio de comunicação sem limites, que não pode ser controlado”.

“Conversar com amigos ”

“É um meio de comunicação mais desenvolvido”

“Um lugar onde eu possa conversar com meus amigo (sic) ”

Para a categoria **lazer** obteve-se 34% de ocorrências, na pesquisa nacional também aparece em terceiro lugar com 71,25%. As respostas reunidas neste grupo foram:

“Namoro, paquera ”

“É tipo um canal que nos liga a tudo, como coisas de nosso interesse ou não. Só sei que é muito legal”

“Uma forma de divertimento para os adolescentes.”

“É uma forma de entretenimento.”

“É um meio de eu me divertir com jogos on-line, [...] baixar animes (desenhos japoneses) ”

A categoria **Banking, compra e venda de bens e serviços** foi citada por 5% dos entrevistados, na pesquisa nacional este tópico aparece em último lugar, com 17,68% das respostas.

As principais respostas reunidas para este assunto foram:

“Para os adultos é um meio de pagar contas, fazer empréstimos, etc”, o autor desta resposta fez uma contraposição ao uso dos jovens, que segundo ele o fazem como “meio de comunicação e diversão”.

“A Internet para mim é onde podemos [...] comprar coisas”

“Muitas pessoas tb (sic) usam para vender coisas [...]”.

O quesito **educação e treinamento** ficou em penúltimo lugar, com 4% em nossa pesquisa, enquanto que na nacional ficou em quarto, com 56,45%.

Algumas das respostas coletadas foram:

“Tudo, uma das coisas que eu não viveria sem [...] aprendo coisas novas ”.

“[...] fazer trabalhos do colégio ”.

“Um meio de aprendizagem.”

O item **interação com autoridades públicas** não foi citado em nossa pesquisa, enquanto na amostra nacional apareceu em quinto lugar, com 28,22% de respostas. As pesquisas sobre o contexto da juventude brasileira do século XXI, na apresentação do livro “Retratos da juventude brasileira”, Abramo & Branco (2006, p.21-22) resumem que o desejo de mudança e a capacidade de mobilização da sociedade civil ainda podem ser encontrados. Ressaltam, porém que para um grande contingente, perante a crise social e a pobreza, encontra-se um vácuo entre a disposição em se engajarem nestes movimentos e a sua condição de real participação e de ação.

Mediante as diferentes visões sobre engajamento juvenil, os autores concluem que “o que parece importante ser ressaltado é que não se pode generalizar nem atribuir como essência de uma geração ou de uma condição juvenil os atributos de conservadorismo e alienação ou os de rebeldia ou contestação”, sendo o mais importante distinguir entre grupos mais mobilizados ou conjuntos de indivíduos, “como ocorre em todas as gerações e segmentos sociais”. Este pensamento conduz a desmistificação da imagem da juventude, que não deve ser vista como a única protagonista a dissolver, a reconstruir ou modificar a orientação do tecido social e da esfera política. Os jovens devem ser vistos,

[...] como sujeitos fundamentais, com toda complexidade de suas dificuldades e potencialidades, nos processos de conformação e transformação de suas vidas e da sociedade, junto (em paralelo, na confluência ou em conflito) com outros segmentos e atores sociais. (Idem).

Assim, o fato dos jovens pesquisados em Florianópolis não pensarem na Internet como um meio de interação com a área governamental, pode ser inserido neste vácuo, talvez como resultante do processo de desgaste da imagem do setor público em nosso país e da falta de preocupação, da grande maioria, inclusive a família e educadores, em mudar esta situação.

No geral, os usos aqui citados da Internet revelam um aspecto do surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, impossível de não serem citadas. Se por um lado estas modernas tecnologias apresentam tempos semelhantes entre o seu desenvolvimento nos países ricos e o seu uso nos demais. Por outro lado, há grandes diferenças “entre tecnologias e usos, impedindo-nos assim de compreender os sentidos que sua apropriação adquire historicamente. (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 268).

Isto suscita um desafio, que para Castells (2003, p.227) vai além da oferta de um local para uso da rede, é o “estabelecimento da capacidade de processamento da informação e de geração de conhecimento em cada um de nós [...] refiro-me a educação”.

e) Uma breve análise entre a frequência de uso e as definições de Internet

Mesmo dentre os adolescentes que não se consideraram usuários ou que informaram usar com pouca frequência, quase todos expressaram a sua definição sobre a Internet. As respostas se aproximaram das mesmas categorias do universo pesquisado, sendo a maioria como **busca de informações e serviços online**, seguida de **comunicação** e de **lazer**.

Uma resposta intrigante de um sujeito “usuário leve”, foi que “a Internet para mim é saber um pouco mais melhor do que passa na televisão”. Esta ligação da televisão com a Internet suscitou inúmeras hipóteses como, por exemplo, será que refere-se aos endereços de *sites* que as emissoras colocam nos créditos dos programas ou as possibilidades que os apresentadores abrem para obtenção de mais informações acerca dos temas tratados e o contato dos expectadores?

A autora desta resposta não foi autorizada pela família de dar prosseguimento a pesquisa, mas abre-se aqui mais uma possibilidade de pesquisa, da intersecção televisão e Internet. Pode-se utilizar em investigações deste contexto, dentre outros, os estudos latino-americanos de recepção aqui apresentados, possuidores de análises bastante profundas da mediação de massa e da reconfiguração funcional dos novos meios tecnológicos (MARTIN-BARBERO, 2003, p.269).

Um outro exemplo, mas que se diferenciou dos demais, foi a resposta “para mim Internet é uma coisa qualquer, não tem utilidade pois não gosto de entrar na Internet. Não critico quem *gosti* (sic) de Internet, apenas acho que é uma das coisas que eu menos me interessa”.

Do grupo de adolescentes que foram classificados na categoria “usuário moderado”, quando perguntados sobre o que era Internet, a ordem de definição foi diferente dos “usuários leves” e do universo total. Primeiro, aparece a **comunicação**, seguida de **busca de informações e serviços online**, em terceiro o **lazer** e por último **banking, compra e venda de bens e serviços**. Não foram citadas as demais categorias.

Um das respostas que suscitaram a curiosidade epistemológica foi que “a Internet é um lugar livre onde você faz o que quer, mas com respeito”. Ao ser questionada sobre o sentido da frase a autora explicou que na Internet pode-se acessar qualquer site, por isto precisa ter cuidado, caso contrário “tu entra em qualquer lugar”. Sua principal preocupação era o acesso a sites considerados pornográficos. Ao revelar uma preocupação com o que se vê na rede, a adolescente permite criar a hipótese da necessidade de um controle sobre o uso da Internet. Uma outra resposta nos afirma que “é um meio de comunicação sem limites, que não pode ser controlado”, houve também o receio do uso excessivo “não é bom entrar diariamente, pois vicia”.

Mesmo assim a visão que predominou foi a de que a Internet “tem infinitas finalidades. Para mim é mais fácil usar a Internet do que outra coisa”. Neste sentido, é importante não cair na armadilha de que esta é a “geração da tecnologia” e que é capaz de entender sozinha o contexto que as cerca, sem o necessário apoio da família, da escola e da sociedade com um todo. Como nos lembra Buckingham (2006, p. 10) as crianças e os jovens têm seus limites e suas capacidades mediadas pelo contexto onde vivem, ou seja, na cultura.

A principal resposta do grupo denominado “superusuários” para a pergunta: o que é a Internet? foram as ligadas à **comunicação**, seguida da **busca de informações e serviços on-line** e de **lazer**. Nesta última categoria, algumas respostas chamaram a atenção, como por exemplo “é uma forma de me distrair (sic). Não sou muito de sair por isso (sic) a maior parte do tempo na Internet”, “a Internet é um passatempo para mim e um meio de fugir dos problemas de casa e da escola”, “tudo, uma das coisas que eu não viveria sem, brinco, faço várias coisas. Internet para mim é assim, se eu estou em casa eu tenho que estar na net (sic)”.

É necessário avaliar o significado do que estes jovens informaram, já que uma das preocupações acerca do uso da Internet é da substituição do contato humano direto pela comunicação no ciberespaço. Mas para Levy (1999, p. 212-219), em nenhum momento da história um modo de comunicação foi totalmente substituído por outro novo. A partir de uma série de comparações entre os usos dos diversos meios de comunicação, o autor conclui que a

idéia da substituição surge da dificuldade de “captar, imaginar, conceituar o surgimento de novas formas culturais, de dimensões inéditas do mundo humano”. Mesmo reconhecendo que “há alguns viciados na Internet que passam noites em frente ao seu computador, jogando RPGs na rede, participando de discussões on-line ou surfando interminavelmente de página em página”, para ele, estas exceções fazem parte do fenômeno de novas relações e contatos universais, para além do território geográfico.

4.4.2 Segunda etapa: aplicação dos demais instrumentos (anexos II, III, IV e V)

Após a classificação dos dados do questionário inicial, foram selecionados 18 representantes, de acordo com os critérios descritos anteriormente no item 3.2. Destes, pelos motivos já expostos, quatro não puderam participar e foi possível substituir apenas um dos faltantes, totalizando, portanto, 15 sujeitos para aplicação da segunda etapa. Dentre os que responderam aos questionários de aprofundamento, apenas 12 puderam estar presentes nas entrevistas sobre o consumo de mídias.

De posse das três categorias de usuários na segunda fase, foram aplicados os instrumentos de pesquisa aprofundada e obtivemos os resultados a seguir descritos. Ressalta-se que nesta etapa estarão sendo descritos e analisados os resultados de cada tipo de usuário isoladamente. Posteriormente, realizar-se-á uma análise comparativa entre as categorias à luz do referencial teórico proposto para esta investigação.

4.4.2.1. Usuários leves

Nesta categoria, foi prevista a seleção de 6 adolescentes (11% dos 55 classificados neste perfil), mas apenas 5 (9%) deles responderam ao questionário “Não uso” (anexo II) e 4 (7%) responderam ao formulário de práticas culturais e consumo de mídia (anexo V).

a) Perfil e consumo de mídias

Os alunos deste grupo estão entre 15 e 16 anos, sendo quatro (4) do sexo masculino. Conforme já foi explanado acima, apesar de desenvolverem atividades com a Internet na escola, a maioria desconsidera este acesso e se intitula não usuário ou usuário de baixa frequência.

A origem das famílias, bem como a naturalidade de três (3) dos adolescentes é de Florianópolis, sendo apenas um deles do interior de Santa Catarina. A ocupação dos pais de três (3) entrevistados está nas que exigem baixa escolaridade (ensino fundamental ou menos), sendo empregados nos sítios da região de Ratones, como caseiros, faxineiras e empregadas domésticas. Apenas um (1) dos adolescentes tem família com um poder aquisitivo um pouco maior, sendo filho de funcionário público de nível médio. O adolescente (15 anos), cuja família é do interior do estado, trabalha em um dos sítios da região como tratador de cavalos, no período inverso as aulas. Este aluno não soube informar o seu endereço, pois segundo ele a família “se muda muito (*sic*)”.

Dos entrevistados, nenhum possui hábito de leitura, porém duas (2) das famílias tem o costume de comprar jornais. Um dos jovens disse que devido a família não ter dinheiro para comprar livros ou jornais, uma tia lê todos os livros que ele leva emprestado para casa com a finalidade de fazer trabalhos escolares.

Apenas um (1) adolescente já foi ao cinema, porém todos já foram ao teatro na escola ou no CIC⁷¹, levados pela escola. Credita-se isto ao fato do teatro ir a escola, o que não acontece com o cinema. Além do que temos outro dificultador que é o fato da maioria dos adolescentes serem de Ratones, que se localiza a cerca de 20km do cinema mais próximo. Como nos lembra Canclini (1999) “a distribuição não equitativa das instalações, dificulta a ida a espetáculos públicos ([...] cinema)” (p. 101). Aliado a isto existe o fator de que “a maioria se recolhe as seu entorno imediato e quer esquecer o macrourbano” (p. 109) e de que “os setores populares, ou seja os que não têm carro [...] tendem a restringir o horizonte da cidade ao próprio bairro. ” (p. 128)

Dos adolescentes que responderam ao questionário de consumo de mídias, todos possuem ao menos uma televisão e um aparelho de rádio. Nenhum destes alunos possui e-mail. A presença dos telefones celulares também é comum a todos, sendo apenas um aparelho celular com câmera fotográfica. Aqui surge um outro foco interessante de pesquisa, sobre o que estes adolescentes estão fazendo com seus inseparáveis aparelhos celulares. Estes aparatos tecnológicos de concentração de mídias, com seu poder de comunicação e mobilidade serão em breve os pontos de acesso à Internet mais disseminados do mundo. Outro aparelho eletrônico que todos possuem acesso é o aparelho de som com CD. Com presença em 3 das casas dos adolescentes há ainda a antena parabólica, o aparelho de DVD e o videogame.

⁷¹ O Centro Integrado de Cultura (CIC) é vinculado à Fundação Catarinense de Cultura e abriga cinema, oficina das artes, o MASC - Museu de Artes de Santa Catarina, o Conselho Estadual de Cultura, o ATECOR - Ateliê de Conservação e Restauração de Bens Móveis, a Academia Catarinense de Letras, a OSSCA - Orquestra Sinfônica de Santa Catarina, o Teatro Ademar Rosa e um bar e restaurante. É um pólo da cultura na capital catarinense.

Telefone fixo e aparelho de videocassete estão presentes em apenas 2 dos lares dos adolescentes pesquisados. Somente um tem *diskman* e nenhum tem *mp3 player*.

Ao serem questionados sobre o que gostavam de brincar, todos surpresos, após um momento de desconforto e com a insistência na pergunta, três (3) deles responderam que gostam de jogar bola. Inclusive a única menina do grupo afirmou que gosta de dançar e jogar futebol e outro menino afirmou que gosta de jogar bolinha de gude⁷².

O principal local de diversão do grupo é o campinho de futebol do bairro onde, no caso do bairro Ratoes este espaço ainda sobrevive. Em outros locais mais urbanizados de Florianópolis, restaram poucos locais públicos de lazer.

b) A representação da Internet

Nas perguntas que se referiam a representação da Internet no questionário aprofundado (Anexo II) com todas as questões fechadas, obteve-se as respostas de 5 adolescentes considerados “usuários moderados”, descritas e analisados a seguir.

A Internet e seus riscos

Na pergunta “a Internet é revolucionária” um (1) respondeu que não sabe, enquanto quatro (4) concordaram que sim. Isto é ratificado, quando todos discordam da pergunta “a Internet é uma perda de tempo”.

Quatro (4) adolescentes informaram que podem ficar sem a Internet, e um (1) não tem uma resposta formada a respeito. Dois (2) deles avaliam que o conteúdo na Internet não deve ser controlado, porém um (1) entende que sim, o conteúdo considerado abusivo (pornografia, racismo, violência) deve ser controlado. Nesta pergunta dois (2) não souberam opinar.

Os adolescentes que não concordam com o bloqueio do conteúdo da Internet, mesmo não usuários, podem ser considerados na contracorrente de iniciativas públicas, tal como a exposta no Congresso Brasileiro, na recente polemica da “lei da Internet”. Este projeto propõe, dentre outras medidas, a exigência de que locais públicos de acesso (como as escolas) tenham algum programa de controle de acesso a sites ofensivos. A este respeito, Buckingham (2006, p.

⁷² Brincadeira tradicional que consiste em acertar a bolinha do adversário retirando-a do espaço predeterminado para o jogo. “Pelas descobertas arqueológicas e pelos registros pictóricos e escritos, o jogo praticado com bolinhas é antiqüíssimo. Especula-se que ele tenha nascido nas eras pós-neolíticas. Deve ter surgido em vários grupos culturais que atingiram o estágio neolítico, atendendo a uma necessidade lúdica”. (AZOUBEL, 2007, p.1) Presente também na obra “jogos infantis” de Peter Bruegel (1560), que traz várias brincadeiras de crianças daquela época.

9) assinala que “no rastro de um crescente pânico moralista sobre a influência do sexo e da violência nos meios de comunicação, os governos de muitos países criaram leis mais rígidas de censura”. No caso do Brasil esta lei ainda não foi a votação, mas não podemos esquecer que

[...]a consideração exclusiva da dimensão [...] reduzida à simples discussão dos conteúdos considerados inadequados (em geral violência e sexualidade, valores) e a decorrente valorização dos aspectos ‘educativos’ das TIC, pode levar a práticas pouco eficazes por absoluta não sintonia com os modos de perceber e pensar dos sujeitos do processo [...]. (BELLONI, 2004, p. 2)

Os sujeitos a que a autora se refere são as crianças e os adolescentes.

Internet e educação

Foi perguntado aos 5 adolescentes se é melhor aprender com a Internet do que com os livros, dois (2) informaram que é melhor com a Internet, outros dois (2) assinalaram que os livros são melhores, enquanto que um (1) não teve resposta para esta pergunta. Na pergunta inversa se os livros são mais importantes que a Internet para se fazer uma pesquisa, obteve-se os mesmos índices, o que demonstra uma coerência nas respostas. Mas todos concordam que com o auxílio da Internet se aprende muito mais facilmente.

A maioria dos pesquisados (3) acredita que a Internet não é uma ameaça para a língua portuguesa, o que se confirma, uma vez que, dia-a-dia, temos um incremento de páginas nesta língua. Em janeiro de 2007, havia 1.034.599 domínios⁷³ cadastrados no Comitê Gestor da Internet Brasil, o que representa apenas parte do número de sites⁷⁴, que se multiplicam em incontáveis outras home pages⁷⁵. Para Levy (1999, p. 242),

O ciberespaço contém, de fato, aquilo que as pessoas nele colocam. A manutenção da diversidade cultural depende principalmente da capacidade de iniciativa de cada um de nós, e talvez do suporte que os poderes públicos, as fundações, as organizações internacionais ou as ONGs possam conceder aos projetos com características artísticas ou culturais.

A maioria, quatro (4) entrevistados, acredita que é preciso ter um bom conhecimento de informática para poder usar a Internet. Três (3) dos adolescentes acredita que a Internet nunca irá substituir a escola, mas dois (2) deles acham que sim. Aqui se abre uma possibilidade interessante para aprofundar este tema da Internet e da escola, o que de certa forma vem se dando na Educação a Distância, mas concentrado no ensino superior. Neste ponto se pode

⁷³ Domínio é um endereço de Internet, no Brasil a administração dos domínios se dá pelo CGIBr (Comitê Gestor da Internet Brasil), porém existem inúmeros outros sites brasileiros com domínios estrangeiros.

⁷⁴ Site é um conjunto de home pages. Quando muitos sites se unem em um só local temos um portal.

⁷⁵ Arquivo tipo documento texto, com capacidade de armazenar conteúdo multimídia por meio de hipertexto. É a base de um site. É interligado pelos hiperlinks. Uma home page pode se conectar a qualquer outra home page da Internet. Daí sua característica rizomática, não hierarquizada.

pesquisar, por exemplo, quais as características existentes na Internet que os alunos entendem serem usadas para substituir para a escola?

A Internet como comunicação

A Internet é vista pelos usuários leves como uma ferramenta que permite melhorar a comunicação das pessoas. Como não possuem computador em casa, não sabem se com a Internet em casa as pessoas conversam menos ou se afeta o consumo da televisão. Por outro lado, acreditam que a Internet acabará substituindo a televisão.

A Internet como fonte de informações

Quanto a afirmação de que é difícil encontrar aquilo que se procura na Internet, também não houve consenso, sendo que um dos adolescentes respondeu que não tem resposta para isto. Todos os entrevistados desta categoria acreditam que as informações da Internet são confiáveis, o que suscita a necessidade de discutir na escola sobre os critérios de confiabilidade de um site. É importante lembrar que, a busca de informações pode seguir critérios referentes a reputação de quem fornece a informação, para isso, foram criados inúmeros mecanismos de busca, sites de bancos, de trabalhos acadêmicos reconhecidos, informações com opiniões de leitores, dentre outros que podem amenizar o dilúvio de conteúdos na Internet. É principalmente importante, refletir acerca do uso dos conteúdos encontrados, evitando-se reclamações comuns nos professores de cópias de trabalho da Internet. Neste sentido, Levy (1999, p.245), recorda que “Os dados representam apenas a matéria-prima de um processo intelectual e social vivo e altamente elaborado.”. Corroborar-se com as idéias do autor, de que “A rede jamais pensará em seu lugar, e é melhor assim.”.

A Internet e o futuro

Quanto à possibilidade de que no futuro ter acesso a Internet em casa será tão comum quanto ter uma televisão, apenas 2 dos adolescentes, entre aqueles que se consideram não usuários de Internet, consideram que isto irá acontecer. Um dado interessante, divulgado pela pesquisa do Ibope/Netratings, que mede o acesso de Internet no país, o número de usuários com banda larga dobrou nos últimos 2 anos, chegando em novembro de 2006 a 10,7 milhões de pessoas, mostra que ainda temos muito o que fazer pela inclusão digital em nosso país, mas o número de usuários está crescendo (BOLETIM UOL, 2007).

Quanto a possibilidade de que no futuro as pessoas irão comprar mais pela Internet e que o teletrabalho terá um espaço muito grande no mercado de trabalho, os pesquisados não tem um consenso para estas questões, 2 deles acreditam que sim e o mesmo número acredita que não. Apenas um preferiu não responder a esta pergunta.

A Internet e o lazer

Questionados se a Internet é, acima de tudo, um meio de diversão quatro (4) acreditam que sim, este meio é predominantemente para lazer.

c) O uso da Internet

Computador e Internet não estão presentes nos lares de todos os adolescentes deste perfil. Como eles não usam ou usam muito pouco a Internet, as atividades do que fazem na rede não serão detalhadas. Foi percebido apenas que realizam atividades pedagógicas na escola com o uso do computador e da Internet, embora muitas destas sejam em grupo e estes se coloquem em uma atitude mais de observadores do que de usuários.

4.4.2.2 Usuário moderados

Nesta categoria, foi prevista a seleção de 6 adolescentes (12% dos 49 classificados neste perfil), todos responderam ao questionário de “Uso” (anexo III) e o questionário (anexo V), utilizado para delinear o perfil, as práticas culturais e o consumo de mídia. Ressalta-se que um dos entrevistados respondeu apenas uma parte deste último.

a) Perfil, as práticas culturais e o consumo de mídias

A idade faixa etária dos adolescentes que responderam por este grupo está entre 12 e 16 anos, se dando de forma equitativa a relação em questão ao sexo (50% para cada). Dentre eles, 4 residem no bairro de Coqueiros e são alunos da EBM Almirante Carvalhal, e 2 são do bairro de Ratores, alunos da EBM Mâncio Costa.

Em relação as famílias destes jovens apenas uma (1) é nativa de Florianópolis, sendo quatro (4) provenientes do interior do estado de SC e uma (1) de outro estado da Federação (RJ). Quanto a naturalidade dos adolescentes dois (2) são nativos da capital enquanto quatro (4) provêm do interior do estado. A ocupação dos pais dos pesquisados está mais diversificada, já que a parcela que é composta de moradores da área mais central de Florianópolis. As atividades dos pais de alunos de Coqueiros concentram-se em funções mais especializadas, algumas de nível superior, tais como analista de sistemas e técnico do Tribunal Regional do Trabalho. Os moradores de Ratores têm como fonte de renda de seus pais o trabalho como caseiros dos sítios da região e empregadas domésticas. O que demarca bem a divisão destas duas regiões no aspecto socioeconômico. Uma adolescente (16 anos) pesquisada trabalha fazendo faxinas, no período inverso as suas aulas, nos sítios do bairro que reside.

Neste perfil encontramos um maior número de adolescentes com hábitos de leitura, chegando a cinco (5) dos pesquisados. Já dois (2) dos adolescentes deste perfil afirmam que depois da Internet eles lêem mais do que antes, um retorno ao mundo da escrita, como nos lembra Vox (2004, p. 47). Sendo que todas as seis (6) famílias têm o hábito de comprar jornais.

Neste grupo todos já foram ao cinema e cinco (5) já assistiram a uma peça de teatro. A maior frequência ao cinema está ligada ao fato destes adolescentes residirem em uma região mais central, com um acesso ao serviço de transporte coletivo mais facilitado, tendo sua mobilidade dentro da cidade como uma atividade mais rotineira. A característica de frequentar o teatro está, mais uma vez, ligada a escola. Porém um dos pesquisados possui o hábito de ir ao teatro rotineiramente, por influência da família.

O telefone fixo está presente em 4 dos lares, enquanto que 5 adolescentes pesquisados possuem um aparelho celular, sendo 4 com câmera. O aumento da presença da câmera no celular se dá pelo predomínio de adolescentes de um maior poder aquisitivo, o que se evidencia pela presença de um maior número de bens nos lares. Provavelmente, o acesso doméstico a Internet também está diretamente ligado a renda da família.

Em quatro (4) das casas dos pesquisados nesta categoria existe pelo menos um televisor, um aparelho de rádio e um DVD. O acesso a TV por assinatura aparece em dois (2) dos lares, fato justificado pelo motivo de que o bairro de Ratoles não ser servido pelas empresas de TV a cabo. Em relação a mudanças de hábito, 4 dos entrevistados informaram que após possuir acesso a Internet assistem menos televisão do que antes, mas seu consumo de filmes em DVD ou VHS continua inalterado.

A presença da Internet também influenciou na diminuição do uso de videogames, provavelmente porque é possível fazer *downloads* de jogos de última geração e também jogar on-line, com dezenas, até centenas de pessoas simultaneamente. Esta atividade vai além da inteligência artificial do jogo de videogame, como por exemplo os ambientes *MORPG*⁷⁶.

A ocorrência do aparelho de mp3 player, de *walkman* e de vídeo cassete está em duas das respostas encontradas. No caso das músicas, após possuir Internet 2 dos adolescentes

⁷⁶ Nos últimos anos, um novo produto da chamada indústria cultural vem ganhando cada vez mais espaço no mercado consumidor: é o jogo eletrônico *online* para múltiplos usuários conectados. Nestes *games* conhecidos por *MMORPG* - *Multi-user Massive Online Role Playing Game* - a experiência adquire um *status* de produto, ou seja, os jogadores pagam um valor mensal ao servidor que lhes mantém conectados ao mundo do jogo, desviando a fonte de renda – no caso fabricante – comercialização da mídia para a venda de ‘acessos’. (ANDRADE, 2005, p. 1).

pesquisados passaram a escutar mais músicas, a hipótese para isto é a facilidade de acesso aos arquivos de formato *mp3*⁷⁷, com os últimos lançamentos de seus artistas preferidos.

As brincadeiras preferidas destes adolescentes são os jogos (de futebol e vôlei) e os aparelhos eletrônicos (videogame, computador e celular). Aqui vemos a entrada do computador como um brinquedo, provavelmente porque alguns dos pesquisados possuem a máquina em casa. Foi interessante também, ver a ocorrência do celular como um brinquedo, além de outros locais preferidos para a diversão deste grupo, como a igreja, o shopping e o condomínio. Estes últimos ocorreram mais uma vez devido ao maior número de residentes da área urbanizada, o que aumenta o temor das famílias em permitir a diversão em espaços abertos e públicos. Quanto a mudança de hábitos, quatro dos jovens afirmam ficar em casa o mesmo tempo que antes de ter acesso a Internet.

b) A representação da Internet

Nas perguntas que se referiam a representação da Internet no questionário aprofundado (Anexo III) com todas as questões fechadas, obteve-se as respostas de 6 adolescentes considerados “usuários moderados”, descritas e analisados a seguir.

A Internet e seus riscos

Todos consideram a Internet algo revolucionário e também consideram que ela não é uma perda de tempo. A maioria considera que podem ficar sem Internet, que isto não representa um problema, mas 2 acreditam que é impossível viver sem a Internet.

Os usuários deste perfil, em sua totalidade, acreditam que é necessário haver um controle do que está na Internet. Acredita-se que esta resposta trás em seu bojo uma contradição, em meio a anseios de liberdade (característica própria da adolescência) um pedido de controle. Será necessidade de limites? Será reprodução das representações sociais que imperam neste momento, de necessidade de controle, de que o acesso a Internet é o problema? Neste sentido, concorda-se com Buckingham, pois “As crianças que estiverem decididas a encontrar pornografia pesada ou propaganda racista provavelmente as encontrarão, a despeito das restrições tecnológicas” (2006, p. 160). E como lembra Tobin,

Bakhtin sugeriria que o fato de os estudantes dizerem coisas contraditórias sobre a violência imitativa não necessariamente significa que estejam tentando me confundir ou que estejam em

⁷⁷ Formato de arquivo digital de áudio, que permite uma compactação de até 10 vezes no tamanho da música, proporcionando a gravação de inúmeros arquivos em um baixo espaço de disco. Isto, aliado a presença de acesso a Web em alta velocidade, permite a troca de arquivos via Internet.

conflito interno. É mais útil pensar nessa conversa particular e, de modo geral, sobre a conversa das crianças sobre filmes e televisão como manifestações locais de um discurso social mais amplo. Considerando a confusão intelectual, o divisionismo ideológico e a hipocrisia de nossa sociedade com relação aos efeitos das mídias, como poderíamos esperar que as crianças dissessem algo diferente sobre o tema? (2000, p. 22)

Internet e educação

Foi considerado, com 4 respostas, que os livros são melhores do que a Internet para se aprender. Mas, em contraposição, 4 dos pesquisados acreditam ser muito mais fácil aprender com o auxílio da Internet.

Não existe, neste perfil, um consenso sobre a afirmação de que a Internet é uma ameaça para a língua portuguesa, nem sobre o fato de que é preciso dominar o inglês para poder utilizar a Internet. Porém 4 afirmam que é necessário ter um bom conhecimento de informática para utilizá-la.

Sobre o fato da Internet substituir a escola futuramente, 3 entrevistados acreditam que isto não acontecerá, e um deles não soube responder a esta questão.

A Internet como comunicação

As representações sobre este tópico demonstram que todos os adolescentes pesquisados neste perfil consideram que a Internet melhora a comunicação entre as pessoas, afirmam também que com a Internet em suas casa não diminuiu a conversa entre seus familiares. A metade deles afirma que passaram a ver menos televisão depois de virarem usuários de Internet, 2 acreditam que vêm da mesma maneira que antes e um não soube responder a este item. Os mesmos números são os que acreditam que a Internet acabará por substituir a televisão.

A Internet como fonte de informações

Todos os pesquisados consideram ser fácil encontrar o que procuram na Internet, mas 4 acham que as informações presentes na Internet não são confiáveis. Mas é preciso lembrar que:

A credibilidade está relacionada com o que a gente chama de reputação, a confiança [...]. Tem a ver com ética: você confia naquele cara, e se estiver errado alguém vai falar.[...] a própria web regula. Quando você visita esses sites, em geral tem indicações.[...]. Tenho insistido nisto: durante muito tempo, as pessoas achavam que o ciberespaço é ‘mentirinha’, um mundo de faz-de-conta, de fantasia. Hoje a gente saiu dessa fase.

Estamos na fase em que o ciberespaço é apenas um prolongamento da cultura. É lógico que há lugares em que as pessoas podem usar o alter ego para se sentir à vontade - o que também há no mundo real. Não há

nada no ciberespaço que não corresponda ao mundo real. (LEÃO, 2006, p. 1)

A Internet e o futuro

A totalidade dos adolescentes acredita que em breve teremos a Internet em casa de forma tão popular como hoje temos a televisão e o telefone, 5 deles acreditam que no futuro se comprará quase tudo pela Internet. Já 4 acreditam que no futuro a possibilidade de se trabalhar via Internet será muito comum, superando até o trabalho presencial.

A Internet e o lazer

Todos os pesquisados consideram a Internet um local de diversão e lazer, “o lazer infantil vinculou-se inexoravelmente à ‘revolução do consumo’” (BUCKINGHAM, 2006, p. 56).

c) O uso da Internet

Dos pesquisados neste perfil, 5 possuem computador em casa, fazem uso doméstico da Internet. A adolescente que não possui computador em casa usa a Internet regularmente na escola e na casa onde trabalha. O primeiro uso da Internet deste grupo de jovens foi bem equilibrado, sendo que 2 usuários foram em casa, 2 na escola e 2 na casa de amigos.

Com relação ao tempo de uso da Internet em casa, 3 dos pesquisados possuem esta conexão a menos de um ano e 2 a possuem a mais de um ano. Destes, 4 possuem conexão banda larga e 1 utiliza acesso discado.

O tempo de utilização, para 4 dos pesquisados é em média uma hora por dia de uso, para os demais é de duas horas a cada dia de uso. No final de semana este tempo sobe para uma média diária de 4 horas para 5 dos adolescentes deste perfil e 1 deles utiliza cerca de 2 horas. Dentre os pais dos entrevistados, 4 impõem um limite para tempo de acesso da Internet em casa.

Todos os adolescentes pesquisados informaram que utilizam a Internet na escola a mais de dois anos, e 4 deles no ano de 2006 utilizaram frequentemente a Internet no espaço escolar. O acesso na escola é centrado em atividades pedagógicas propostas por seus professores.

Para os 5 adolescentes que possuem uso doméstico da Internet, as atividades na rede acontecem sozinhas, todos afirmam não utilizar a Internet junto com seus pais e quatro (4) nunca compartilham com os irmãos. De acordo com estes adolescentes, 3 dos pais não perguntam e 2 deles, perguntam às vezes, o que seus filhos fazem na Internet. Estes resultados apresentam-se diferentes da teoria televisiva proposta por Martín-Barbero, da mediação familiar. Para o autor, “se a televisão na América Latina ainda tem a família como unidade

básica de audiência é porque ela representa para a maioria das pessoas a situação primordial de reconhecimento” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 305). Apesar de não fazer uso da Internet acompanhado pelos familiares, dos pesquisados, 3 tem o computador na sala de casa e 2 no quarto. No acesso doméstico o uso é predominantemente juvenil, em apenas 1 dos lares os adultos utilizam a Internet. Dentre os pesquisados, 5 deles usam a internet tanto para resolver suas atividades escolares, quanto para se divertir.

Mais uma vez, as respostas encontradas na pesquisa, suscitam novas hipóteses, como por exemplo: a falta de acompanhamento é um risco para os adolescentes? Ou os jovens possuem competência suficiente para lidar com estas novas tecnologias e com os seus conteúdos?

Para Buckingham (2006, p. 10), “[...] a habilidade das crianças [e dos adolescentes] com a tecnologia lhes dá acesso a novas formas de cultura e comunicação que em grande parte escapam ao controle dos pais”. Representação esta que esconde, na verdade, um conceito que vê o adolescente como um sujeito totalmente “integrado”, mas que o descontextualiza da sua questão cultural. Os adolescentes são vistos como sujeitos sem condições de lidar com seus problemas, e “[...] como correndo riscos especiais por falta da maturidade crítica que os adultos aparentemente possuem”? (Idem, p. 134).

Este mesmo autor nos alerta de que enquanto considerarmos as crianças e os adolescentes como “vítimas passivas” incapazes de criar suas próprias culturas, não se perceberá esta questão como algo mais complexo. Esta complexidade envolve os “debates contemporâneos sobre cultura e comunicações”, com implicações “ligadas à alfabetização, à moralidade, à cidadania, e às relações entre a cultura e o comércio – questões que por várias razões são particularmente agudas no caso das crianças, mas que possuem também uma relevância muito mais geral”. (Idem, p. 34-35)

A Internet é uma aparente tecnologia de solidão, pois pode possibilitar fortes interações sociais com intersecção na vida dos sujeitos. Como afirmou Sherry Turkle em oposição a idéia de um mundo virtual e um outro real, “penso que, cada vez mais, há menos necessidade de usar uma oposição tão categórica. No futuro, as fronteiras permeáveis serão as mais interessantes para estudar e compreender.” (apud CASALEGNO, 1999, p. 118).

A autora deixa bem claro que o virtual não pode e não deve tirar os contatos reais e pessoais, o olho no olho, mas sim ser mais uma possibilidade de contato. Vive-se o híbrido em sua plenitude a qualquer momento, bastando uma conexão telefônica, que integra as pessoas, mas também contém o risco de isolá-las. O que fará a diferença é o uso que se dará a estas novas tecnologias. As novas gerações que podem viver o advento do mundo virtual, já

conseguem, aparentemente, lidar com esta complexidade de exigências identitárias, nesta nova modalidade de viver.

Não se trata de duas pessoas, uma virtual e outra real, “cada um mostra diferentes aspectos de si mesmo.” (CASALEGNO, 1999, p. 119) e que existem nos indivíduos, com ou sem tecnologia. O mundo on-line apenas evidencia estes aspectos, pois os acompanha em minúsculos aparelhos celulares e possibilita o acesso a Internet em diversos lugares do planeta.

4.4.2.3 Os superusuários

Nesta categoria, foi prevista a seleção de 6 adolescentes (25% dos 24 classificados neste perfil), mas apenas 4 (17%) deles responderam ao questionário “Uso frequente” (anexo IV). Também seria aplicado a estes 6 adolescentes, o formulário de práticas culturais e consumo de mídia (anexo V), mas além dos 2 faltantes, um dos entrevistados foi chamado para realizar uma prova e não retornou, respondendo apenas parcialmente a entrevista.

a) Perfil, as práticas culturais e o consumo de mídias

A faixa etária deste grupo está entre 12 a 14 anos, sendo 2 do sexo feminino e 2 do masculino. Assim como a distribuição geográfica também é equitativa. Todos os adolescentes pesquisados são nascidos em Florianópolis, mas de um deles a família é oriunda de outro estado (RS).

Os pais têm como profissão o funcionalismo público estadual ou municipal, uma mãe é dona de casa e outra está desempregada.

O telefone fixo e o celular estão presentes em todos os lares, sendo destes últimos, apenas um aparelho com câmera. A televisão e o rádio estão presentes em todas as casas, um possui antena parabólica e dois possuem TV por assinatura e DVD. Todos os adolescentes afirmaram que assistem a televisão por um tempo menor depois que passaram a usar a Internet, mas assim como no perfil anterior, seu consumo de filmes em DVD ou VHS continua o mesmo.

O principal local de diversão é a própria casa, com apenas uma ocorrência do campo de futebol e o principal brinquedo foi o próprio computador. Todos os adolescentes já foram ao cinema e ao teatro e, neste perfil, apenas um tem hábito de leitura.

b) A representação da Internet

Nas perguntas que se referiam a representação da Internet no questionário aprofundado (Anexo IV) com todas as questões fechadas, obteve-se as respostas de 6 adolescentes considerados “superusuários”, descritas e analisados a seguir.

A Internet e seus riscos

A metade dos adolescentes pesquisados considera a Internet algo revolucionário, todos consideram que Internet não é uma perda de tempo, 3 dos pesquisados acreditam que depois de se usar a Internet é impossível ficar sem ela. E todos concordam que é preciso se ter um controle do que está na Internet, ressaltando-se que pergunta foi focada nos sites de conteúdos perigosos, pornográficos, racistas e violentos.

Internet e educação

A maioria dos pesquisados (3), acredita que é melhor aprender com a Internet do que com livros, e todos acreditam que com a Internet se aprende muito mais facilmente. Mas três (3) dos jovens acreditam que uma pesquisa em livros é mais válida que a pesquisa na Internet. A maioria pensa que a Internet não é uma ameaça para a língua portuguesa, e todos afirmam que não é necessário conhecer a língua inglesa para poder usar a Internet.

A escola para 3 dos pesquisados não será substituída pela Internet, a metade dos entrevistados acha que é preciso conhecer bem informática para utilizar a Internet.

A Internet como comunicação

Todos os pesquisados acreditam que a Internet favorece a comunicação entre as pessoas. A maioria acredita que com a Internet em casa não se conversa menos. Mas todos concordam que acabam por ver menos televisão, e todos pensam que a Internet irá substituí-la.

A Internet como fonte de informações

Para todos os adolescentes pesquisados é fácil encontrar as informações na Internet, mas a metade acredita que não se pode confiar nestas informações.

A Internet e o futuro

Todos os pesquisados acreditam que no futuro o uso da internet será banal, tal como a televisão hoje em dia. Também pensam que haverá um grande fluxo de compras pela Internet, ultrapassando as realizadas presencialmente. Estes adolescentes, totalmente integrados a rede, também acreditam que o mundo do trabalho será dominado pelo teletrabalho..

A Internet e o lazer

Todos os pesquisados falam que a Internet é, sobretudo, um meio de diversão das pessoas.

c) O uso da Internet

Todos os pesquisados possuem ao menos um computador e uso doméstico da Internet. Um (1) deles usou a Internet pela primeira vez em casa, um (1) deles na escola, um (1) na casa de amigos e um (1) não respondeu a esta pergunta.

A totalidade dos pesquisados neste perfil usam a internet na escola a mais de um ano, quase sempre nos horários das aulas, sobretudo, para resolver as atividades propostas pelos professores. Porém, no ano em que se realizou a pesquisa, afirmaram que a Internet não foi muito utilizada nas atividades pedagógicas.

Quanto ao tempo que já usam a Internet dois o fazem a mais de 2 anos, 1 deles usa entre 1 e 2 anos, e um começou a usar desde o último ano.

Em casa, 2 dos adolescentes pesquisados, usam a Internet a mais de um ano, um deles a menos de um ano e um não opinou. Todos os pesquisados possuem banda-larga sem limite de horas de uso da Internet por mês.

Durante a semana, a média de tempo de uso está em 7 horas por dia, sendo que 2 utilizam mais de 8 horas por dia. O tempo de uso médio em um final de semana está em 11 horas, mas pode chegar até 20 horas.

Apesar deste tempo excessivo, três (3) adolescentes informam que seus pais limitam o tempo de uso. Apenas um (1) tem o computador em seu quarto, o restante tem o computador na sala de casa. Quando usam a Internet em casa estes jovens o fazem normalmente sozinhos, às vezes apenas com a companhia dos irmãos.

Dois (2) adolescentes informam que seus pais não perguntam o que eles fazem na Internet e também ficam mais tempo em casa depois de possuir o uso doméstico da Internet.

Este grupo raramente utiliza a Internet na casa de amigos e nunca utilizaram no local de trabalho de seus pais.

Desde o início do acesso à Internet, na visão dos adolescentes a conversa em casa se manteve da mesma forma, mas se vê menos televisão e joga-se menos videogame. Porém se escuta mais músicas do que antes, provavelmente porque, “Internet combina bem com a música: pode-se escutar enquanto se navega ou “baixá-la”, para escutar depois” (BELLONI, 2004, p. 7).

Em relação à leitura, três (3) pesquisados alegam que não lêem ou lêem menos do que antes. Observa-se nesta resposta a percepção de que a leitura da informação armazenada na Internet, necessária a navegação e uso de seus recursos, não tem o sentido de leitura. Soares (2007), enfatiza que as dificuldades de entender esta diferença, são semelhantes a falta de compreensão acerca da oralidade primária, pois “[...] a tecnologia da escrita está tão profundamente internalizada em nós que nos tornamos incapazes de separá-la de nós mesmos, e assim não conseguimos perceber sua presença e influência.”. A autora recorda ainda que “a introdução e prática da escrita trouxeram significativas mudanças na recepção do texto, nos gêneros e funções do texto, nos processos cognitivos e discursivos, enfim, no estado ou condição dos destinatários dos textos.”. Estas mudanças também são evidenciadas em relação a leitura na cibercultura e as práticas tipográficas de leitura e escrita, sendo possível a superação desta dicotomia, quando se desenvolver novas práticas digitais e “recuperar o significado de um letramento já ocorrido e já internalizado, flagrando um novo letramento que está ocorrendo e apenas começa a ser internalizado”. (p.5).

Quanto aos objetivos dos adolescentes ao usar a Internet, a totalidade usa para procurar informações de interesse pessoal e três (3) dos pesquisados usa também para resolver problemas relacionados às atividades escolares.

Não existe “o site” de preferência dos adolescentes, eles estão pulverizados em diversos centros de interesse. Três (3) citam a preferência pelos *blogs*, *fotologs*, *videologs*, além dos sites de hobby. Citados por dois (2) adolescentes aparecem os sites de arte, espetáculos e divertimentos, com informações sobre novelas, artistas, cantores e bandas, além de cinema. Os sites relacionados a jogos, comunicação (chats, bate-papos), descobertas geográficas (como o *google earth*) também foram listados por 2 pesquisados.

Os sites de esporte, assim como de ciência e tecnologia, política, ciências humanas (história, religiões, etc), sites de educação, aparecem como interesse de três (3) dos pesquisados, mas os acessam raramente. As ferramentas de pesquisa (*google*, *altavista*, etc) são utilizadas por 3 dos jovens deste grupo.

Os jogos em tempo real (*counter strike*, *tibia*, etc) são utilizados por 3 dos pesquisados e todos deste perfil fazem uso de softwares para comunicação síncrona⁷⁸ (*MSN*, *IRC*, *chats*, etc). Enquanto que a comunicação assíncrona⁷⁹ (e-mail) é utilizada por apenas 2 dos superusuários. A participação em grupos de discussão (fóruns, *news groups*) cai ainda mais, sendo utilizada por apenas 1 dos jovens pesquisados.

Estes jovens têm pouco hábito de visitar sites de notícias e informações, não costumam preencher pesquisas ou questionários on-line, nem realizar compras pela Internet. Informam, também, que não têm o costume de clicar sobre os banners publicitários nos sites e nunca visitaram sites de negócios e economia (procura de emprego, etc).

A maioria costuma deixar comentários (*posts*) nos sites que visita. Hábito muito comum em sites de *blogs* e *fotologs*, bem como os *scraps*⁸⁰ do *orkut*. Estes comentários tem a característica de serem rápidos, diretos, com alguns *emoctions*⁸¹ no lugar de palavras ou frases. Este tipo de comunicação se aproxima dos padrões adotados pela televisão, como diz Fischer (2003) ao falar do trabalho “Paisagens imaginárias” da argentina Beatriz Sarlo,

[...] o caráter da imediatez próprio da TV e dos produtos que ela veicula, dos próprios modos de veiculação e de recepção desses materiais, associa-se à característica maior da simplicidade, da comunicação direta, aquela comunicação sem necessidade de maiores mediações, característica da televisão que as grandes redes produzem – e isso não pode deixar de ser visto como um modo político de comunicar, de informar, de narrar. (p. 4)

Foi informado por 3 dos pesquisados o uso freqüente da Internet para procurar fotos ou imagens. A totalidade deles usa a rede para ouvir músicas ou ver vídeos, enquanto dois (2) dos adolescentes deste perfil fazem download⁸² de arquivos de músicas ou vídeos. Este número sobre para três (3) quando o assunto é baixar jogos ou programas.

O acesso ao site de relacionamentos *Orkut*⁸³ é realizado por 3 dos pesquisados, mas 4 costuma postar⁸⁴ fotos e textos em *fotologs*, *blogs* e *videologs*. É comum também o envio de fotos pessoais por *MSN* ou outro programa de comunicação síncrona.

Quando perguntados quais os três sites que mais acessam na Internet as respostas que mais ocorreram foram: *Orkut*⁸⁵ e *Google*⁸⁶ com 6 respostas, seguidos de *Baixaki*⁸⁷ com 2 respostas e *MSN*⁸⁸, *Fotolog*⁸⁹, *You Tube*⁹⁰ e *Prinstontale*⁹¹ cada um com 1 resposta.

⁷⁸ Tipo de comunicação que acontece em tempo real.

⁷⁹ Tipo de comunicação onde a leitura da mensagem não é feita no mesmo tempo de seu envio.

⁸⁰ Recados.

⁸¹ Emotions são símbolos que representam emoções, como por exemplo: felicidade :) tristeza :(

⁸² Termo que designa a ação de copiar um arquivo da Internet para seu próprio computador.

⁸³ O Orkut possui 56,93% dos seus usuários compostos de brasileiros, a faixa etária que mais acessa está entre 18 e 25 anos, com 56,41% dos usuários totais. (ORKUT, 2007).

⁸⁴ Ato de publicar um tópico em um blog, uma foto em um fotolog ou um vídeo em um videolog.

A totalidade dos usuários pesquisados retorna costumeiramente aos sites já visitados, porém nunca imprimem a página para posterior consulta. Todos acessam sites em língua portuguesa, mas apenas 1 adolescente tem bom conhecimento e acessa sites em língua inglesa.

A maioria dos pesquisados (3 respostas) navega, normalmente, clicando nos links de palavras ou imagens. O uso freqüente das ferramentas de pesquisa na Internet foi citado por dois (2) adolescentes e os outros 2, citaram o uso deste recurso sempre.

Apenas 1 dos pesquisados informou que utiliza com freqüência o recurso de favoritos ou bookmarks presente nos navegadores, assim como um somente navega imaginando os endereços de Internet.

A principal referencia na busca de endereços são os amigos. Seguidos da televisão e do rádio. Irmãos, revistas e jornais e outros site da Internet são a terceira fonte de sites dos adolescentes pesquisados. Os pais vêm em quarto lugar na indicação de endereços e os professores em último lugar. Dois (2) adolescentes citaram que seus professores nunca indicam de sites dos professores e dois (2) citaram que raramente recebem estas indicações.

Embora considerada por alguns como uma tecnologia de uso solitário todos os pesquisados fizeram novos amigos na Internet. Para Wolton (2003, p. 103) “com a Internet, nós entramos no que eu chamaria de era das *solidões interativas*.”.

A oportunidade para a criação de seu próprio site não é explorada por este grupo de adolescentes, apenas 1 deles cria suas próprias home pages. Por não usarem este espaço, os jovens abrem mão da sua posição de editor ativo, deixando de lado as possibilidades de “reconfiguração” pelo seu uso (MARTIN-BARBERO, 1999, p.269).

⁸⁵ <http://www.orkut.com>

⁸⁶ <http://www.google.com.br>

⁸⁷ <http://www.baixaki.com.br>

⁸⁸ <http://www.hotmail.com.br>

⁸⁹ <http://www.fotolog.com.br>

⁹⁰ <http://www.youtube.com>

⁹¹ <http://www.printontale.com> – obs.: estes endereços de Internet estavam ativos em janeiro de 2007.

5. Considerações finais

Assim como a vida cotidiana, o mundo da educação é um espaço para o desenvolvimento pessoal e social, num cenário de muita disciplina, dedicação e aprendizagem. A forma encontrada para dividir e potencializar os resultados deste trabalho foi o registro dos caminhos percorridos para **investigar o processo de representação e uso da Internet por adolescentes, estudantes de duas escolas públicas de Florianópolis**. Esta trajetória, iniciada há muito tempo, mas consolidada ao ingressar no Mestrado em Educação, apresentou-se rica e profunda, deixando inúmeras lições, compartilhadas a seguir.

Primeira lição: dentro do contexto das novas tecnologias de informação e comunicação é inegável o fascínio que a Internet exerce sobre os adolescentes, como também é inegável a facilidade deles em dominarem os seus recursos e fazerem uso das informações encontradas. Não há passividade na recepção das mensagens veiculadas na Internet.

Segunda lição: o acesso físico à Internet pelos adolescentes, sujeitos desta pesquisa, é individual, mas não é solitário. Surgem a todo momento contatos com outros indivíduos, dos mais diferentes contextos, em uma rede de relacionamentos inimaginável antes do advento da grande rede.

Terceira lição: para os adolescentes investigados a Internet é sinônimo de comunicação e espaço de lazer. Ao mesmo tempo que trocam mensagens instantâneas com uma, duas, três e até mais contatos, sem perceber, se divertem e fazem emergir um espaço de sociabilidade.

Quarta lição: Nem tudo são flores. Apesar da enorme capacidade que demonstram no manuseio do teclado, do mouse, dos softwares, jogos de estratégia e outros, estes adolescentes não ultrapassam a barreira do consumo dos conteúdos da mídia. Praticamente não aproveitam as inúmeras possibilidades de produção e divulgação da sua comunidade, da sua

cultura, do que gostam e aprendem. Assim como não aproveitam o potencial democrático da Internet, de participação e de reivindicação no espaço público.

Por meio da análise dos dados da pesquisa e do referencial utilizado, foi possível corroborar com os autores que afirmam sobre a necessidade da educação contribuir para a construção do processo de recepção das mensagens da mídia pelos indivíduos.

As práticas inovadoras de utilização da Internet acontecem quando os sujeitos e as instituições se propõem a repensar nas suas práticas cotidianas, do individual para o coletivo e do local para o global. Isto será possível um dia?

Isso implica entender a Internet como uma nova maneira de representar o conhecimento, provocando um redimensionamento dos conceitos já conhecidos e possibilitando tanto a busca, quanto a compreensão de novas idéias e valores. Usar a Internet com essa finalidade requer a análise cuidadosa do que significa educação e comunicação, além de demandar a revisão do papel dos atores nesse contexto.

Essa prática pode possibilitar a transição de um sistema social e educativo fragmentado para uma abordagem integradora, voltada para a transformação e não somente a reprodução.

Não há milagres! Mas pode-se dizer que não é impossível integrar e fomentar o processo de uso da Internet na perspectiva de Martín-Barbero, da reconfiguração.

Na trajetória deste trabalho encontramos pistas, não certezas.

E estas pistas podem conduzir a continuidade das investigações aqui iniciadas. Seja para aprofundar a respeito das implicações dos usos da Internet no cotidiano dos adolescentes, para aplicar esta mesma investigação em um universo e período maiores, utilizar de observação direta no uso da Internet no interior da escola, identificar as relações deste uso com a aprendizagem, dentre outras.

Muitos desafios foram superados para a conclusão deste trabalho, outros permaneceram intransponíveis. Limitações de tempo, de falta de prática no processo de investigação, uma greve no meio do semestre, as dificuldades de coleta dos dados na segunda fase, o que acarretou em uma amostra menor que a prevista. Ressalta-se ainda que este projeto não foi levado à apreciação do Comitê de Ética de Seres Humanos da UFSC (anexo 7) porque no momento de sua realização este setor não estava recebendo documentos por falta infraestrutura. Apesar disso, procurou-se cumprir todas as exigências previstas por este comitê.

O desafio foi constante, mas a palavra chave foi persistência.

No balanço final, os resultados foram positivos, talvez não o ideal que se imaginou, mas foi a proposta possível em dado contexto e com a estrutura presente, com as exigências, dificuldades, controles e possibilidades que se conhece.

Neste cenário, de tudo o que se leu, viu e ouviu fica a certeza de que já houve avanços. Foi possível observar durante esta investigação que os adolescentes estão aprendendo a interagir de forma mais rica e profunda, facilitando a compreensão e a prática de formas autênticas de viver, de sentir, de aprender, de comunicar-se.

Cabe a família, a escola e a sociedade em geral, criar um clima de confiança nos jovens, de elevação da auto-estima. Com limites, mas sem coerção. Sem estas condições, não haverá interações capazes de fazê-los ultrapassar o consumo de conteúdo para, através dele, ajudar a construir um referencial rico de conhecimento, de emoções e de práticas.

Aprender com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais das relações individuais e coletivas. Os computadores em rede são um novo meio de comunicação que pode ajudar-nos a rever, ampliar e modificar muitas das formas atuais de pensar e de aprender.

6. Referências

ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo M (org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRANTES, José Carlos. **Os jovens e a Internet: representação, utilização, apropriação**. [on-line] 17 ago 2002. Universidade de Coimbra. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=abranter-jose-carlos-jovens-internet.html>. Acesso em 29 jan 2007.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALBERTIN, Alberto Luiz. **Anuário expressão de marcas 2006**. [on-line] Disponível em: <http://www.expressao.com.br/restrito/marcas/anuarios_eletronicos/anuario2006/conteu-dos/tendencias.html>. Acesso em 25 jan 2007.

ANDRADE, Luiz Adolfo de. **A cultura do acesso: o dinamismo sócio-econômico em star wars galaxies**. [on-line]. 2005. Disponível em: <<http://www.gepicc.ufba.br/enlepicc/pdf/LuizAdolfoDeAndrade.pdf>>. Acesso em 20 fev 2007.

AUN, Marta Pinheiro. A construção de políticas nacional e supranacional de informação: desafio para os Estados nacionais e blocos regionais. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 28, n. 2, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651999000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 Jan 2007.

AUSUBEL, David P. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1978.

AZOUBEL, Roberto. **Bolinhas de gude!**. [on-line] Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/educi01.htm>>. Acesso em 20 fev 2007

BELLONI, Maria Luiza. **Os jovens e a Internet: representações, usos e apropriações**. 2004 Edição fac-similar.

BENAKOUCHE, Tâmara. Tecnologia é sociedade: contra a noção de impacto tecnológico. **Cadernos de Pesquisa, nº 17, setembro de 1999**.

BEY, Hakim., **TAZ: Zona Autônoma Temporária**., sp., Conrad Livros., 2001.

BOLETIM UOL. **Boletim UOL Tecnologia: Número de usuários de banda larga dobra em menos de dois anos**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <horaciomello@gmail.com> em 01 jan 2007.

BOURDIEU, Pierre. Escritos de Educação. Org. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis, Editora Vozes, 1998. 250 p.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Ed, 1975.

BRENNER, Ana Karina, DAYRELL, Juarez & CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo M (org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2005

BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias: após a morte da infância**. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. Florianópolis. 2006. Título original: After the death of childhood: growing up in the age of eletronic media. Trabalho não publicado. Buckingham - Crescer na era das mídias - inteiro.doc. 1 arquivo (760 Kb). Word 2003.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000. - (Folha explica)

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999

CARRERO, Rodrigo. Um país de poucas letras. **Brasil Cultura**. [on-line] Disponível em: <<http://www.brasilcultura.com.br/conteudo.php?id=437&menu=95&sub=476>>. Acesso em 29 jan 2007.

CASALEGNO, Federico. Sherry Turkle: Fronteiras do real e do virtual. **Revista FAMECOS**. n. 11, dezembro 1999. [on-line] Disponível em: <<http://www.pucrs.br/fmeos/pos/revfamecos/11/sherry.pdf>>. Acesso em 28 jul 2005

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003

_____. **A sociedade em rede**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CATAPAN, Araci Hack. O ciberespaço e o novo modo do saber: o retorno a si como um inteiramente outro. **ANPED**, Caxambu, 24a. RA, GT 16. Disponível em : <<http://www.anped.org.br/24/T1620607453890.doc>>. Acesso em: 08 dez 2005.

CDI. **Proposta Político Pedagógica**. CD-ROM. Rio de Janeiro, 2002.

CDISC. < <http://www.cdisc.org.br> > [on-line]. Acesso em 21/set/2004.

CEPAD. **I ragazzi del web**. [on-line]. Disponível em <<http://cepad.unicatt.it/ragazziweb/>>. Acesso em 12 fev 2006

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de Fazer**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

CGIBR. **TIC domicílios** e usuário 2005. [on-line] Disponível em:
<<http://www.cetic.br/usuarios/tic/2005/index.htm>> . Acesso em 25 jan 2007

_____. **TIC domicílios** e usuário 2006. [on-line] Disponível em:
<<http://www.cetic.br/usuarios/tic/2006/index.htm>>. 2006. Acesso em 20 fev 2007

COSCARELLI, Carla Viana. **Entrevista**. [on-line] Disponível em
<http://www.letramagna.com/Magna_entrevista.htm>. Acesso em 30 jan 2007.

CRUZ, Adriano Joaquim de Oliveira. **Introdução**. [on-line] disponível em:
<<http://equipe.nce.ufrj.br/adriano/c/apostila/introd.htm>>, 1997. Acesso em 08 mai 2006

DIAS, Luis f. **A introdução teletrabalho na sociedade contemporânea com a utilização das ferramentas de comunicação**. in: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25., 2002, Salvador. Anais. São Paulo: INTERCOM, 2002. [on-line] Disponível em
<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18827/1/2002_NP8dias.pdf>. Acesso em 02 fev 2007.

DIAS, Maria Helena Pereira. Hipertexto: outra dimensão para o texto, outro olhar para a educação. **ANPED**, Caxambu, 27a. RA, GT 16. Disponível em :
<<http://www.anped.org.br/27/gt16/t168.pdf>>. Acesso em: 08 dez 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Estudos culturais: as margens de um programa de pesquisa. **E-compós**. Ed. 6, ago 2006. [on-line] Disponível em:
<http://www.compos.org.br/e-compos/adm/documentos/ecompos06_agosto2006_escosteguy.pdf>. Acesso em 20 dez 2006.

FANTIN, M. Os meninos da web - os pré-adolescentes e a Internet: uma pesquisa. [on-line] Disponível em: <http://www.aurora.ufsc.br/resenhas/resenha_internet.htm>, 2006. Resenha de RIVOLTELLA, Píer Cesare. **I ragazzi del web: I preadolescenti e Internet**, uma ricerca. 2. ed. Milano, Itália: V&P Università, 2001. Acesso em 05/06/2006.

_____. Novo olhar sobre a Mídia-Educação. **ANPED**, Caxambu, 28a. RA, GT 16. Disponível em : <<http://www.anped.org.br/28/textos/gt16/gt16123int.rtf>>. Acesso em 08 dez 2005.

FARIAS, Maria Aznar. **Adolescência**: do que estamos falando? [on-line] URL:
<<http://www.brazilpednews.org.br/setem99/ar9903.htm>>. Acesso em 03 jul 2005.

FERNANDES, Adriana Hoffmann. **As mediações na produção de sentidos das crianças sobre os desenhos animados**. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós-graduação PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2003. **ana hoffman.zip**. 1 arquivo (2824 Kb). Adobe Acrobat

_____. As mediações na produção de sentidos das crianças sobre os desenhos animados. **ANPED**, Caxambu, 28a. RA, GT 16. Disponível em : <<http://www.anped.org.br/28/textos/gt16/gt16752int.rtf>>. Acesso em 08 dez 2005.

FGV. Mapa da Exclusão Digital.

<http://www2.fgv.br/ibre/cps/mapa_exclusao/apresentacao/MID_RankingGeral.pdf>
[on-line]. Acesso em 15/06/2004.

FGVDADOS. FGVDADOS - Consulta realizada em 19/06/2005 14:10:26.

[mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <horaciomello@gmail.com> em 19 jun 2005.

FÍGARO, Roseli. O desafio teórico-metodológico nas pesquisas de recepção. **E-compós**. Ed. 3, ago 2005. [on-line] Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos/adm/documentos/agosto2005_figaro.pdf> . Acesso em 20 dez 2006.

FIORI, Wagner Rocha. Desenvolvimento emocional. In: RAPPAPORT, Clara Regina, FIORI, Wagner Rocha & DAVIS, Cláudia. **A idade escolar e a adolescência**. São Paulo: EPU, 1982

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Videopolítica e experiência: ferramentas para investigar mídia e juventude. **ANPED**, Poços de Caldas, 26a. RA, GT 16. Disponível em : <<http://www.anped.org.br/26/trabalhos/rosamariabuenofischer.rtf>>. Acesso em: 08 dez 2005.

_____. Adolescentes em confiança pública. **ANPED**, Caxambu, 20a. RA, GT 16. [on-line] 1997. Acesso em 14 fev 2006

FLORIANÓPOLIS. **Sugestões para a definição de uma política pública de inclusão digital para a cidade de Florianópolis**. Câmara de Vereadores: Florianópolis, 2003.

FOLHA ON-LINE. Mercado de celulares cresce 16%. **Folha de São Paulo**. [on-line] Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u113764.shtml>> São Paulo, 17 jan 2007. Acesso em 05 fev 07

_____. Número de internautas brasileiros dobra em 6 anos. **Folha de São Paulo**. [on-line] Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u20822.shtml>> São Paulo, 20 out 2006. Acesso em 02 fev 2007.

FREIRE FILHO. Novas perspectivas para o estudo da relação entre discursos midiáticos, juventude e poder. **E-compós**. Ed. 6, ago 2006. [on-line] Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos/adm/documentos/ecompos06_agosto2006_joaofreire.pdf>. Acesso em 20 dez 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 – Coleção Leitura

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Escrita teclada: uma nova forma de escrever?. **ANPED**, Caxambu, 23ª. RA. [on-line] Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1011t.PDF>>. Acesso em 30 jan 2007.

FSM. Fórum Social Mundial. **Controle social do uso das novas tecnologias.**

Disponível em: <http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=of_ceris_tecnolog_po>. Acesso em 19 abr 2006

GARCIA, Luciana Borraiz. Informação Profissional e Mundo do Trabalho: entre realidade e expectativas. In: SILVA, Genésio et all. **Processos de Estágio, Função Socializante da Escola e Tópicos para o Currículo.** Florianópolis: UDESC, 2004

GIRARDELLO, Gilka. Produção cultural infantil diante da tela: da tv à internet. **ANPED**, Caxambu, 28a. RA, GT 16. Disponível em : <<http://www.anped.org.br/28/textos/gt16/gt161119int.rtf>>. Acesso em 08 dez 2005.

_____. **Teorias da comunicação.ppt.** Florianópolis, 13 abr 2005. 1 arquivo (501 Kb). MS – Power Point

GOMES, Nilza Godoy; BELLONI, Maria Luiza. As tecnologias de informação e comunicação como fator de inclusão social de crianças em situação de risco. **ANPED**, Caxambu, 27a. RA, GT 16. Disponível em : <<http://www.anped.org.br/27/gt16/t1614.pdf>>. Acesso em: 08 dez 2005.

GOMES, Paola Basso Menna Barreto. Mídia, imaginário de consumo e educação. **ANPED**, Caxambu, 23a. RA, GT 16. Disponível em : <<http://www.anped.org.br/23/textos/1631t.PDF>>. Acesso em: 08 dez 2005.

GREGIO, Bernadete M. **Informática na educação:** As representações sociais e o grande desafio do professor frente ao novo paradigma educacional. [on-line]. 2004 Disponível em: <http://gemini.ricesu.com.br/colabora/n6/artigos/n_6/pdf/id_02.pdf>. Acesso em 19 fev 2006

GROSSMAN, Eloisa. **La adolescencia cruzando los siglos.** Adolesc. Latinoam. [on-line]. jul./sep. 1998, vol.1, no.2, p.68-74. Disponível em: <http://ral-adolesc.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-71301998000100003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 07 mai 2006

GYRANEK. Gunther. **A visão do UNESCO sobre a sociedade da informação. IP:** Informática Pública, Belo Horizonte, ano 03, n. 1, p. 129, maio de 2002.

HALL, Stuart. **A Centralidade da Cultura:** Notas Sobre As Revoluções Culturais DO Nosso Tempo. [on-line] Disponível em <http://www.educacaoonline.pro.br/art_a_centralidade_da_cultura.asp>. Acesso em 26 jul 05, 1997

_____. **Da diáspora :** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, Brasília: UNESCO, 2003.

_____. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HASSAB, Álvaro. **Pochmann:** “O governo precisa estabelecer meta de emprego.” [on-line]. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/marco2004/ju244pag06.html>. 2004. Acesso em 16 jan 06

HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luiz C., FRANÇA, Vera Veiga (org.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001

IASI, M. L. **O Dilema de Hamlet**. São Paulo: Viramundo, 2002

IBGE. **Popclock**. [on-line] Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em 25 jan 2007.

_____. **CIDADES@**. <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>> . [on-line]. Acesso em 21/set/2004

_____. **Síntese de indicadores sociais – 2004**. [on-line] Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicais2004/indic_sociais2004.pdf>. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2005. Acesso em 05 fev 2007.

IDGNOW. **O Brasil é o décimo país com o maior número de internautas do mundo**. [on-line] Disponível em: <http://idgnow.uol.com.br/internet/2007/02/13/idgnoticia.2007-02-13.7664674427/IDGNoticia_view>. Acesso em 20 fev 2007.

Inundações matam centenas. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 28 jul 2005. Mundo. [on-line]. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/jornais/dc/jsp/default2.jsp?>>. Acesso em 28 jul 05

JACKS, Nilda & ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

JORNAL DO ALMOÇO. Produção RBS TV. Florianópolis: RBS TV Florianópolis. 27 jul 05

KAMINSKI, Omar. **Tecnorrealismo, equilíbrio entre liberdade e responsabilidade**. [on-line] Disponível em <http://209.85.165.104/search?q=cache:A5uVcE_wXDAJ:www.htmlstaff.org/ver.php%3Fid%3D4382+%22a+internet+%C3%A9+revolucion%C3%A1ria%22&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=5>, 2006. Acesso em 25 jan 2007.

KENSKI, Vani Moreira. A angústia do (des)conhecimento na sociedade da informação. **ANPED**, Caxambu, 21a. RA, GT 16. [on-line] 1998. Acesso em 14 fev 2006

LEÃO, Lúcia. Blogs transformaram a comunicação. **Folha de São Paulo**, [on-line] Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/inde14052006.htm>> São Paulo, 14 maio 2006. Entrevista concedida a Ernane Guimarães Neto. Acesso em 29 jan 2007.

LE MOS, André. **Cibercultura, Cultura e Identidade**: Em direção a uma “Cultura Copyleft”?. São Paulo: Fórum Cultural Mundial, 2004

_____. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993 – Coleção TRANS.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999

LYRA, Sílvia M. Kawata, GOLDBERG, Tamara and IYDA, Massako. Mortalidade de adolescentes em área urbana da região Sudeste do Brasil, 1984-1993 **Rev. Saúde Pública**. [on-line]. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101996000600013&lng=en&nrm=iso>. Dez. 1996, v.30, n.6 [Acesso em 11 dez 2005], p.587-591.

MACHADO, João Luís Almeida. **Culturas da Rebeldia: Nós somos jovens, jovens, jovens...** [on-line] disponível em <<http://www.planetaeducacao.com.br/new/colunas2.asp?id=313>> . Acesso em 06 mai 2006.

MARTÍN BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

_____. **Ofício de Cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004 – Coleção comunicação contemporânea.

MCI. [on-line] Disponível em: <<http://www.mci.org.br/>>. Acesso em 04 fev 2006

MELLO, Horácio Dutra. **Formação de professores - processo de exclusão digital?**. In: SEMINÁRIOINTERAMERICANO SOBRE EXCLUSÃO DIGITAL, 2002, Florianópolis. 2002. Áreas do conhecimento: Ciência da Informação. Referências adicionais: Classificação do evento: Internacional; Brasil/Português; Meio de divulgação: Impresso

MIDIAPPRO. **National data Italy**. [on line] Disponível em <http://www.mediapro.org/nat_data_it.htm>. Acesso em 06 mar 2007

MOREIRA, Marco Antonio. **Mapas conceituais e aprendizagem significativa**. [on-line] Disponível em: <<http://www.if.ufrgs.br/~moreira/mapasport.pdf>>. Acesso em: 10 jun 2005

MORIGI, Valdir José. Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. **E-compós**. Ed. 1, dez 2004. [on-line] Disponível em: <<http://www.compos.org.br/e-compos/adm/documentos/MORIGI.pdf>>. Acesso em 20 dez 2006.

MOYERS, Bill; FOGDALL, Scott. **Contra uma Internet imperial**. [on-line] Disponível em: <http://resistir.info/varios/controle_internet.html> , 2006. Acesso em 25 jan 2007.

NTE/PMF. **Núcleo de tecnologia educacional**. [on-line]. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/nte/historico.html>> Acesso em 14 mar 2006

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papirus, 1987.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. **Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici**. Rev. bras. Ci. Soc. vol.19 no.55 São Paulo Jun 2004. [on-line] Disponível em:

<http://209.85.165.104/search?q=cache:31zmOIAXY08J:www.scielo.br/scielo.php%3Fscript%3Dsci_arttext%26pid%3DS0102-69092004000200014+%22serge+moscovici+%C3%A9%22&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=1>. Acesso em 27 jan 2007

ORKUT. **Dados demográficos**. [on-line] 2007. Disponível em: <<http://www.orkut.com/MembersAll.aspx>>. Acesso em 20 fev 2007.

OROZCO, Guillermo. **Televisión y audiências**: Um enfoque cualitativo. Madri, Espanha: Ediciones de la Torre e Universidad Iberoamericana, 1996. proyecto didáctico Quirón, nº 45

PEREIRA, Sílvia Costa. **Talvez te interesse**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <horaciomello@gmail.com> em 01 fev 2007.

PEREIRA, Vinícius Andrade. **Tendência das tecnologias de comunicação**: da escrita às mídias digitais. INTERCOM, Salvador, Bahia. 2002 [on-line] Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18848/1/2002_NP8pereira.pdf>. Acesso em 29 jan 2007.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola com/sem futuro**. Campinas, SP: Papyrus, 1996 – (coleção magistério: formação e trabalho pedagógico)

PROJETO JUVENTUDE. **perfil_juventude_brasileira.ppt**. [s.l. s.d.] 1 arquivo (882 Kb). MS Power Point Edição 2003.

QUIRINO, Débora. **Estudo de caso – débora.doc**. Florianópolis, 20 out 2005. 1 arquivo (832.000 bytes). Hard Disk. Microsoft Office Word 2003

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação social**. Lisboa, Portugal: Grandiva. 1992

RAMONET, Ignácio. A necessidade da Utopia. In: **Le Monde Diplomatique**. Ano I, n. 9, out 2000 [on-line] Disponível em : <<http://www.diplo.com.br/aberto/0010/06.htm>>. Acesso em 19 abr 2006

RECUERO, Raquel da Cunha. Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais. **E-compós**. Ed. 2, abr 2005. [on-line] Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos/adm/documentos/abril2005_recuero.pdf>. Acesso em 20 dez 2006.

REGISTRO.BR. **Estatísticas**. [on-line] Disponível em: <<http://registro.br/estatisticas.html>>. Acesso em 30 jan 2007.

RIVOLTELLA, Píer Cesare. **I ragazzi del web**: I preadolescenti e Internet, uma ricerca. 2. ed. Milano, Itália: V&P Universita, 2001.

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. **E-compós**. Ed. 4, dez 2005. [on-line] Disponível em: <

http://www.compos.org.br/e-compos/adm/documentos/dezembro2005_paula_sandra.pdf>. Acesso em 20 dez 2006.

RUBIM, Antonio Albino Canela. **A Contemporaneidade como idade média**. Interface: comunicação, saúde, educação. . [on-line]. Disponível em: <<http://www.interface.org.br/revista7/ensaio2.pdf>>. v.4, n.7, [acesso em 11 dez 2005], p.25-362000.

SCHMIDT, Sarai; SABAT, Ruth. Representações da Docência no Fotojornalismo. **ANPED**, Caxambu, 21a. RA, GT 16. [on-line] 1998. Acesso em 14 fev 2006

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Em foco: educação e sociedade midiática. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 28, n. 1, 2002. [on-line] Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03 Fev 2007.

SILVA, Cleânia de Sales. As representações sociais nos discursos midiáticos: novas questões para a educação. **ANPED**, Caxambu, 28a. RA, GT 16. Disponível em : <<http://www.anped.org.br/28/textos/gt16/gt16384int.rtf>>. Acesso em 08 dez 2005.

SILVA, Helena JAMBEIRO, Othon LIMA, Jussara; BRANDÃO, Marco Antonio. **Inclusão digital e educação para a competência informacional**: uma questão de ética e cidadania. Ciência da Informação, Brasília, DF, 34.1, 26 10 2005. [on-line] Disponível em: <<http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=672>>. Acesso em: 26 jan 2007.

SILVA, Tadeu Tomaz (org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

SILVEIRA, Jacira Cabral da. Infância na mídia: sujeito, discurso e poderes. **ANPED**, Caxambu, 23a. RA, GT 16. Disponível em : <<http://www.anped.org.br/23/textos/1616t.PDF>>. Acesso em: 08 dez 2005.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita**: letramento na cibercultura . [on-line] Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0101-733020020008100008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt >. Acesso em 15 jan 2007.

SORJ, Bernardo. **brasil@povo.com**: A luta contra a desigualdade na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; Brasília: UNESCO, 2003

SORJ, Bernardo; GUEDES, Luís Eduardo. **Internet na favela**: quantos, quem, onde para quê. Rio de Janeiro, 2003. [on-line] Disponível em: <http://www.centroedelstein.org.br/sorj/pdf/internet_na_favela.pdf> . Acesso em 30 jan 2007.

TAKAHASHI, Tadao (org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petropolis: Vozes, 1998

TURKLE, Sherry: Fronteiras do real e do virtual. **Revista FAMECOS**. n. 11, dezembro 1999. [on-line] Disponível em: <<http://www.pucrs.br/fmeos/pos/revfamecos/11/sherry.pdf>>. Entrevista para Federico Casalegno, Acesso em 28 jul 2005

VOX, Nemo. **Os escribas estão soltos**. In: Burburinho.pdf. [on-line] Disponível em <<http://www.burburinho.com.br>>, s.l, 18 jul 2004. 1 arquivo (409.671 bytes). Acrobat reader 5.0

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652000000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 Fev 2007

WESTIN, Ricardo. Internet cria novo tipo de viciado. **O estado de São Paulo**. São Paulo, 29 mai 2005. [on-line] Disponível em <http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id_conteudo=3889>. Acesso em 29 jan 2007.

WHO. **CAH: children, health and development**. [on-line] Disponível em <http://www.who.int/child-adolescent-health/OVERVIEW/AHD/adh_over.htm>. Acesso em 06 mai 2006

WIKIPEDIA. [on-line] URL: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Telem%C3%A1tica>> Acesso em 02 mar 2006

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** – uma teoria crítica das boas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. Pensar a Internet. **Revista FAMECOS**. n. 15, agosto 2001 [on-line] Disponível em: < <http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/index.htm>>. Acesso em 28 jul 2005

6.1 Outras Referências Consultadas

ALVES, Maria Bernadete Martins; ARRUDA, Susana M. de. **Como fazer referências bibliográficas**. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/REFBIBCAPA.html>>. Acesso em 19 jun 2005

ANTUNES, Celso. **Como transformar informações em conhecimento**. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2001 (coleção na sala de aula – 2).

ARAÚJO, Maria Gercilene Campos de. **Subjetividade, crise e narratividade**. [on-line] Disponível em < http://www.unifor.br/hp/pos/mps/revista/2002/revista_v2_n1/6_gercileni.pdf >. Acesso em 07 set 05.

ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BASSO, Ilda; Fadel, Susana de Jesus. Educomunicação: formação ou informação? "vale tudo"? **ANPED**, Poços de Caldas, 26a. RA, GT 16. Disponível em : <<http://www.anped.org.br/26/posteres/ildabasso.pdf>>. Acesso em: 08 dez 2005.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação: polêmicas do nosso tempo.** Campinas, SP: Autores associados, 2001 (Coleção Polêmicas do nosso tempo – 78).

BIANCULLI, Carlos H. **Realidad y propuestas para continecia de la transición adolescente en nuestro medio.** Porto Alegre: Adolesc. Latinoam. V.1 n.1, 1997.

BRASIL. SENADO FEDERAL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/>>. Acesso em 19 jun 2005.

CANAL #HTML. **Brasil é o 4º colocado em inclusão digital na América do Sul.** [on-line] Disponível em <<http://www.htmlstaff.org/noticias/n2941.php>>. Acesso em 24 jul 05.

CANIVEZ, Patrice. **Educar o cidadão?:** ensaio e textos. Campinas: Papirus, 1991.

DIAS, Maria Helena Pereira. Hipertexto: outra dimensão para o texto, outro olhar para a educação. **ANPED**, Caxambu, 27a. RA, GT 16. Disponível em : <<http://www.anped.org.br/27/gt16/t168.pdf>>. Acesso em: 08 dez 2005.

DOLLE, J.M. **Para compreender Jean Piaget:** uma iniciação a psicologia genética piagetiana. 3. ed. Rio de Janeiro. Zahar, 1981.

DORIN, Lannoy. **Psicologia do desenvolvimento.** SP: Ed do Brasil, 1982.

DURAO, Fabio. **As artes em nó.** Alea. [on-line]. jan./jul. 2003, vol.5, no.1 [citado 21 Julho 2005], p.47-60. [on-line] Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2003000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 jul 2005

FERNANDES, Heloísa Rodrigues. **Infância e modernidade:** doença no olhar. In: GHIRALDELLI, Paulo Jr. (org). **Infância, escola e modernidade.** Curitiba: Ed Cortez, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0.** [s.l.]: Positivo Informática, 2004. CD-ROM.

FERRERO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** 21. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FILÉ, Valter. Para pensarmos a comunicação. **ANPED**, Caxambu, 25a. RA, GT 16. Disponível em : < <http://www.anped.org.br/25/josevalterpereirat16.rtf>>. Acesso em: 08 dez 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 37. ed. Rio de Janeiro: Paz na Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia.** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz na Terra, 1999.

GADOTTI, M. **A voz do biógrafo brasileiro**: a prática à altura do sonho. [on-line] via URL: <http://www.ppbr.com/ipf/bio/brasileiro.html>. Acessado em 15/04/2000.

GHIRALDELLI, Paulo Jr. (org). **Infância, escola e modernidade**. Curitiba: Ed Cortez, 1997.

GOLDIN, J.R. **Princípio da autonomia ou do respeito à pessoa**. <http://www.ufrgs.br/HCPA/gppg/autonomi.htm>. Acessado em 01/02/2001.

GOMES, Márcia Magalhães. **O mal-estar na civilização**: a influência da tecnologia e o papel da educação. ANPED, Caxambu, 24a. RA, GT 16. Disponível em : <<http://www.anped.org.br/24/T1620607453890.doc>>. Acesso em: 08 dez 2005.

GOMES, Nilza Godoy; BELLONI, Maria Luiza. **Os recursos das tic para potencializar a aprendizagem de crianças e jovens em situação de risco social**. [20--?] Edição fac-similar.

GUIDO, Lucia de Fatima Estevinho. Os meios de comunicação social e sua influência na representação de ambiente em alunos do ensino fundamental. **ANPED**, Caxambu, 23a. RA, GT 16. Disponível em : <<http://www.anped.org.br/23/textos/1603p.PDF>>. Acesso em: 08 dez 2005.

Home page. [on-line]. Disponível em <<http://www.conection.com.br/Homepage.htm>>. Acesso em 06 ago 05

LAKATOS, M^a Eva [et. al.] **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LOPES, Gabriela. **HOLOFOTE**. [on-line] Disponível em: <http://www.soudeatitude.org.br/holofote_imp/passe_sc/>. Acesso em 20 ago 2005

LYRA, Jorge, MEDRADO, Benedito, NASCIMENTO, Pedro, et all. “A gente não pode fazer nada, só podemos decidir sabor de sorvete”. Adolescentes: de sujeito de necessidades a um sujeito de direitos. In: **Cadernos CEDES**. v. 22 n. 57, agosto/2002 [on-line] Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 11 abr 2006.

MACHADO, Arlindo. Hipermídia: o labirinto como metáfora. In: DOMINGUES, Diana (org.). **A Arte no Século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

MAKOSKY, Jane; BELLONI, Maria Luiza. **Constituições de funções cognitivas e socioculturais em crianças em situação de risco por meio de tecnologias de informação e comunicação**. [20--?] Edição fac-similar.

MINISTÉRIO PÚBLICO DE SC. **Clipping 19 dez 2002**. [on-line] Disponível em <http://www.mp.sc.gov.br/canal_mpssc/clipping/jornal_dc/dc_021219.htm>. Acesso em 23 set 2004

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Brasília: Cortez, 2002.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito?. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 7, n. 1, 2002. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 Mar 2007

O que é um Blog?. [on-line]. Disponível em:
<<http://www.interney.net/blogfaq.php?p=6490966>>. Acesso em 05 ago 05

PAIVA, Claudio Cardoso. **Walter Benjamin e a imaginação cibernética**: Experiência e comunicabilidade na era do virtual. [on-line] URL:
<<http://ubista.ubi.pt/~comum/cardoso-claudio-paiva-walter-benjamin.html>>. Acesso em 05 jul 2005.

PASTORE, José. **Emprego**. [on-line] Disponível em
<<http://www.josepastore.com.br/artigos/emprego/077.htm>>. Acesso em 16 ago 05. 1999

PIACENTINI, Telma Anita. **O Morro da Caixa D'água: O significado político-pedagógico dos movimentos de educação popular na periferia de Florianópolis – Santa Catarina**. Florianópolis: Ed da UFSC, 1991

PIAGET, J. **Estudos Sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

PINTO, Janeth; BARRETO, Maria Augusta Olivieri Sá; MARTINS, Guilherme Teixeira Azeredo; PAES, Edalma Ferreira; RODRIGUES, Sandro da Costa. O impacto das novas tecnologias sobre a construção/produção do conhecimento. **ANPED**, Caxambu, 23a. RA, GT 16. Disponível em :
<<http://www.anped.org.br/23/textos/1609p.PDF>>. Acesso em: 08 dez 2005.

RIBEIRO, José Carlos S. & JUCÁ, Vlândia Jamile. **Hipertextualidade e cultura contemporânea**. [on-line] Disponível em < <http://www.facom.ufba.br/hipertexto/cultura.html>> . Acesso em 07 set 2005.

RUIZ, Adriano Rodrigues. Internet e autonomia: um estudo exploratório. **ANPED**, Caxambu, 27a. RA, GT 16. Disponível em :
<<http://www.anped.org.br/27/gt16/t161.pdf>>. Acesso em: 08 dez 2005.

SARAIVA, Karla. Linguagens internauticas e viagens ciberespaciais. **ANPED**, Caxambu, 27a. RA, GT 16. Disponível em :
<<http://www.anped.org.br/27/gt16/t166.pdf>>. Acesso em: 08 dez 2005.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**: teorias da educação. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988

SILVA, Genilson Conceição da. **EDUCAÇÃO PARA A MÍDIA – Uma proposta educacional de leitura crítica dos meios de comunicação**. **ANPED**, Poços de Caldas, 26a. RA, GT 16. Disponível em :
<<http://www.anped.org.br/26/posteres/genilsonconceicaosilva.rtf>>. Acesso em: 08 dez 2005.

SILVA, Isaque Marinho da. **O estado de direito e seus limites**. Disponível em: <<http://www.portaltributario.com.br/artigos/estadodedireito.htm>>. Acesso em 19 jun 2005.

SILVA, Luciene Pazinato da. A internet na cultura escolar. **ANPED**, Caxambu, 25a. RA, GT 16. Disponível em : <<http://www.anped.org.br/25/posteres/lucienepazinatosilvap16.rtf>>. Acesso em: 08 dez 2005.

SILVA, Sheyla Pinto da. **Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes**. Campinas-SP: Cad. CEDES, Vol 22 n. 57, 2002.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Exclusão digital**: a miséria na era da informação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

SIMIONATO, Ivete, **GRAMSCI: sua teoria, incidência no Brasil, influência no serviço social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SOARES, Ademilson de Sousa. Comunicação e educação: teoria, método e pesquisa. . **ANPED**, Caxambu, 28a. RA, GT 16. Disponível em : <<http://www.anped.org.br/28/textos/gt16/gt16182int.rtf>>. Acesso em 08 dez 2005.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventude e políticas públicas no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, n. 24, 2003.

VIANNA, **A idade média**: Uma reflexão sobre o mito da juventude na cultura de massa. [on-line] URL: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie121empdf.pdf>> Acesso em 03 jul 05

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. SP: Martins fontes, 1993.

WIGGERS, Verena. **A educação infantil no projeto educacional-pedagógico municipal**. Florianópolis, 2000.

7. Anexos

Anexo I

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Questionário

Identificação:

Nome: _____

Escola: _____ série: _____

Data de nascimento: ____/____/____
Dia Mês Ano

Sexo: ☐ masculino ☐ feminino

Profissão dos adultos com quem mora: _____

Você usa Internet? Com que frequência?

- ☐ nunca usei
☐ não uso com frequência
☐ uso uma ou duas vezes por semana
☐ uso de três a seis vezes por semana
☐ uso diariamente. Em média quantas horas por dia? ____

Em caso afirmativo, durante a semana normalmente você utiliza a Internet onde:

O que é a Internet para você?

Explique na forma de um resumo:

As repostas a todas as perguntas contidas neste questionário permanecerão estritamente confidenciais e serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa.

Anexo II

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Questionário não uso**Identificação:**

Nome: _____

Escola: _____ série: _____

Seu parecer, sua opinião sobre a internet

34. Eis uma série de frases que exprimem algumas opiniões sobre a Internet.
Para cada frase assinale (✓) a alternativa que se aproxima MELHOR DE SUA
OPINIÃO.

Mesmo que você nunca tenha usado a Internet, procure dar a sua opinião.

a. “A Internet é revolucionária.”

- ☐ 1 – Discordo completamente
☐ 2 – Discordo muito
☐ 3 – Concordo muito
☐ 4 – Concordo completamente
☐ 5 – Não sei

b. “É melhor aprender com a Internet, do que com os livros.”

- ☐ 1 – Discordo completamente
☐ 2 – Discordo muito
☐ 3 – Concordo muito
☐ 4 – Concordo completamente
☐ 5 – Não sei

c. “Internet é uma perda de tempo.”

- ☐ 1 – Discordo completamente
☐ 2 – Discordo muito
☐ 3 – Concordo muito
☐ 4 – Concordo completamente
☐ 5 – Não sei

d. “A Internet permite melhorar a comunicação entre as pessoas.”

- ☐ 1 – Discordo completamente
☐ 2 – Discordo muito
☐ 3 – Concordo muito
☐ 4 – Concordo completamente
☐ 5 – Não sei

e. “Quando se tem Internet em casa, se conversa menos.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

f. “Se usando a Internet se aprende muito facilmente.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

g. “Uma vez que se inicia a usar a Internet, não se pode ficar sem ela.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

h. “Frequentemente é difícil encontrar aquilo que se procura na Internet.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

i. “Internet é sobretudo um meio para se divertir.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

j. “É necessário controlar aquilo que está na Internet (sites perigosos, pornográficos, racistas, violentos, etc ...)

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

k. “Para fazer uma pesquisa os livros são mais eficazes que a Internet.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

l. “A Internet é uma ameaça para a língua portuguesa.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente

☐5 – Não sei

m. . “Quando se tem Internet em casa, acaba-se vendo menos televisão.”

☐1 – Discordo completamente

☐2 – Discordo muito

☐3 – Concordo muito

☐4 – Concordo completamente

☐5 – Não sei

n. “Para usar a Internet é preciso ter-se um bom conhecimento de informática.”

☐1 – Discordo completamente

☐2 – Discordo muito

☐3 – Concordo muito

☐4 – Concordo completamente

☐5 – Não sei

o. “Para usar a Internet é preciso conhecer bem o inglês.”

☐1 – Discordo completamente

☐2 – Discordo muito

☐3 – Concordo muito

☐4 – Concordo completamente

☐5 – Não sei

p. “Dentro de alguns anos, ter acesso a Internet em casa, será tão comum como ter hoje em dia, televisão ou telefone.”

☐1 – Discordo completamente

☐2 – Discordo muito

☐3 – Concordo muito

☐4 – Concordo completamente

☐5 – Não sei

q. “No futuro as pessoas comprarão quase tudo pela/na Internet.”

☐1 – Discordo completamente

☐2 – Discordo muito

☐3 – Concordo muito

☐4 – Concordo completamente

☐5 – Não sei

r. “No mundo do trabalho da próxima geração, ocorrerá uma dominação da Internet.”

☐1 – Discordo completamente

☐2 – Discordo muito

☐3 – Concordo muito

☐4 – Concordo completamente

☐5 – Não sei

s. “A Internet substituirá a televisão.”

☐1 – Discordo completamente

☐2 – Discordo muito

☐3 – Concordo muito

☐4 – Concordo completamente

☐5 – Não sei

t. “Habitualmente, pode-se confiar nas informações que encontramos na Internet.”

☐1 – Discordo completamente

☐2 – Discordo muito

- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

u. “A Internet irá substituir a escola.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

Informações complementares

35. Quantos irmãos você tem? _____
 Quantos anos eles tem? _____

36. Quantas irmãs você tem? _____
 Quantos anos eles tem? _____

37. Seu pai trabalha:

- ☐1 – Sim. Que trabalho ele faz (exemplo: professor, mecânico, etc ...) _____

☐ Não sei
- ☐2 – Não (aposentado, estudante, etc ...)
- ☐3 – Não (desempregado)
☐ Não sei

38. Sua mãe trabalha:

- ☐1 – Sim. Que trabalho ela faz (exemplo: professora, secretária, etc ...) _____

☐ Não sei
- ☐2 – Não (aposentada, estudante, etc ...)
- ☐3 – Não (desempregada)
☐ Não sei

39. Qual das frases a seguir, melhor descreve sua situação:

- ☐1 – Moro com meus dois pais
- ☐2 – Moro com apenas um dos meus pais (ou com o pai, ou com a mãe)
- ☐3 – Moro um pouco com meu pai, um pouco com minha mãe.
- ☐4 – Moro com outra pessoa. (avó, tio, prima, etc ...)

40. Que língua você fala mais frequentemente em casa?

- ☐1 – O português
- ☐2 – Outra língua. Especifique: _____
- ☐3 – Tanto uma quanto outra.

41. Que conhecimento você tem do inglês

a. Falo inglês:

- ☐1- nada
- ☐2 – um pouco
- ☐3 – bastante bem
- ☐4 – muitíssimo bem

b. Entendo inglês

- ☐1 – Nada
- ☐2 – um pouco
- ☐3 – bastante bem
- ☐4 – muitíssimo bem

42. Você tem um computador em casa?

Se você mora em mais de uma casa, assinale sim, se você tiver um computador ao menos em uma das casas.

- ☐1 – Sim
- ☐2 – Não

Se você assinalou a alternativa “1 – Sim” responda as seguintes perguntas.

Se você respondeu “2 – Não”, você acabou de responder ao questionário. Obrigado pela sua disponibilidade.

43. Em casa, uso o computador ...

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – ocasionalmente
- ☐4 – freqüentemente
- ☐5 – muito freqüentemente

44. Quem usa mais o computador em casa...

- ☐1 – os filhos
- ☐2 – os pais
- ☐3 – tanto os filhos, quanto os pais

45. Quanto ao computador em casa é ...

- ☐1 – para resolver, sobretudo, as minhas tarefas
- ☐2 – para me divertir (jogos, informações sobre o que me apaixona)
- ☐3 – Tanto para minhas tarefas, como para meu divertimento

46. Em casa onde se encontra o computador? (Se há mais de um, pode assinalar mais de uma alternativa)

- ☐1 – Sala de televisão, sala de visitas, sala de jogos
- ☐2 – numa local que serve de escritório
- ☐3 – no quarto de meus pais
- ☐4 – no quarto de meu irmão ou de minha irmã
- ☐5 – no meu quarto

As repostas a todas as perguntas contidas neste questionário permanecerão estritamente confidenciais e serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa.

Anexo III

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Questionário de uso**Identificação:**

Nome: _____

Escola: _____ série: _____

O teu uso da Internet

1. A primeira vez que utilizei a Internet, foi ...

✓ Assinale só uma alternativa

☐ 1 – em casa☐ 2 – na escola☐ 3 – na biblioteca☐ 4 – no local de trabalho de um dos meus pais☐ 5 – na casa de um amigo☐ 6 – numa lan house☐ 7 – outro lugar, especifique onde _____☐ 8 – não me recordo

2. Utilizei a Internet pela primeira vez ...

✓ assinale só uma alternativa

☐ 1 – a menos de 1 mês☐ 2 – faz de 1 a 6 meses☐ 3 – faz de 6 meses a 1 ano☐ 4 – faz de 1 a 2 anos☐ 5 – mais de 2 anos**Internet em casa**

3. Assinale com um X entre as quatro próximas frases aquela que melhor se adapta a você (o domicílio é o lugar no qual você mora).

☐ 1 – Tenho um só domicílio e não há conexão com a Internet neste domicílio.☐ 2 – Tenho mais de um domicílio (exemplo: vivo um pouco na casa de meu pai, um pouco com minha mãe) e não há conexão com a Internet em nenhum dos dois domicílios.☐ 3 – Tenho um só domicílio e há conexão com a Internet neste domicílio.☐ 4 – Tenho mais de um domicílio (exemplo: vivo um pouco na casa de meu pai, um pouco com minha mãe) e há conexão com a Internet ao menos em um dos dois domicílios.

Se você assinalou a alternativa 1 ou a alternativa 2, vá diretamente a seção “Internet na Escola”, sem responder as questões de 19 a 29.

Se você assinalou a alternativa 3 ou alternativa 4, responda as perguntas a seguir.

4. Em casa, temos Internet desde ...

☐ 1 – menos de 1 mês☐ 2 – de 1 a 6 meses

- ☐3 – de 6 meses a 1 ano
- ☐4 – mais de 1 ano
- ☐5 – não sei
- ☐6 – não temos mais Internet em casa

Se você assinalou a alternativa 6, vá diretamente a seção “Internet na escola”, sem responder as perguntas de 20 a 29.

5. Em casa, nossa assinatura permite utilizar a Internet ...

- ☐1 – quantas horas queremos
- ☐2 – só por um certo número de horas por mês
- ☐3 – não sei

6. Em casa, utilizo a Internet ...

- ☐1 – uma ou duas vezes
- ☐2 – mais de três vezes
- ☐3 – diariamente

7. Em geral, aos finais de semana (sábado e domingo), quanto tempo você passa na Internet?

- ☐1 – menos de meia hora por dia
- ☐2 – entre meia hora e 1 hora por dia
- ☐3 – entre 1 hora e 2 horas por dia
- ☐4 – mais de 2 horas por dia. Quantas: _____

8. Em geral, durante a semana (segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira e sexta-feira), quanto tempo você passa na Internet?

- ☐1 – menos de meia hora por dia
- ☐2 – entre meia hora e 1 hora por dia
- ☐3 – entre 1 hora e 2 horas por dia
- ☐4 – mais de 2 horas por dia. Quantas: _____

9. Em casa, meus pais impõem um limite de tempo para navegar na Internet?

- ☐1 – Sim
- ☐2 – Não

10. Meus pais querem saber o que faço na Internet

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

11. Em casa, uso a Internet...

a. Com meus irmãos e irmãs

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

b. Com amigos

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

c. Com meu pai e/ou minha mãe

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

d. Sozinho

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

12. Quem usa mais a Internet em sua casa?

- ☐1 – os adultos
- ☐2 – as crianças e os adolescentes

13. Quando uso a Internet em casa é ...

- ☐1 – para resolver as minhas tarefas
- ☐2 – para me divertir (jogos, informações sobre o que me apaixona)
- ☐3 – Tanto para minhas tarefas, como para meu divertimento

14. Desde que tenho Internet em casa...

a. Vejo televisão

- ☐1 – Menos do que antes
- ☐2 – Do mesmo modo
- ☐3 – Mais do que antes
- ☐4 – Não tenho televisão

b. Vejo videocassete ou DVD

- ☐1 – Menos do que antes
- ☐2 – Do mesmo modo
- ☐3 – Mais do que antes
- ☐4 – Não tenho videocassete

c. Jogos com video game (nintendo, Play Station, Sega, etc ...)

- ☐1 – Menos do que antes
- ☐2 – Do mesmo modo
- ☐3 – Mais do que antes
- ☐4 – Não tenho video game

d. Escuto músicas

- ☐1 – Menos do que antes
- ☐2 – Do mesmo modo
- ☐3 – Mais do que antes
- ☐ Não tenho aparelho de som em casa

e. Leio, por prazer ou diversão, livros e/ou revistas

- ☐1 – Menos do que antes
- ☐2 – Do mesmo modo
- ☐3 – Mais do que antes
- ☐ não tenho livros e/ou revistas

f. Fico em casa

- ☐1 – Menos do que antes

- ☐2 – Do mesmo modo
- ☐3 – Mais do que antes

Internet na Escola

15. A primeira vez que utilizei a Internet na escola, foi ...

- ☐1 – Este ano
- ☐2 – Ano passado ou antes
- ☐3 – Nunca utilizei a Internet na escola

Se você assinalou a alternativa 1 ou a alternativa 2, responda as perguntas seguintes.
Se você assinalou a alternativa 3 vá diretamente à seção “Tua opinião. Teu parecer sobre a Internet”

16. Este ano utilizei a Internet na escola...

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

17. Na escola quando entrei na Internet, foi ...

a. Durante as aulas

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

b. Fora do horário de aula (exemplo: no período contrário ao de meu horário de estudo ou depois do horário da aula)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

18. Na escola quando entro na Internet, é ...

- ☐1 – para resolveras minhas tarefas
- ☐2 – para me divertir (jogos, informações sobre o que me apaixona)
- ☐3 – Tanto para minhas tarefas, como para meu divertimento

Seu parecer, sua opinião sobre a internet
--

19. Eis uma série de frases que exprimem algumas opiniões sobre a Internet.
Para cada frase assinale (✓) a casa que se aproxima MELHOR DE SUA OPINIÃO.
Mesmo que você nunca tenha usado a Internet, procure dar a sua opinião.

a. “A Internet é revolucionária.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

b. “É mais bonito aprender com a Internet, do que com os livros.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

c. “Internet é uma perda de tempo.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

d. “A Internet permite melhorar a comunicação entre as pessoas.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

e. “Quando se tem Internet em casa, acaba-se conversando menos.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

f. “Se usando a Internet se aprende muito facilmente.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

g. “Uma vez que se inicia a usar a Internet, não se pode ficar sem ela.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

h. “Frequentemente é difícil encontrar aquilo que se procura na Internet.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

i. “Internet é sobretudo um meio para se divertir.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

j. “É necessário controlar aquilo que está na Internet (sites perigosos, pornográficos, racistas, violentos, etc ...)

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

k. “Para fazer uma pesquisa os livros são mais eficazes que a Internet.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

l. “A Internet é uma ameaça para a língua portuguesa.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

m. . “Quando se tem Internet em casa, acaba-se vendo menos televisão.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

n. “Para usar a Internet é preciso ter-se um bom conhecimento de informática.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

o. “Para usar a Internet é preciso conhecer bem o inglês.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

p. “Dentro de alguns anos, ter acesso a Internet em casa, será tão comum como ter hoje em dia, televisão ou telefone.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

q. “No futuro as pessoas comprarão quase tudo pela/na Internet.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

r. “No mundodo trabalho da próxima geração, ocorrerá uma dominação da Internet.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

s. "A Internet substituirá a televisão."

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

t. "Habitualmente, pode-se confiar nas informações que encontramos na Internet."

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

u. "A Internet irá substituir a escola."

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

Informações complementares

20. Quantos irmãos você tem? _____
Quantos anos eles tem? _____

21. Quantas irmãs você tem? _____
Quantos anos elas tem? _____

24. Qual das frases a seguir, melhor descreve sua situação:

- ☐1 – Moro com meus dois pais
- ☐2 – Moro com apenas um dos meus pais (ou com o pai, ou com a mãe)
- ☐3 – Moro um pouco com meu pai, um pouco com minha mãe.
- ☐4 – Moro com outra pessoa. (avó, tio, prima, etc ...)

25. Que língua você fala mais frequentemente em casa?

- ☐1 – O português
- ☐2 – Outra língua. Especifique: _____
- ☐3 – Tanto uma quanto outra.

26. Que conhecimento você tem do inglês

a. Falo inglês:

- ☐1 – nada
- ☐2 – um pouco
- ☐3 – bastante bem
- ☐4 – muitíssimo bem

b. Entendo inglês

- ☐1 – nada
- ☐2 – um pouco
- ☐3 – bastante bem
- ☐4 – muitíssimo bem

27. Você tem um computador em casa?

Se você mora em mais de uma casa, assinale sim, se você tiver um computador ao menos em uma das casas.

☐1 – Sim

☐2 – Não

Se você assinalou a alternativa “1 – Sim” responda as perguntas seguintes.

Se você respondeu “2 – Não”, você acabou de responder ao questionário. Obrigado pela sua disponibilidade.

28. Em casa, uso o computador ...

☐1 – nunca

☐2 – raramente

☐3 – freqüentemente

☐4 – sempre

29. Quem usa mais o computador em casa...

☐1 – os adultos

☐2 – as crianças e os adolescentes

☐3 – tanto os adultos, quanto as crianças e os adolescentes

30. Quanto ao computador em casa é ...

☐1 – para resolver, sobretudo, as minhas tarefas

☐2 – para me divertir (jogos, informações sobre o que me apaixona)

☐3 – Tanto para minhas tarefas, como para meu divertimento

31. Em casa onde se encontra o computador? (Se há mais de um, pode assinalar mais de uma alternativa)

☐1 – Sala de televisão, sala de visitas, sala de jogos

☐2 – numa local que serve de escritório

☐3 – no quarto de meus pais

☐4 – no quarto de meu irmão ou de minha irmã

☐5 – no meu quarto

As repostas a todas as perguntas contidas neste questionário permanecerão estritamente confidenciais e serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa.

Anexo IV

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Questionário uso freqüente**Identificação:**

Nome: _____

Escola: _____ série: _____

O teu uso da Internet

2. A primeira vez que utilizei a Internet, foi ...

✓ Assinale só uma alternativa

☐ 1 – em casa☐ 2 – na escola☐ 3 – na biblioteca☐ 4 – no local de trabalho de um dos meus pais☐ 5 – na casa de um amigo☐ 6 – numa lan house☐ 7 – outro lugar, especifique onde _____

☐ 8 – não me recordo

3. Utilizei a Internet pela primeira vez ...

✓ assinale só uma alternativa

☐ 1 – a menos de 1 mês☐ 2 – faz de 1 a 6 meses☐ 3 – faz de 6 meses a 1 ano☐ 4 – faz de 1 a 2 anos☐ 5 – mais de 2 anos

5. Eis uma série de atividades que podemos fazer na Internet. Para cada tipo de atividade, assinale a alternativa que descreve melhor o seu modo de utilizar a Internet.

Em geral, quando você usa a Internet ...

a. Visita sites (páginas Web)

☐ 1 – nunca☐ 2 – raramente☐ 3 – freqüentemente☐ 4 – sempre

b. Procuro informações de interesse pessoal

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

c. Procuro informações para resolver trabalhos escolares

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

d. Utilizo os meios de pesquisa (google, yahoo, Altavista)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

e. Jogo em tempo real junto com outros usuários da Internet.

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

f. Comunico-me em tempo real com outros usuários da Internet (por exemplo, MSN, chat, IRC)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

g. Envio mensagens de correio eletrônico (e-mail)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

h. Participo de grupos de discussão (news groups)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

i. Respondo a sondagens e questionários

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

j. Procuro imagens

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

k. Vejo vídeos ou escuto músicas (mp3)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

l. Baixo (faço download) de jogos de vídeo ou softwares (programas)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

m. Envio ou adquiro produtos (por exemplo: discos, revistas. No caso do envio o uso do mercado livre)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

n. Deixo observações (comentários, recados) nos sites que visito

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

o. Crio páginas Web

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

p. Clico nas mensagens publicitárias (banners)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

q. Desenvolve regularmente, na Internet, alguma atividade que não foi mencionada acima. Qual ? _____

6. Meus três sites preferidos na Internet são:

1. _____
2. _____
3. _____

7. Habitualmente, quando navego na Internet, visito sites de ...

a. Atualidades e informações (boletins de notícias de rádios, televisões, jornais, suplementos especiais, etc ...)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

b. Arte, espetáculos, divertimento (cinema, televisão, conjuntos musicais, novelas, moda, etc ...)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

c. Esporte (futebol, vôlei, surf, etc ...)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

d. Negócios e economia (procura de empregos, empresas de bens e serviços, etc ...)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

e. Educação (sites educativos, informações sobre escolas, informações sobre programas escolares, etc ...)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

f. Descobertas geográficas (regiões do país e do mundo, cidades e países, seus habitantes ...)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

g. Informática e Internet (multimídia, softwares, atualizações, etc ...)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

h. Ciência e tecnologia (ciência natural, astronomia, ecologia, biologia, etc ...)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

i. Política e instituições (governo, senado, câmara dos deputados, assembléia legislativa, prefeitura, serviços públicos, etc)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

j. Informações de interesse público (meteorologia, mapas, páginas amarelas, etc)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

k. Ciências humanas (história, civilização, religiões, psicologia, etc)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

l. Tempo livre (hobby, lazer, etc)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

m. Jogos (jogos de vídeo, simulação, jogos de guerra, RPG, etc)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

n. comunicação on-line (chat, fórum, grupo de discussão, debates, etc)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

o. Outros tipos de sites. Especifique:

- ☐1 – nunca

- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

8. Retorno aos sites de Internet que já visitei ...

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

9. Quando utilizo a Internet, imprimo a página que aparece na tela, para posterior consulta ...

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

10. freqüento sites de Internet em língua portuguesa ...

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

11. Frequento sites de Internet em língua inglesa ...

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

12. Frequento sites de Internet em outra língua. Especifique qual (is):

-
- ☐1 – nunca
 - ☐2 – raramente
 - ☐3 – freqüentemente
 - ☐4 – sempre

13. Habitualmente, quando navego na Internet ...

a. Navego clicando sobre palavras e imagens

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

b. Procuro sites precisos servindo-me das ferramentas de pesquisa: yahoo. Google, altavista, etc ...

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

c. Entro nos sites digitando os endereços (por exemplo: <http://www. ...>)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente

- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

d. Uso as sinalizações (favoritos ou bookmarks ...)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

e. Procuro encontrar sites imaginando os endereços ...

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

14. Em geral, descubro sites da Internet graças ...

a. Aos meus amigos

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

b. A irmãos e irmãs

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

c. Aos meus pais

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

d. Aos meus professores

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

e. A televisão e ao rádio

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

f. A revistas e jornais

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

g. A outros sites de Internet

- ☐1 – nunca

- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

h. De outra forma. Especifique...

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

15. Fiz novos amigos na Internet?

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

16. Uso a Internet de amigos ...

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

17. Uso a Internet no local de trabalho de meu pai ou de minha mãe...

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

Internet em casa

18. Assinale com um X entre as quatro próximas frases aquela que melhor se adapta a você (o domicílio é o lugar no qual você mora).

- ☐1 – Tenho um só domicílio e não há conexão a Internet neste domicílio.
- ☐2 – Tenho mais de um domicílio (exemplo: vivo um pouco na casa de meu pai, um pouco com minha mãe) e não há conexão a Internet em nenhum dos dois domicílios.
- ☐3 – Tenho um só domicílio e há conexão a Internet neste domicílio.
- ☐2 – Tenho mais de um domicílio (exemplo: vivo um pouco na casa de meu pai, um pouco com minha mãe) e há conexão a Internet ao menos em um dos dois domicílios.

Se você assinalou a alternativa 1 ou a alternativa 2, vá diretamente a seção “Internet na Escola”, sem responder as questões de 19 a 29.

Se você assinalou a alternativa 3 ou alternativa 4, responda as perguntas a seguir.

19. Em casa, temos Internet desde ...

- ☐1 – menos de 1 mês
- ☐2 – de 1 a 6 meses
- ☐3 – de 6 meses a 1 ano
- ☐4 – mais de 1 ano
- ☐5- não sei
- ☐6 – não temos mais Internet em casa

Se você assinalou a alternativa 6, vá diretamente a seção “Internet na escola”, sem responder as perguntas de 20 a 29.

20. Em casa, nossa assinatura permite utilizar a Internet ...

- ☐1 – quantas horas queremos
- ☐2 – só por um certo número de horas por mês
- ☐3 – não sei

21. Em casa, utilizo a Internet ...

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

22. Em geral, em uma jornada de final de semana (sábado e domingo), quanto tempo você passa na Internet?

- ☐1 – menos de meia hora por dia
- ☐2 – entre meia hora e 1 hora por dia
- ☐3 – entre 1 hora e 2 horas por dia
- ☐4 – mais de 2 horas por dia. Quantas: _____

23. Em geral, em uma jornada de semana (segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira e sexta-feira), quanto tempo você passa na Internet?

- ☐1 – menos de meia hora por dia
- ☐2 – entre meia hora e 1 hora por dia
- ☐3 – entre 1 hora e 2 horas por dia

☐4 – mais de 2 horas por dia. Quantas: _____

24. Em casa, meus pais impõem um limite de tempo para navegar na Internet?

☐1 – Sim

☐2 – Não

25. Meus pais querem saber o que faço na Internet

☐1 – nunca

☐2 – raramente

☐3 – freqüentemente

☐4 – sempre

26. Em casa, uso a Internet...

a. Com meus irmãos e irmãs

☐1 – nunca

☐2 – raramente

☐3 – freqüentemente

☐4 – sempre

b. Com amigos

☐1 – nunca

☐2 – raramente

☐3 – freqüentemente

☐4 – sempre

c. Com meu pai e/ou minha mãe

☐1 – nunca

☐2 – raramente

☐3 – freqüentemente

☐4 – sempre

d. Sozinho

☐1 – nunca

☐2 – raramente

☐3 – freqüentemente

☐4 – sempre

27. Quem usa mais a Internet em sua casa?

☐1 – os pais

☐2 – os filhos

28. Quando uso a Internet em casa é ...

☐1 – para resolver, sobretudo, as minhas tarefas

☐2 – para me divertir (jogos, informações sobre o que me apaixona)

☐3 – Tanto para minhas tarefas, como para meu divertimento

29. Desde que há Internet em minha casa...

a. Vejo televisão

☐1 – Menos do que antes

☐2 – Do mesmo modo

☐3 – Mais do que antes

☐4 – Não tenho televisão

b. Vejo videocassete

- ☐1 – Menos do que antes
- ☐2 – Do mesmo modo
- ☐3 – Mais do que antes
- ☐4 – Não tenho videocassete

c. Jogos com vídeo-game (nintendo, Play station, Sega, etc ...)

- ☐1 – Menos do que antes
- ☐2 – Do mesmo modo
- ☐3 – Mais do que antes
- ☐4 – Não tenho vídeo game

d. Escuto musicas

- ☐1 – Menos do que antes
- ☐2 – Do mesmo modo
- ☐3 – Mais do que antes

e. Leio, por prazer ou diversão, livros e/ou revistas

- ☐1 – Menos do que antes
- ☐2 – Do mesmo modo
- ☐3 – Mais do que antes

f. Fico em alternativa

- ☐1 – Menos do que antes
- ☐2 – Do mesmo modo
- ☐3 – Mais do que antes

Internet na Escola

30. A primeira vez que utilizei a Internet na escola, foi ...

- ☐1 – Este ano
- ☐2 – Ano passado ou antes
- ☐3 – Nunca utilizei a Internet na escola

Se você assinalou a alternativa 1 ou a alternativa 2, responda as perguntas seguintes.

Se você assinalou a alternativa 3 vá diretamente à seção “Tua opinião. Teu parecer sobre a Internet”

31. Este ano utilizei a Internet na escola...

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

32. Na escola quando entrei na Internet, foi ...

a. Durante uma aula

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

b. Fora da hora de aula (exemplo: no período contrário ao de meu horário de estudo, depois do horário da aula)

- ☐1 – nunca
- ☐2 – raramente
- ☐3 – freqüentemente
- ☐4 – sempre

33. Na escola quando entro na Internet, é ...

- ☐1 – para resolver, sobretudo, as minhas tarefas
- ☐2 – para me divertir (jogos, informações sobre o que me apaixona)
- ☐3 – Tanto para minhas tarefas, como para meu divertimento

Seu parecer, sua opinião sobre a internet
--

34. Eis uma série de frases que exprimem algumas opiniões sobre a Internet.
Para cada frase assinale (✓) a alternativa que se aproxima MELHOR DE SUA
OPINIÃO.

Mesmo que você nunca tenha usado a Internet, procure dar a sua opinião.

a. “A Internet é revolucionária.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

b. “É mais bonito aprender com a Internet, do que com os livros.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

c. “Internet é uma perda de tempo.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

d. “A Internet permite melhorar a comunicação entre as pessoas.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

e. “Quando se tem Internet em casa, acaba-se conversando menos.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

f. “Se usando a Internet se aprende muito facilmente.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

g. “Uma vez que se inicia a usar a Internet, não se pode ficar sem ela.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

h. “Frequentemente é difícil encontrar aquilo que se procura na Internet.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

i. “Internet é sobretudo um meio para se divertir.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

j. “É necessário controlar aquilo que está na Internet (sites perigosos, pornográficos, racistas, violentos, etc ...)

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

k. “Para fazer uma pesquisa os livros são mais eficazes que a Internet.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

l. “A Internet é uma ameaça para a língua portuguesa.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

m. . “Quando se tem Internet em casa, acaba-se vendo menos televisão.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

n. “Para usar a Internet é preciso ter-se um bom conhecimento de informática.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

o. “Para usar a Internet é preciso conhecer bem o inglês.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

p. “Dentro de alguns anos, ter acesso a Internet em casa, será tão comum como ter hoje em dia, televisão ou telefone.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

q. “No futuro as pessoas comprarão quase tudo pela/na Internet.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

r. “No mundo do trabalho da próxima geração, ocorrerá uma dominação da Internet.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

s. “A Internet substituirá a televisão.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

t. “Habitualmente, pode-se confiar nas informações que encontramos na Internet.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito
- ☐4 – Concordo completamente
- ☐5 – Não sei

u. “A Internet irá substituir a escola.”

- ☐1 – Discordo completamente
- ☐2 – Discordo muito
- ☐3 – Concordo muito

- ☐4 – Concordo completamente
☐5 – Não sei

Informações complementares

35. Quantos irmãos você tem? _____
Quantos anos eles tem? _____

36. Quantas irmãs você tem? _____
Quantos anos eles tem? _____

37. Seu pai trabalha:

- ☐1 – Sim. Que trabalho ele faz (exemplo: professor, mecânico, etc ...) _____

☐ Não sei
☐2 – Não (aposentado, estudante, etc ...)
☐3 – Não (desempregado)
☐ Não sei

38. Sua mãe trabalha:

- ☐1 – Sim. Que trabalho ela faz (exemplo: professora, secretária, etc ...) _____

☐ Não sei
☐2 – Não (aposentada, estudante, etc ...)
☐3 – Não (desempregada)
☐ Não sei

39. Qual das frases a seguir, melhor descreve sua situação:

- ☐1 – Moro com meus dois pais
☐2 – Moro com apenas um dos meus pais (ou com o pai, ou com a mãe)
☐3 – Moro um pouco com meu pai, um pouco com minha mãe.
☐4 – Moro com outra pessoa. (avó, tio, prima, etc ...)

40. Que língua você fala mais frequentemente em casa?

- ☐1 – O português
☐2 – Outra língua. Especifique: _____
☐3 – Tanto uma quanto outra.

41. Que conhecimento você tem do inglês

a. Falo inglês:

- ☐1- nada
☐2 – um pouco
☐3 – bastante bem
☐4 – muitíssimo bem

b. Entendo inglês

- ☐1 – Nada
☐2 – um pouco
☐3 – bastante bem
☐4 – muitíssimo bem

42. Você tem um computador em casa?

Se você mora em mais de uma casa, assinale sim, se você tiver um computador ao menos em uma das casas.

☐1 – Sim

☐2 – Não

Se você assinalou a alternativa “1 – Sim” responda as seguintes perguntas.

Se você respondeu “2 – Não”, você acabou de responder ao questionário. Obrigado pela sua disponibilidade.

43. Em casa, uso o computador ...

☐1 – nunca

☐2 – raramente

☐3 – ocasionalmente

☐4 – freqüentemente

☐5 – muito freqüentemente

44. Quem usa mais o computador em casa...

☐1 – os filhos

☐2 – os pais

☐3 – tanto os filhos, quanto os pais

45. Quanto ao computador em casa é ...

☐1 – para resolver, sobretudo, as minhas tarefas

☐2 – para me divertir (jogos, informações sobre o que me apaixona)

☐3 – Tanto para minhas tarefas, como para meu divertimento

46. Em alternativa onde se encontra o computador? (Se há mais de um, pode assinalar mais de uma alternativa)

☐1 – Sala de televisão, sala de visitas, sala de jogos

☐2 – numa local que serve de escritório

☐3 – no quarto de meus pais

☐4 – no quarto de meu irmão ou de minha irmã

☐5 – no meu quarto

As repostas a todas as perguntas contidas neste questionário permanecerão estritamente confidenciais e serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa.

Anexo V

Entrevista sobre Práticas Culturais e Consumo de Mídia

Nome:

Escola:série: Turma:

Idade: Onde nasceu:

Onde a mãe nasceu: Onde o pai nasceu:

Onde mora: (rua, bairro ou outra forma de identificação)

.....

Com quem mora: (mãe/pai/ irmãos e idades () () () () () outros:

.....

Casa() Apto ()

Número de quartos:

Em que lugar da casa se diverte?

.....

Que lugar fora de casa tem para se divertir: pátio/parque/outros:

.....

Equipamentos de Mídia:

Telefone()

Telefone celular(), com câmera ()

Televisão () Se mais de uma, quantas (). Imagem colorida?() PB ()

Vídeo () DVD ()

Videogame()

Parabólica() Tv por assinatura (NET, DirectTV, Sky ...)()

Rádio() Se mais de um, quantos ()

Walkman/diskman () MP3 player (), Se mais de um, quantos ()

Aparelho de CD () Se mais de um, quantos ()

Computador () Se mais de um, quantos ()

Internet ()

Algum equipamento está quebrado?

.....

Do que gosta mais: Ouvir Rádio() Ver TV() Ler revistinha() Ler livro () Ler revista () Ver Vídeo() Videogame() Computador()

A que horas acorda: _____ O que faz a seguir (descrição):

.....

O que faz depois que volta da escola?

.....

Enquanto brinca, a TV está ligada? () O rádio ou o som? ()

Quando almoça ou janta a TV está ligada? ()

Programa de TV preferido:.....

Por quê.....

Em segundo lugar:

.....

Em terceiro lugar:

.....

Outros programas que vê:

.....

Programa de que menos gosta:.....

Por quê?.....

Assiste a algum programa junto com alguém?

Quais os programas favoritos dos adultos da família?.....

Costuma ouvir música? S() N ()

Contexto:.....

Músicas preferidas (em ordem de preferência):

Alguém lê histórias para você ? S() N () Às vezes ()

Quem?.....

Qual o livro favorito?.....

Alguém lhe conta histórias sem ser de livro? S () N () Às vezes ()

Quem ?.....

Qual a história de que mais gosta?

Alguém na família costuma ler livros? Quem?.....

Que tipos de livros?

Por quê acha que essas pessoas lêem livros?

Alguém na família compra jornais? Quem?

Sabe o Nome do jornal?

Em caso afirmativo, o que acha que essas pessoas lêem no jornal?

Já foi alguma vez ao cinema? S() N () Mais ou menos quantas vezes? ()

Qual o filme de que mais gostou?

Por quê?.....

Já viu alguma peça de teatro? S () N () Onde?

Lembra qual a peça de que mais gostou?

Qual o brinquedo de que mais gosta?

O que faz para se divertir ?

Se pudesse escolher, em que lugar gostaria de morar e por quê?

O que quer ser quando crescer?.....

Por quê?

Se pudesse fazer três pedidos a uma lâmpada maravilhosa, quais seriam eles?

.....

.....

.....

.....

.....

.....